REVISTA DA SEMANA

NO TEXTO:

5 REPORTAGENS

★

SERÁ ISTO EXISTENCIALISMO?

★

"CRIME CONTRA A EUGENÍA"

★

A MORTE DE LINCOLN E O CAFÉ

★

SÓ NÃO ESQUEÇAM O CORPO!

INVERNO E [illegible]
SERRA DA [illegible]



CELESTINO SILVEIRA



N.º 39 ★ 24/9/1949
Cr$ 3,00 em todo o Brasil

OS HÁBITOS ADQUIRIDOS NA INFÂNCIA...





JOAQUIM MENDES

PERDURAM POR TÔDA A VIDA

CONTA POPULAR

Depósito inicial 50,00
Limite 100.000,00
Juros .... 6% ao ano

BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S.A.

CAPITAL Cr$ 60.000.000,00

FILIAL: Av. Presidente Vargas, 509

AGÊNCIAS NO RIO: Bandeira, Castelo, Madureira e Ramos

O primeiro convite que recebi em Nova York foi para uma visita à famosa Cidade do Rádio, não somente aos seus estúdios, mas a tôdas as suas colossais instalações, onde a sensacional prática da televisão constitui motivo de geral atração pública.

Em companhia de um brasileiro que não falava inglês, pus-me a caminho. Íamos a pé porque o meu companheiro, como bom andarilho das terras de Mato Grosso, observara-me judiciosamente, logo ao sairmos do hotel, que não se pode conhecer bem um lugar enlatado num taxi, mesmo a 30 quilômetros por hora, como habitualmente se roda nessa grande metrópole americana.

De pleno acôrdo, descemos a rua 42, atravessamos a elegante 5.ª Avenida, fomos até Times Square, onde nos deixamos ficar algum tempo a ver circular, em caracteres luminosos, na fachada do maior periódico novayorkino, as notícias de última hora de todos os quadrantes da terra. Em seguida, ganhamos a Broadway, justamente nesta altura de **Midtown** que os americanos batizaram de "The Great White Way", em virtude da abundante luminosidade que jorra do frontispício de sua intérmina sucessividade de cinemas e teatros.

★

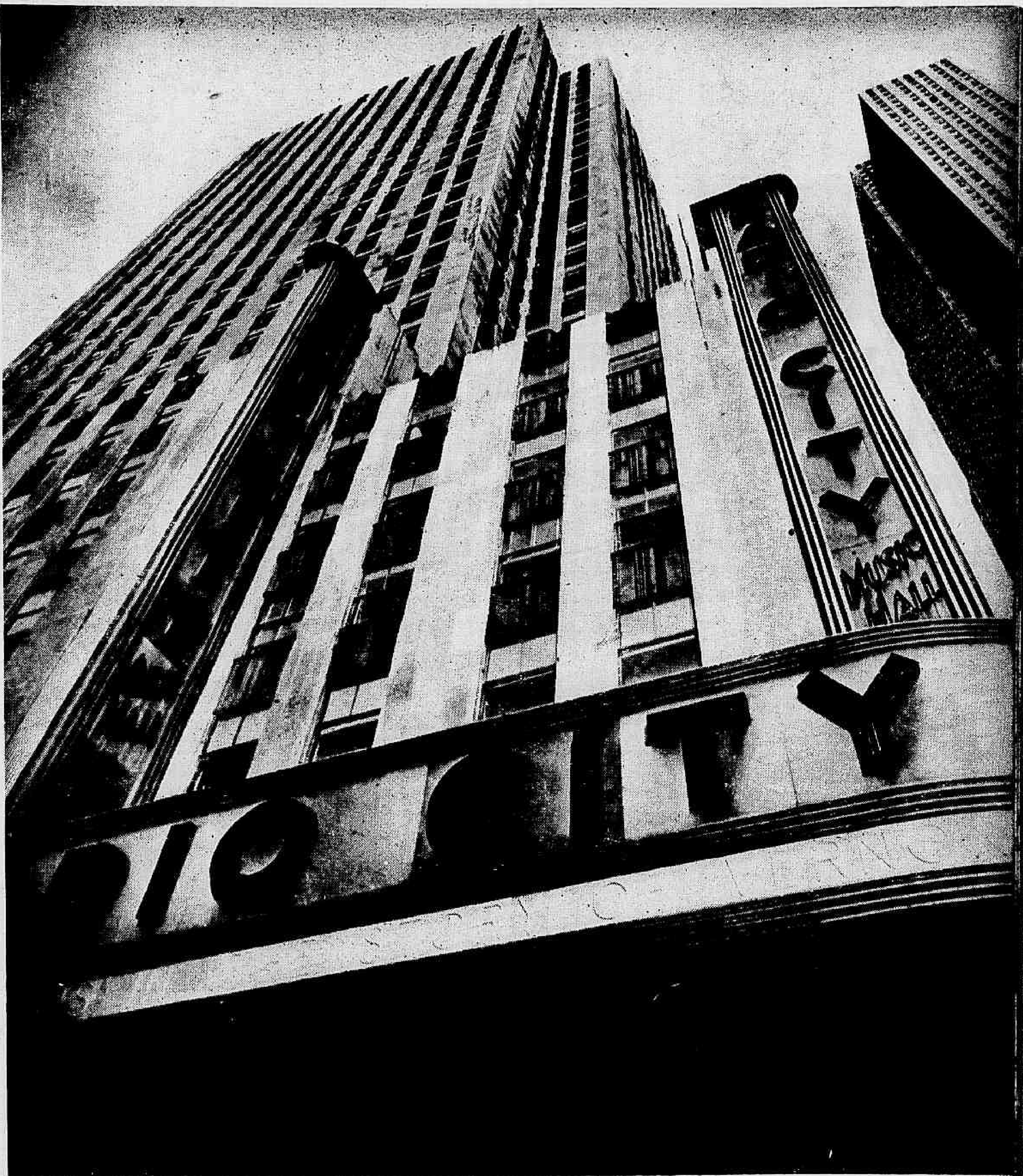
O nosso companheiro gabava-se de conhecer a palmo toda **Manhattan.** Confiado nisso, seguimos Broadway a fora até vê-lo parar numa esquina. Sem discutir a sua orientação, dobramos por uma transversal. Mais alguns blocos adiante, paramos. Novamente nos deixamos levar por outra avenida. Mais uma parada e nova caminhada por outra transversal. Afinal, já estávamos quase "pregados". Foi quando o meu sapiente amigo confessou timidamente que estava confundido. Só tínhamos, então, um remédio para tão lamentável equívoco: interrogarmos alguém sôbre o nosso destino. E como a hora marcada para a visita estivesse prestes a se esgotar, dirigimo-nos, sem perda de tempo, ao primeiro transeunte que encontramos. Mas o apressado cidadão, quase sem nos dar atenção, passou, soprando-nos um imperceptível: "Sorry!". Adiante fizemos nova tentativa e como resposta obtivemos apenas um rápido "Excuse me!".

O nosso amigo desconfiou que não estivéssemos perguntando direito. Protestamos num sorriso e fomos tirar a prova interpelando o jornaleiro da esquina. Raciocinando, porém, que os americanos são maníacos por **"please"**, inquirimos o jornaleiro com um **"please"** no começo e outro no fim da pergunta. O rapaz, entretanto, sem se voltar, respondeu-nos: — **"I don't know!".**

— Que gente imprestável, santo Deus! — rugiu o matogrossense.

— Vamos ver se encontramos um guarda! — objetei. — Um guarda nos orientará facilmente.

Nisso vimos um cidadão parado na esquina, de costas para nós. E ponderamos: — Essa gente aqui anda sempre atarefada, com problemas urgentes e minutos contados. E' natural que não tenha tempo a perder com informações. Mas aquêle cavalheiro ali (e apontamos para o indivíduo que estava parado na esquina) deve estar folgado; vamos ver, portanto, se êle quer cooperar. Preparamos, então, o nosso melhor inglês e marchamos



UMA VISITA Á CIDADE DO RÁDIO

firmes para êle. Amavelmente tocamos no seu ombro: — **"Please...".**

O indivíduo virou-se. E qual não foi a nossa surprêsa quando, dando-nos de cara, ouvi o meu nome num grito, acompanhado da seguinte exclamação: — "Você por aqui!".

Raspamos um susto. Era o Marcos Botelho, meu conterrâneo do Ceará, antigo diretor de Divisão do DASP, que atualmente se encontra em nossa Delegacia do Tesouro em Nova York.

★

Levados pelo cearense, bem depressa chegamos a **Radio City,** que o sabido matogrossense tinha deixado atrás, entre a 5.ª Avenida e a Avenida das Américas, no lugar mais conhecido de **Manhattan,** o **Rockefeller Center.**

À entrada do monumental edifício, sede da original metrópole difusora, um funcionário da casa já nos aguardava para tudo mostrar com abundância de detalhes.

E a nossa visita começou pelo passado. Vimos os aparelhos primitivos, os primeiros estúdios, os microfones rudimentares e célebres pelos astros que neles atuaram, a evolução técnica da emissão do som, os passos ascendentes do aperfeiçoamento materializados em máquinas e ambientes, até culminarem em salas de contrôle sensíveis como cérebros a qualquer defeito na irradiação e a estúdios confortáveis, imponentes e vastos, para milhares e milhares de espectadores.

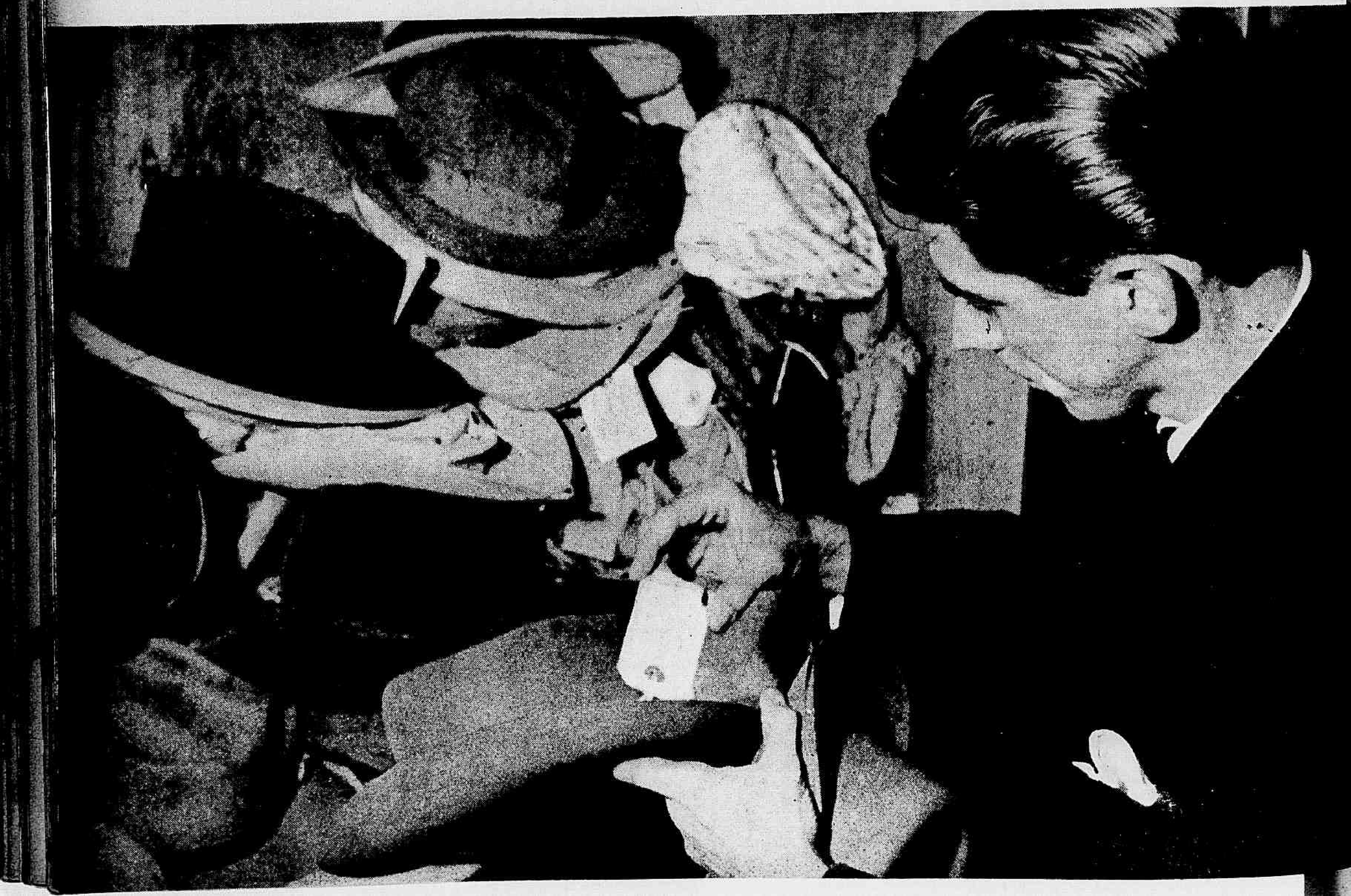
E coroando êsse genial progresso do engenho humano, ostentava-se a televisão, ainda no berço, é verdade, mas já robusta e capaz de encantar e comover os que podem gozar de sua maravilhosa florescência.

MARTINS D'ALVAREZ
(Especial para a "REVISTA DA SEMANA")





Em cima: onde deixei minha capa, meu Deus! Deverão ter exclamado aquêles que em viagem são "sobretudo" distraídos. Em baixo: Chapéu passou a ser objeto de luxo; mas, quando se viaja de avião, ainda é frequente levar um, pelas dúvidas. Resultado: chapéus às dezenas, esquecidos ao têrmo da viagem





Óculos, óculos e mais óculos, de côr, para míopes e presbíopes, astigmáticos e esquecidos incorrigíveis

SÓ NÃO ESQUECEM O CORPO!

A distração humana produz resultados curiosos. Diz-se que o famoso Newton, quando estava abstraído em seus cálculos e problemas sôbre as leis físicas dêste mundo, ficava de tal maneira absorvido com as idéias que lhe bailavam no cérebro, que, certa vez, tendo de tomar uns ovos a la coque, meteu o relógio na chaleira com água quente e ficou com um ovo na mão, olhando os minutos...

Entretanto, se há explicações para casos dêsses, dificilmente achamos razões plausíveis para outros de que são autores certas pessoas incrivelmente distraídas.

Com o desenvolvimento das viagens de avião, apresentando um movimento anual de mais de um milhão de passagens em nossas companhias aeronáuticas, o assunto já permite reportagens interessantes e ilustrativas acêrca do que ocorre em relação aos esquecidos e seus objetos.

Cabe à Panair, naturalmente, o maior número de casos de esquecimentos de coisas pertencentes a passageiros que se servem de seus aviões, pelo fato de possuir essa emprêsa a maior frota e as linhas mais extensas em distâncias e quilometragem aqui e no estrangeiro.

Uma visita ao seu departamento de achados e perdidos, nos proporcionou curioso espetáculo em matéria de esquecimentos. Há ali verdadeiro Museu de objetos perdidos que foram achados e estão à espera dos seus legítimos donos, descuidadamente deixados nos aviões em que viajaram, e recolhidos pelos funcionários da emprêsa a depósitos destinados a êsse fim.

O que torna mais difícil a entrega, é a ausência, muitas vêzes, de papeletas indicativas do nome e residência dos descuidados passageiros em cada objeto encontrado sem dono nas aeronaves.

Como todos sabemos, quando o passageiro embarca, os seus objetos de uso levam uma etiqueta identificadora; sucede, porém, que muitos não fazem uso dessas identificações e, deixados que são tais objetos nos aviões, torna-se difícil saber a quem pertencem. O que seria facílimo confrontando-se a etiqueta com o número da bagagem e, consequentemente, sabendo-se nome e endereço do esquecido.

Neste caso tudo é conduzido ao depósito e ali guardado e etiquetado com tôdas as indicações necessárias a permitir uma identificação do seu legítimo dono, logo que êste procura o objeto perdido e achado pelos funcionários da emprêsa.

No amontoado de coisas há de tudo: bôlsas de senhoras, pastas de cavalheiros, brinquedos de crianças, guarda-chuvas finos, ordinários, sãos e arrebentados, sombrinhas de luxo e baratas, cantis de campanhas, aparelhos para "toilette" de crianças, porta-níqueis, pencas de chaves, óculos de grau, fantasia, escuros e claros, capas, "mauteaux", gabardines, peles caras, enfim, um mundo de coisas que daria para montar um "belchior" e ainda sobrava...

Veja, leitor, se se lembra de ter deixado alguma coisa num dêsses aviões e vá buscar o que lhe pertence. Tudo está cuidadosamente numerado e documentado, a fim de facilitar a identificação do esquecido.

Há em nossas leis um prazo para tais fatos. Esgotado êste, o objeto pertencerá ao seu achador, que, no caso, é a companhia de transporte.

Senhores esquecidos e distraídos! O tempo também voa! Não só os aviões!



De quem serão essas bôlsas? Não haverá ali dentro coisas que fazem falta a seus donos?



Com certeza fazia sol quente no aeroporto da cidade em que saltaram os donos de tanto guarda-chuva...

SEAGERS GIN

(DIGA SIGA)

Agora também em 1/2 LITROS



Atendendo a tôdas as posses, SEAGERS GIN é agora encontrado em duas embalagens distintas — 1 litro e 1/2 litro! Eis à sua disposição o "VELHO" e o "JUNIOR", para que V. possa sempre tomar o seu tradicional SEAGERS GIN.

Esta é uma oferta sensacional da SEAGERS DO BRASIL S.A., aos seus inúmeros amigos consumidores. Adquira agora, também, o "SEAGERS JUNIOR", o mesmo inigualável produto em embalagens de 1/2 litros por um preço realmente acessível.

SEAGERS DO BRASIL S. A.

R. Humberto Primo, 961
São Paulo

O GIN BRASILEIRO MELHOR QUE O ESTRANGEIRO

Ag. Pettinati

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo três fôlhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois e, no máximo, oito fôlhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento. É desnecessária a remessa de qualquer carta encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a "REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e progresso da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em tôrno, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

¿VOCÊ PREFERE SER ASSIM? OU ASSIM?

... PREFERE SER ASSIM, NÃO É?

Então use "AMARALINA", tônico capilar. Trata-se da famosa descoberta do sr. Alfredo Nery de Almeida, de Salvador, Bahia, da qual a imprensa, em tempo, se ocupou largamente e que acaba de ser industrializada.

Antes de usar "AMARALINA", leia a bula com atenção. No varejo Cr$ 25,00. Pelo reembolso postal Cr$ 45,00. Distribuidores: M. M. Burle & Cia. Ltda. — Avenida Rio Branco, 137 — Sala 616. — "AMARALINA" é encontrada nas Farmácias e Drogarias, Perfumarias, etc.

NÚPCIAS



Realizou-se recentemente no Mosteiro de S. Bento o enlace matrimonial da senhorinha Maria do Carmo Murtinho Jardim com o sr. João Borges Filho, ambos descendentes de ilustres famílias. As fotos que ilustram esta notícia foram colhidas durante a solenidade religiosa, que contou com a presença dos elementos mais representativos da sociedade carioca.



A SEMANA EM REVISTA

NO TRIBUNAL DE JUSTIÇA

Se todo mundo, assumindo uma responsabilidade funcional, procurasse cumprir à risca os seus deveres para fazer jus a seus direitos, os direitos alheios também estariam sem perigo do mais leve arranhão, e a humanidade seria uma sociedade feliz, sem problemas sérios a resolver. Mas, infelizmente, não são muitos os que situam o trabalho pessoal como parte integrante dos direitos dos outros e se julgam com direito de quebrar a harmonia da engrenagem total do aparelhamento social de que depende a existência humana devidamente organizada. E isso só concorre para perturbar a vida nacional. Imaginemos um relógio em cujo maquinismo cada pecinha desejasse funcionar soberana e independentemente das demais. O ponteirinho dos segundos resolvendo parar uns instantes; o dos mintos dar uns passos atrás e o das horas pular na estrada em que atua. A corda, o "pivot", o cabelo, etc., cada qual com uma idéia própria, individualista, a seu modo... Assim como sucede numa engrenagem das indústrias, da mecânica, da engenharia, deve ser na engrenagem social, administrativa e funcional da sociedade humana. Tudo dentro de suas funções em bem geral. Foi por pensar assim que o Presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Adelmar Tavares, acaba de, em ato recente, determinar ao diretor da Secretaria daquela Côrte, que recomende aos chefes de seção e demais responsáveis pelo bom andamento dos serviços judiciários, a observância do Regimento Interno, especialmente no que concerne ao horário de trabalho. A razão é simples. Como é de hábito, algumas pessoas incorrem em falta por não cumprir essa questão de horários e abusam das horas que não pertencem somente a elas e sim a todos os demais interessados que vão ao nosso Foro tratar de assuntos ligados ao Tribunal de Justiça. E a luta é terrível, em face da irregularidade de alguns servidores que lancham demais...

O TRÂNSITO NO RIO

Conforme publicaram jornais desta cidade, quando o almirante Gago Coutinho chegou recentemente ao Rio, entrevistado por um repórter e amigo, perguntou ao plumitivo carioca: "Como vai o tráfego no Rio?". Era a curiosidade do entrevistado junto ao entrevistador. O jornalista apenas respondeu isto: "Vai como se está vendo...". Mas, afinal de contas, perguntará o leitor dêste tópico, que interêsse tem o almirante Gago Coutinho de saber como vai o nosso tráfego urbano? Não é o famoso navegador lusitano um homem que se dedique a negócios de corretagens, nem tão pouco de problemas urbanísticos. Sim, é exato. Mas se esquece o leitor de que o célebre companheiro de Sacadura Cabral naquele empolgante "raid" Lisboa-Rio, num fragilíssimo aviãozinho de tipo "teco-teco", já foi atropelado por um automóvel nesta bela cidade. Daí sua precaução ao perguntar: "Como vai o tráfego no Rio?". Em verdade, as autoridades responsáveis pela balbúrdia do movimento de veículos e de pedestres nas ruas da cidade não se cansam de estudar o problema, de ano a ano mais complexo. Aumenta a população, aumenta o número de veículos, cresce também o número de novos motoristas, sobe o número de distraídos, mas, infelizmente os espaços vitais não aumentam. Cidade de ruas estreitas e tortas, cheias de "dentes", nem sempre com guardas de tráfego nos pontos perigosos, oferece o Rio um espetáculo angustiante a tal respeito. Mas, segundo acaba de providenciar o sr. Estrêla, a situação parece que vai melhorar um pouco. Entregou o Diretor Geral do Tráfego um memorial ao Presidente da República no qual estuda o problema em todos os seus ângulos e apresenta os meios para conjurar o mal, ou, pelos menos, diminuir seus desastrosos efeitos. Vamos ver se conseguimos passar das idéias à prática.

CASAR COM QUATRO

A Moral é muito relativa. Se, entre os chamados ocidentais o casamento deve ser monogâmico, isto é, cada cidadão só podendo unir-se legalmente a uma só mulher, já não sucede o mesmo entre certos povos do Oriente próximo, como acóntece entre os muçulmanos e demais habitantes da velha Israel e vizinhanças. As tradições islamitas permitem que um homem possa co-habitar com várias mulheres. O céu de Maomet é um Paraíso diferente dos de outros habitantes dêste curioso planeta sub-lunar. Ali os que morrem e ganham a bem-aventurança, podem contrair núpcias com centenas e milhares de espôsas, continuando, lá em cima, a vida feliz que desfrutavam aqui na Terra. Mas, como o Oriente próximo também sofre as influências da civilização ocidental, que impõe a monogamia, já se cogita em Tel Aviv, sede do novo govêrno Israelita, de uma lei que proíba o uso da poligamia naquela nação. Mas, o diabo é que o território dos sionistas possui grande população muçulmana e, naturalmente, êsses adeptos do Islam, de maneira alguma se deixarão dominar por uma lei nova que venha derrocar as velhas leis do Corão e de séculos de tradição moral e religiosa a favor da fórmula um homem para muitas mulheres. Mas a lei será apresentada muito brevemente pelo sr. Ben Gurion, primeiro ministro do govêrno de Israel. O projeto já está elaborado e será apresentado ao parlamento daquela nação para a devida aprovação e conseqüente cumprimento. O assunto começa a despertar murmurações por parte de deputados. Todos êles fazem esta pergunta: "Pode uma lei contrariar preceitos morais sagrados de há muito estabelecidos por um código religioso?". Claro que pode; mas... estariam os muçulmanos devidamente educados para aceitar a monogamia? Não será isso o estopim capaz de deflagrar uma guerra santa, para... manter os harens?

OS RÁDIO-AMADORES

Já teve oportunidade, leitor, de presenciar, em casa de uma amigo que possui estação de rádio-amador, as suas conversas com os colegas? Pois se não teve, procure, sem mais demora, um jeito de satisfazer essa curiosidade. O rádio-amador é uma dessas criaturas que vive com o programa de fazer o Bem, de prestar socorros, de ajudar os aflitos invisìvelmente, apenas com a presença de sua voz. Muitas vidas têm sido dominadas, graças ao rádio-amador. Um mais recente exemplo tivemos agora com a façanha dêsses quatro navegadores italianos que acabam de aportar às praias cearenses. Num barco frágil, como qualquer baleeira de sete metros de comprimento, fizeram êsses náutas audazes a travessia do Atlântico em dezessete dias e nove horas, enfrentando momentos horríveis, noites pavorosas, ao sabor de mares tempestuosos, navegando na área de tremendo furacão. Uma coisa, porém, os satisfez: a "presença" no pequenino barco "Itália", dos rádio-amadores brasileiros, que, em grande número, mantinham contacto com os navegantes atormentados, fornecendo-lhes indicações meteorológicas através de informes comunicados pela "Panair", graças ao que, os tripulantes italianos puderam escapar do ciclone, fugindo para o sul, livrando-se da área de maior violência dos ventos fortes e dos mares revoltos. Os navegantes chegaram ao Ceará já exaustos, faltando-lhes água e alimentos. E êles não se cansam de elogiar os dez rádio-amadores brasileiros que os animavam, permanecendo sintonizados com êles, especialmente o sr. Luiz Mário Paraguaçu, da Bahia (PY6CO) e o coronel Airton Playsant, do Rio, os quais passaram noites em claro para manter contacto com os corajosos "marinari". Parabens aos navegantes e felicitações aos nossos rádio-amadores, sem nenhum "munheca-dura" nesse episódio memorável.

PRISÃO PARA BOATEIROS

Dá-nos o ministro do Interior da Guatemala, sr. Cesar Solis, uma grande novidade em matéria de lei: punição para boateiros daquela nação. Êsse titular do governo guatemalteco, acaba de dirigir ao Congresso Nacional um projeto de lei no qual, dentre outras reformas há uma curiosa cominação de pena: prisão por um ano a todo aquêle que divulgar notícias falsas. Trata-se, pois, de deter a marcha do boato. Mas, que pode haver de mais pitoresco e instintivo do que o boato em certas épocas, especialmente nas agitações políticas, em tempo de guerra, revoluções, calamidades públicas? O boato não tem autor. E' o irmão mau e bastardo da anedota. Esta se lança na rua, invade os lares, domina as rodas, toma conta de gerações inteiras sem que se saiba qual o autor da piada; aquêle, o famoso boato tem curso livre ou clandestino em tôdas as camadas sociais, domina multidões, chega mesmo a provocar mortes, como naquela irradiação de Orson Welles na guerra dos marcianos contra os Estados Unidos. O boato é, porém, uma história que produz muito mais desordem e mal estar do que a anedota, que é uma das formas mais interessantes de o povo vingar-se de governos maus e impopulares. O boato é, porém, o maior inimigo de uma causa inglória. Êle consegue, por vêzes, desviar o curso de certos episódios fundamentais e alarmar populações inteiras. Como identificar o autor de um boato? Naturalmente, a autoridade detém o cidadão ou cidadã que o espalha. Mas o veiculador dirá: ouvi o fato de um cidadão que conversava numa roda. Como isso não exculpa o boateiro pegado em flagrante, vai êle prêso e cumprirá um ano de detenção. Mas... e o boato? Êste continuará sôlto, ainda mais robustecido com as prisões de seus aliados, e, em lugar de dez presos, todos dirão: já foram para a cadeia dez mil pessoas... Ou a notícia é boato?

A AVENIDA DA MORTE

Se Jesus Cristo voltasse a êste mundo e tivesse de referir-se aos acidentes de tráfego desta capital, empregaria a paródia de original seu: "E' mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um cidadão escapar de automóvel na Avenida Brasil". E nada mais certo. Desde que foi entregue ao tráfego, aquela artéria tem devorado algumas centenas de vidas, batendo todos os "records" na capacidade de atropelar, aleijar e tirar a vida alheia de "chauffeurs", passageiros e transeuntes. Abra-se um jornal desta cidade e veja-se o que ocorre naquela avenida, que, por infelicidade, tem o nome de nossa pátria. Mas o povo já lhe deu outro nome mais significativo: Avenida da Morte. Só num dos últimos domingos aquela via pública proporcionou nada menos de três desastres de automóveis, cada qual mais grave e sensacional. Num deles se chocaram dois carros, saindo ferido gravemente um casal de quinquagenários, o chauffeur, filho adotivo dos velhos, e uma jovem parenta, enquanto o veículo se incendiava; um ônibus apanhou um comerciante e o matou: a outra vítima, foi um português, construtor, de 42 anos, casado, residente nesta capital, morto tràgicamente por um automóvel naquela Avenida Mata Gente. Isso é apenas a colheita de um dia e através dos registros de um só jornal. Se formos passar os olhos por todos os diários desta capital, nossa estatística sobe de grau de maneira assustadora, pois, embora tais notas sejam fornecidas a todos os jornais pelas sedes distritais, muitos atropelamentos escapam à ação da polícia, mas são registrados pela reportagem. Que fazer? Fechar a Avenida seria uma tolice, pois vivemos numa cidade angustiada, sem vias de comunicação. O certo seria policiar o trânsito, evitando os abusos especialmente de caminhões, que só acham jeito de funcionar como se estivessem apostando carreira. Mais respeito à vida humana e ao próprio nome do Brasil.



Há pouco mais de dois meses, teve esta revista oportunidade de comentar o drama que se travava entre financistas inglêses e norte-americanos em relação ao duelo de valores dólar-libra esterlina.

Aquele tempo emissários e delegados de Washington foram trocar idéias com os economistas do Império Britânico em tôrno da crise econômico-financeira da Inglaterra, surgindo mais uma vez, a sugestão de fonte norte-americana para a desvalorização da libra esterlina, sendo tal pensamento repelido por todos os representantes de Sua Majestade Britânica como perigoso para o prestígio da Grã-Bretanha.

Mas, como não se chegara a nenhum resultado definitivo ou atenuador naquela conferência entre as duas potências ocidentais, foi o assunto adiado para uma nova e mais fundamental discussão, já dessa vez a realizar-se nos Estados Unidos.

Enquanto se processavam as "demarches", avolumava-se cada vez mais a crise econômico-financeira da Inglaterra, tendo-se negado os Estados Unidos a renovar seus empréstimos em dólares sob a rubrica do Plano Marshall, fazendo ver ao govêrno inglês que êle tomasse medidas drásticas internas para poupar dólares e aumentar suas exportações.

Durante êsse debate, que tão vivamente impressionou a nação britânica, provocando até acesas polêmicas entre a imprensa das duas pátrias de língua inglêsa até com têrmos, expressões e caricaturas de críticas recíprocas, ficou assentado que iria aos Estados Unidos uma delegação britânica chefiada por Sir Stafford Cripps, Chanceler do Tesouro Britânico, com poderes para resolver a pendência.



Sir Stafford Cripps, Chanceler do Tesouro Britânico e que anunciou, a 18 de setembro, a desvalorização da libra inglêsa

Sir Stafford Cripps era o maior opositor da solução para desvalorizar a libra, medida que lhe parecia inconveniente e ineficaz. Viajou para Washington com esta decisão: evitar tão grande abalo ao Império Britânico e defendendo a tese de mais empréstimos nos Estados Unidos.

Mas, conforme vemos, foi vencido em sua argumentação e a libra esterlina desvalorizada de um tipo de 4 dólares e 3 centavos para 2 dólares e 80, provocando verdadeira sensação em todos os centros financeiros do mundo.

Diante dessa atitude inglêsa, imediatamente desvalorizaram suas moedas, a Austrália, Dinamarca, Índia, Noruega, África do Sul, etc., fato que constitui o maior e mais sério acontecimento econômico-financeiro dêstes últimos tempos.

Como consequência imediata, a vida na Inglaterra vai sofrer um encarecimento de mais de cinquenta por cento, comprometendo o plano de barateamento e liberação geral de produtos inglêses do sr. Harold Wilson.

Sir Stafford Crips, que já foi, nesta mesma coluna a Personagem da Semana pela sua resistência à desvalorização da libra, volta ao cartaz como o vencido pelas circunstâncias do momento.

ANO XLVIII **REVISTA DA SEMANA** N.° 39 ★ 24/9/1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO
Diretor Secretário: R. PEIXOTO DE ALENCAR
PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1938

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 140,00	Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano	Cr$ 170,00	Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00	Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50
Rio de Janeiro. Telefones: Gerência 22-2550; Secretaria
Rua Visconde de Maranguape, 15. Endereço telegráfico "Revista" — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida
22-4447; Publicidade 22-9570; Fotografia 22-1013; Portaria 22-5602. Correspondentes — "Agência Zambardino", à rua
Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da 2º andar, s. 217, tel. 6-6718
Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569. Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615,
TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1748, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor
O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação
Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos são de responsabilidade dos autores
ÊSTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

SEAGERS GIN

(DIGA SIGA)

Agora também em 1/2 LITROS



Atendendo a todas as posses, SEAGERS GIN é agora encontrado em duas embalagens distintas — 1 litro e 1/2 litro! Eis à sua disposição o "VELHO" e o "JUNIOR", para que V. possa sempre tomar o seu tradicional SEAGERS GIN!

Esta é uma oferta sensacional da SEAGERS DO BRASIL S. A., aos seus inúmeros amigos consumidores. Adquira agora, também, o "SEAGERS JUNIOR", o mesmo inigualável produto em embalagens de 1/2 litros, por um preço realmente acessível.

SEAGERS DO BRASIL S. A.

R. Humberto Primo, 961
São Paulo

O GIN BRASILEIRO MELHOR QUE O ESTRANGEIRO

Ag. Pettinati

NÚPCIAS



Realizou-se recentemente no Mosteiro de S. Bento o enlace matrimonial da senhorinha Maria do Carmo Murtinho Jardim com o sr. João Borges Filho, ambos descendentes de ilustres famílias. As fotos que ilustram esta notícia foram colhidas durante a solenidade religiosa, que contou com a presença dos elementos mais representativos da sociedade carioca



CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERARIAS DOS SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a "REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

VOCÊ PREFERE SER ASSIM? OU ASSIM? AH! PREFERE SER ASSIM, NÃO É?

Então use "AMARALINA", tônico capilar. Trata-se da famosa descoberta do sr. Alfredo Nery de Almeida, de Salvador, Bahia, da qual a imprensa, em tempo, se ocupou largamente e que acaba de ser industrializada.

Antes de usar "AMARALINA", leia a bula com atenção. No varejo Cr$ 35,00. Pelo reembolso postal Cr$ 45,00. Distribuidores: M. M. Burle & Cia. Ltda. — Avenida Rio Branco, 137 — Sala 616. — "AMARALINA" é encontrada nas Farmácias e Drogarias, Perfumarias, et.

A SEMANA EM REVISTA

NO TRIBUNAL DE JUSTIÇA

Se todo mundo, assumindo uma responsabilidade funcional, procurasse cumprir à risca os seus deveres para fazer jus a seus direitos, os direitos alheios também estariam sem perigo do mais leve arranhão, e a humanidade seria uma sociedade feliz, sem problemas sérios a resolver. Mas, infelizmente, não são muitos os que situam o trabalho pessoal como parte integrante dos direitos dos outros e se julgam com direito de quebrar a harmonia da engrenagem total do aparelhamento social de que depende a existência humana devidamente organizada. E isso só concorre para perturbar a vida nacional. Imaginemos um relógio em cujo maquinismo cada pecinha desejasse funcionar soberana e independentemente das demais. O ponteirinho dos segundos resolvendo parar uns instantes; o dos mintos dar uns passos atrás e o das horas pular na estrada em que atua. A corda, o "pivot", o cabelo, etc., cada qual com uma idéia própria, individualista, a seu modo... Assim como sucede numa engrenagem das indústrias, da mecânica, da engenharia, deve ser na engrenagem social, administrativa e funcional da sociedade humana. Tudo dentro de suas funções em bem geral. Foi por pensar assim que o Presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Adelmar Tavares, acaba de, em ato recente, determinar ao diretor da Secretaria daquela Côrte, que recomende aos chefes de seção e demais responsáveis pelo bom andamento dos serviços judiciários, a observância do Regimento Interno, especialmente no que concerne ao horário de trabalho. A razão é simples. Como é de hábito, algumas pessoas incorrem em falta por não cumprir essa questão de horários e abusam das horas que não pertencem somente a elas e sim a todos os demais interessados que vão ao nosso Foro tratar de assuntos ligados ao Tribunal de Justiça. E a luta é terrível, em face da irregularidade de alguns servidores que lancham demais...

O TRÂNSITO NO RIO

Conforme publicaram jornais desta cidade, quando o almirante Gago Coutinho chegou recentemente ao Rio, entrevistado por um repórter e amigo, perguntou ao plumitivo carioca: "Como vai o tráfego no Rio?". Era a curiosidade do entrevistado junto ao entrevistador. O jornalista apenas respondeu isto: "Vai como se está vendo...". Mas, afinal de contas, perguntará o leitor dêste tópico, que interêsse tem o almirante Gago Coutinho de saber como vai o nosso tráfego urbano? Não é o famoso navegador lusitano um homem que se dedique a negócios de corretagens, nem tão pouco de problemas urbanísticos. Sim, é exato. Mas se esquece o leitor de que o célebre companheiro de Sacadura Cabral naquele empolgante "raid" Lisboa-Rio, num fragilíssimo aviãozinho de tipo "teco-teco", já foi atropelado por um automóvel nesta bela cidade. Daí sua precaução ao perguntar: "Como vai o tráfego no Rio?". Em verdade, as autoridades responsáveis pela balbúrdia do movimento de veículos e de pedestres nas ruas da cidade não se cansam de estudar o problema, de ano a ano mais complexo. Aumenta a população, aumenta o número de veículos, cresce também o número de novos motoristas, sobe o número de distraídos, mas, infelizmente os espaços vitais não aumentam. Cidade de ruas estreitas e tortas, cheias de "dentes", nem sempre com guardas de tráfego nos pontos perigosos, oferece o Rio um espetáculo angustiante a tal respeito. Mas, segundo acaba de providenciar o sr. Estrêla, a situação parece que vai melhorar um pouco. Entregou o Diretor Geral do Tráfego um memorial ao Presidente da República no qual estuda o problema em todos os seus ângulos e apresenta os meios para conjurar o mal, ou, pelos menos, diminuir seus desastrosos efeitos. Vamos ver se conseguimos passar das idéias à prática.

CASAR COM QUATRO

A Moral é muito relativa. Se, entre os chamados ocidentais o casamento deve ser monogâmico, isto é, cada cidadão só podendo unir-se legalmente a uma só mulher, já não sucede o mesmo entre certos povos do Oriente próximo, como acóntece entre os muçulmanos e demais habitantes da velha Israel e vizinhanças. As tradições islamitas permitem que um homem possa co-habitar com várias mulheres. O céu de Maomet é um Paraíso diferente dos de outros habitantes dêste curioso planeta sub-lunar. Ali os que morrem e ganham a bem-aventurança, podem contrair núpcias com centenas e milhares de espôsas, continuando, lá em cima, a vida feliz que desfrutavam aqui na Terra. Mas, como o Oriente próximo também sofre as influências da civilização ocidental, que impõe a monogamia, já se cogita em Tel Aviv, sede do novo govêrno Israelita, de uma lei que proiba o uso da poligamia naquela nação. Mas, o diabo é que o território dos sionistas possui grande população muçulmana e, naturalmente, êsses adeptos do Islam, de maneira alguma se deixarão dominar por uma lei nova que venha derrocar as velhas leis do Corão e de séculos de tradição moral e religiosa a favor da fórmula um homem para muitas mulheres. Mas a lei será apresentada muito brevemente pelo sr. Ben Gurion, primeiro ministro do govêrno de Israel. O projeto já está elaborado e será apresentado ao parlamento daquela nação para a devida aprovação e, conseqüente cumprimento. O assunto começa a despertar murmurações por parte de deputados. Todos êles fazem esta pergunta: "Pode uma lei contrariar preceitos morais sagrados de há muito estabelecidos por um código religioso?". Claro que pode; mas... estariam os muçulmanos devidamente educados para aceitar a monogamia? Não será isso o estopim capaz de deflagrar uma guerra santa, para... manter os harens?

OS RÁDIO-AMADORES

Já teve oportunidade, leitor, de presenciar, em casa de uma amigo que possui estação de rádio-amador, as suas conversas com os colegas? Pois se não teve, procure, sem mais demora, um jeito de satisfazer essa curiosidade. O rádio-amador é uma dessas criaturas que vive com o programa de fazer o Bem, de prestar socorros, de ajudar os aflitos invisivelmente, apenas com a presença de sua voz. Muitas vidas têm sido dominadas, graças ao rádio-amador. Um mais recente exemplo tivemos agora com a façanha dêsses quatro navegadores italianos que acabam de aportar às praias cearenses. Num barco frágil, como qualquer baleeira de sete metros de comprimento, fizeram êsses nautas audazes a travessia do Atlântico em dezessete dias e nove horas, enfrentando momentos horríveis, noites pavorosas, ao sabor de mares tempestuosos, navegando na área de tremendo furacão. Uma coisa, porém, os satisfez: a "presença" no pequenino barco "Itália", dos rádio-amadores brasileiros, que, em grande número, mantinham contacto com os navegantes atormentados, fornecendo-lhes indicações meteorológicas através de informes comunicados pela "Panair", graças ao que, os tripulantes italianos puderam escapar do ciclone, fugindo para o sul, livrando-se da área de maior violência dos ventos fortes e dos mares revoltos. Os navegantes chegaram ao Ceará já exaustos, faltando-lhes água e alimentos. E êles não se cansam de elogiar os dez rádio-amadores brasileiros que os animavam, permanecendo sintonizados com êles especialmente o sr. Luiz Mário Paraguaçu, da Bahia (PY6CO) e o coronel Airton Playsant, do Rio, os quais passaram noites em claro para manter contacto com os corajosos "marinari". Parabens aos navegantes e felicitações aos nossos rádio-amadores, sem nenhum "munheca-dura" nesse episódio memorável.

PRISÃO PARA BOATEIROS

Dá-nos o ministro do Interior da Guatemala, sr. Cesar Solis, uma grande novidade em matéria de lei: punição para boateiros daquela nação. Esse titular do governo guatemalteco, acaba de dirigir ao Congresso Nacional um projeto de lei no qual, dentre outras reformas há uma curiosa cominação de pena: prisão por um ano a todo aquêle que divulgar notícias falsas. Trata-se, pois, de deter a marcha do boato. Mas, que pode haver de mais pitoresco e instintivo do que o boato em certas épocas, especialmente nas agitações políticas, em tempo de guerra, revoluções, calamidades públicas? O boato não tem autor. E' o irmão mau e bastardo da anedota. Esta se lança na rua, invade os lares, domina as rodas, toma conta de gerações inteiras sem que se saiba qual o autor da piada: aquêle, o famoso boato tem curso livre ou clandestino em tôdas as camadas sociais, domina multidões, chega mesmo a provocar mortes, como naquela irradiação de Orson Welles na guerra dos marcianos contra os Estados Unidos. O boato é, porém, uma história que produz muito mais desordem e mal estar do que a anedota, que é uma das formas mais interessantes de o povo vingar-se de governos maus e impopulares. O boato é, porém, o maior inimigo de uma causa inglória. Êle consegue, por vêzes, desviar o curso de certos episódios fundamentais e alarmar populações inteiras. Como identificar o autor de um boato? Naturalmente, a autoridade detém o cidadão ou cidadã que o espalha. Mas o veiculador dirá: ouvi o fato de um cidadão que conversava numa roda. Como isso não exculpa o boateiro pegado em flagrante, vai êle prêso e cumprirá um ano de detenção. Mas... e o boato? Êste continuará sôlto, ainda mais robustecido com as prisões de seus aliados, e, em lugar de dez presos, todos dirão: já foram para a cadeia dez mil pessoas... Ou a notícia é boato?

A AVENIDA DA MORTE

Se Jesus Cristo voltasse a êste mundo e tivesse de referir-se aos acidentes de tráfego desta capital, empregaria a paródia de original seu: "E' mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um cidadão escapar de automóvel na Avenida Brasil". E nada mais certo. Desde que foi entregue ao tráfego, aquela artéria tem devorado algumas centenas de vidas, batendo todos os "records" na capacidade de atropelar, aleijar e tirar a vida alheia de "chauffeurs", passageiros e transeuntes. Abra-se um jornal desta cidade e veja-se o que ocorre naquela avenida, que, por infelicidade, tem o nome de nossa pátria. Mas o povo já lhe deu outro nome mais significativo: Avenida da Morte. Só num dos últimos domingos aquela via pública proporcionou nada menos de três desastres de automóveis, cada qual mais grave e sensacional. Num deles se chocaram dois carros, saindo ferido gravemente um casal de quinquagenários, o chauffeur, filho adotivo dos velhos, e uma jovem parenta, enquanto o veículo se incendiava: um ônibus apanhou um comerciante e o matou: a outra vítima, foi um português, construtor, de 42 anos, casado, residente nesta capital, morto trágicamente por um automóvel naquela Avenida Mata Gente. Isso é apenas a colheita de um dia e através dos registros de um só jornal. Se formos passar os olhos por todos os diários desta capital, nossa estatística sobe de grau de maneira assustadora, pois, embora tais notas sejam fornecidas a todos os jornais pelas sedes distritais, muitos atropelamentos escapam à ação da polícia, mas são registrados pela reportagem. Que fazer? Fechar a Avenida seria uma tolice, pois vivemos numa cidade angustiada, sem vias de comunicação. O certo seria policiar o trânsito, evitando os abusos especialmente de caminhões, que só acham jeito de funcionar como se estivessem apostando carreira. Mais respeito à vida humana e ao próprio nome do Brasil.



Há pouco mais de dois meses, teve esta revista oportunidade de comentar o drama que se travava entre financistas inglêses e norte-americanos em relação ao duelo de valores dólar-libra esterlina.

Aquele tempo emissários e delegados de Washington foram trocar idéias com os economistas do Império Britânico em tôrno da crise econômico-financeira da Inglaterra, surgindo mais uma vez, a sugestão de fonte norte-americana para a desvalorização da libra esterlina, sendo tal pensamento repelido por todos os representantes de Sua Majestade Britânica ,como perigoso para o prestígio da Grã-Bretanha.

Mas, como não se chegara a nenhum resultado definitivo ou atenuador naquela conferência entre as duas potências ocidentais, foi o assunto adiado para uma nova e mais fundamental discussão, já dessa vez a realizar-se nos Estados Unidos.

Enquanto se processavam as "demarches", avolumava-se cada vez mais a crise econômico-financeira da Inglaterra, tendo-se negado os Estados Unidos a renovar seus empréstimos em dólares sob a rubrica do Plano Marshall, fazendo ver ao govêrno inglês que êle tomasse medidas drásticas internas para poupar dólares e aumentar suas exportações.

Durante êsse debate, que tão vivamente impressionou a nação britânica, provocando até acesas polêmicas entre a imprensa das duas pátrias de língua inglêsa até com têrmos, expressões e caricaturas de críticas recíprocas, ficou assentado que iria aos Estados Unidos uma delegação britânica chefiada por Sir Stafford Cripps, Chanceler do Tesouro Britânico, com poderes para resolver a pendência.



Sir Stafford Cripps, Chanceler do Tesouro Britânico e que anunciou, a 18 de setembro, a desvalorização da libra inglêsa

Sir Stafford Cripps era o maior opositor da solução para desvalorizar a libra, medida que lhe parecia inconveniente e ineficaz. Viajou para Washington com esta decisão: evitar tão grande abalo ao Império Britânico e defendendo a tese de mais empréstimos nos Estados Unidos.

Mas, conforme vemos, foi vencido em sua argumentação e a libra esterlina desvalorizada de um tipo de 4 dólares e 3 centavos para 2 dólares e 80, provocando verdadeira sensação em todos os centros financeiros do mundo.

Diante dessa atitude inglêsa, imediatamente desvalorizaram suas moedas, a Austrália, Dinamarca, Índia, Noruega, África do Sul, etc., fato que constitui o maior e mais sério acontecimento econômico-financeiro dêstes últimos tempos.

Como consequência imediata, a vida na Inglaterra vai sofrer um encarecimento de mais de cinquenta por cento, comprometendo o plano de barateamento e liberação geral de produtos inglêses do sr. Harold Wilson.

Sir Stafford Crips, que já foi, nesta mesma coluna a Personagem da Semana pela sua resistência à desvalorização da libra, volta ao cartaz como o vencido pelas circunstâncias do momento.

ANO XLVIII — REVISTA DA SEMANA — N.° 39 ★ 24/9/1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO
Diretor Secretário: R. PEIXOTO DE ALENCAR
PUBLICAÇAO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1938

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 140,00	Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano	Cr$ 170,00	Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00	Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50
Rio de Janeiro. Telefones: Gerência 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade 22-9570; Fotografia 22-1013; Portaria 22-5602. Rua Visconde de Maranguape, 15. Endereço telegráfico "Revista" — Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569. Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, s. 217, tel. 6-6718
TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor
O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação
Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos são de responsabilidade dos autores
ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

VIDA Literaria

E. CATTETE REIS

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

O Movimento Editorial Panorama, de Minas Gerais, lançará, segundo anuncia, as seguintes publicações: "Sombra e exílio", romance de Waldomiro de Autran Dourado; "Figura da província", ensaios de interpretação histórica, de João Dornas Filho; "Estudos de folclore", de Fausto Teixeira, além das "Poesias", de Emílio Moura, prefácio de Carlos Drumond de Andrade, e "Poemas", de Henrique Lisboa.

★

José Paulo Moreira da Fonseca já entregou ao editor os originais do seu segundo livro, "Poesia".

★

Outro poeta da nova geração, Olímpio M. da Fonseca, vai estrear em outubro próximo com o volume de poemas "Cantos".

★

Adonias Filho, autor de "Os servos da Morte", concluiu a primeira parte do seu novo romance "As memórias de Lázaro".

★

Já se encontra em primeiras provas o romance de Luís Jardim "Lembranças do meu tio Gonzaga". E' o primeiro romance do autor de "Maria Perigosa", volume de contos laureado com o Prêmio Humberto de Campos.

NOTAS VÁRIAS

ESTUDOS FILOSÓFICOS

Encontra-se atualmente na Argentina o professor Nicolai Hartmann, ilustre representante do pensamento da moderna corrente fenomenológica alemã. Assumem grande importância os estudos filosóficos nesse país que já conta com nomes notáveis como Francisco Romero e outros. O centro de irradiação cultural situa-se na Universidade de Tucuman, que tem contado com a presença de notáveis professôres estrangeiros, entre os quais esteve Manuel Garcia.

Não menos importância tem no movimento intelectual argentino a atividade editorial, numerando-se por centenas as obras mais notáveis do pensamento filosófico de todos os tempos impressas em língua espanhola.

VISITA A MINAS GERAIS

Uma caravana de escritores, composta dos srs. João Condé Alvaro Lins, Aurélio Buarque de Holanda, José Condé, Carlos Drumond de Andrade e Otacílio Alecrim, visitou, há dias, Minas Gerais, a convite do Govêrno do Estado.

Em Belo Horizonte, o sr. Aurélio Buarque de Holanda, sob os auspícios da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, pronunciou uma conferência sôbre o tema: "Poesia e Poética", e o sr. Otacílio Alecrim falou sôbre "Introdução à província das Letras". A caravana visitou, ainda, Ouro Prêto, Sabará e Mariana.

"TULIPA RUY BARBOSA"

Quando, na Holanda, se quer homenagear um grande homem não se põe, como costumamos fazer, o seu nome em uma rua ou praça, mas apelida-se com êle uma flor. Tivemos, há pouco, um exemplo disto. Associando-se às comemorações do centenário de Ruy Barbosa, cuja glória está ligada à cidade de Haya, a Holanda deu o nome do grande brasileiro a novo espécime de tulipa. A "Tulipa Ruy Barbosa" é uma flor maravilhosa, e dela veio um exemplar para o Brasil, a fim de ser plantado neste mês no jardim da Casa de Ruy Barbosa.

Na primavera, todo o jardim do Palácio, onde se realizou a Conferência de Haya, será plantado de "Tulipa Ruy Barbosa".

LUCIEN DESCAVES



A literatura francesa perdeu, há dias, uma das suas figuras mais expressivas e curiosas — Lucien Descaves, que foi um dos familiares do chamado "celeiro dos Goncourt", no qual representava as tendências da jovem escola naturalista que, ao ser publicado "A Terra", rompeu, de maneira ruidosa, com Emile Zola.

A obra literária de Lucien Descaves é bastante vultosa, sem que êle deixasse jamais de consagrar à imprensa uma grande parte de suas atividades intelectuais, na publicação, inclusive, de trabalhos de crítica.

Não apenas sua obra, no entanto, lhe deu o prestígio e o destaque que sempre usufruiu nos meios literários da França: poucos, como Lucien Descaves, tiveram personalidade tão marcante, misturando no seu espírito a rabujice de um velho céptico com a sensibilidade de um grande coração voltado para um humanismo profundo e sem pieguismo. "Rabujento e sensível", chamou-o Paul Reboux, em rápido estudo biográfico, porém "lúcido e sempre pronto a acreditar nos méritos futuros dos jovens, sempre probo e tenaz em suas convicções".

No romance, Lucien Descaves deu "Sous-Offs", cujo aparecimento suscitou numerosas polêmicas; "Les Misères dusabre", "Le calvaire d'Heloise", "Padajou", "Barabbas"; "Georgin"; "L'Imagier d'Epinal" e outros livros de sucesso indiscutível. Como crítico literário, publicou livros de valor, notadamente sôbre Marceline-Desbordes-Valmore, e no teatro, com Maurice Donnay, fêz representar "Oiseaux de passage" e "La Clairière"; com Alfred Capus, "L'Attentat", tendo escrito, também, sozinho, várias comédias, entre elas "Coeur ébloui", que obteve repercussão.

Sempre pronto para defender as grandes causas de interêsse coletivo, fêz assinalada sua obra pelas preocupações sociais e morais.

O gôsto da observação, seu cuidado pela verdade, a expressão muito limpa dessa verdade — como disse um dos seus críticos — lhe deram um lugar à parte na literatura contemporânea.

O grande escritor morreu aos 88 anos de idade, em Paris, onde nasceu e sempre viveu, com as suas manias, as suas rabujices e o seu incomensurável talento.



Maurice Maeterlink



Vincent Auriol

CONCURSO DE PEÇAS TEATRAIS

Encerrar-se-á no próximo dia 26, às 17 horas, a inscrição ao concurso de peças teatrais promovido pela Sociedade Brasileira de Comédia, sob os auspícios da Academia Paulista de Letras. Os trabalhos deverão ser entregues na rua 15 de Novembro, 256, sala 7, em São Paulo, em quatro vias dactilografadas, sob pseudônimo e acompanhados de uma sobrecarta fechada contendo a ficha de identificação do autor. Foram estatuídos dois prêmios: um de Cr$ 25.000,00 e outro de Cr$ 5.000,00.

LETRAS PARANAENSES

Bastante intenso o movimento literário no Paraná, o qual se reflete, não apenas na publicação de livros novos e reedições como também, em reuniões e conferências que bem atestam o grau de cultura de seu povo.

Visando a intensificação ainda maior dêsses movimentos, o vereador Almeida Peixoto apresentou à Câmara de Vereadores de Curitiba, devendo ser sancionado pelo prefeito, um projeto criando cinco prêmios anuais de 10.000 cruzeiros cada um, para obras de prosa, poesia, artes plásticas e teatro.

INSTITUTO BRASILEIRO DE FILOSOFIA

Está sendo organizado em São Paulo, pelo sr. Miguel Reale, Reitor da Universidade daquele Estado, o Instituto Brasileiro de Filosofia.

Trata-se de um empreendimento da maior importância, que visa a despertar a inteligência brasileira, tradicionalmente avessa à metafísica, para os grandes problemas da filosofia. O Instituto promoverá cursos livres, intercâmbio de professôres e alunos, conferncias e publicará uma revista trimestral. O grupo de fundadores reune alguns de nossos melhores espíritos, entre os quais os srs. Miguel Reale, San Thiago Dantas, Vieira Coelho, Vicente Ferreira da Silva, Renato Cyril Czerna, Roland Corbisier e Sérgio Milliet.

ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

A 5 do corrente, a Academia Paulista de Letras completou 40 anos de existência, sendo a efeméride comemorada com uma sessão especial.

Como um dos mais prestigiosos e respeitáveis cenáculos do país, a A.P.L. vem realizando interessantes trabalhos no terreno cultural. Sua revista, que vem sendo publicada regularmente, há 12 anos, é um repertório valioso de trabalhos literários. Entre os concursos de incentivo às letras, e patrocinados por essa instituição, merece especial destaque o "Prêmio Alcântara Machado", conferido anualmente. Em outubro próximo, a Academia abrirá um concurso de peças teatrais, e, ao lado de outras iniciativas meritórias, acresce a da inauguração no seu cinquentenário, da sede própria, já em adiantada construção na capital paulista.

CURSO RUY BARBOSA

Em comemoração ao centenário de Ruy Barbosa, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que, com tanto êxito, realizou, recentemente, o Curso Joaquim Nabuco, promoverá uma série de palestras sôbre aquêle grande brasileiro. O sr. embaixador José Carlos Macedo Soares, presidente perpétuo do Instituto, pronunciará o discurso de abertura dêsse curso, estando convidados para fazer outras conferências os srs.: professor Lourenço Filho, diretor do Departamento Nacional de Educação; senador Aloísio de Carvalho; acadêmicos Levy Carneiro, Rodrigo Otávio Filho e Pedro Calmon; professor Clóvis Monteiro, secretário da Educação da Prefeitura do Distrito Federal; deputados Aliomar Baleeiro, João Mangabeira, Luis Viana e Edgard Batista Pereira; escritor e folclorista Joaquim Ribeiro; professor Américo Jacobina Lacombe, diretor da Casa Ruy Barbosa; capitão de mar e guerra Carlos da Silveira Carneiro; professor Haroldo Valadão, da Faculdade Nacional de Direito, e professor Mário Pena da Rocha.

DEZ ANOS DEPOIS

Pela primeira vez desde 1939, reuniram-se em Paris os membros da Sociedade de História da Revolução Francesa, uma das mais antigas instituições culturais da França. A Sociedade reinicia seus trabalhos sob a presidência do sr. Vincent Auriol e tem como membros grandes figuras da intelectualidade francesa, entre os quais se incluem numerosos historiadores de renome universal. O primeiro esfôrço da Sociedade agora renascida será o da comemoração do bi-centenário da Enciclopédia, em 1951, e vai reeditar a revista "Revolution Française", suspensa em 1940.

ALCIDES MAYA NO PANTHEON RIOGRANDENSE

O Rio Grande do Sul, sob os auspícios do seu Govêrno, prestou, no dia 16 do corrente, verdadeira glorificação ao escritor gaúcho Alcides Maya, falecido, nesta Capital, em 2 de setembro de 19[illegible]. Serão transladados desta cidade para Pôrto Alegre os seus despojos mortais, sendo aí depositados num dos nichos do Pantheon Riograndense. A urna com os despojos do saudoso jornalista e escritor saiu daqui na manhã do dia 16, em avião, levada por uma comissão de que faziam parte os srs. Didema de Castilho Maya, Leôncio Maya, suas espôsas e professor Raul Bittencourt, que discursou no momento em que os despojos de Alcides Maya foram recolhidos ao Pantheon. Na Capital do Rio Grande do Sul, as homenagens prestadas ao autor de "Tapera" tiveram um cunho de verdadeira consagração. A urna foi recebida pelo povo gaúcho e colocada numa carreta militar, cedida pelo Comando da Região, envolta nas bandeiras do Rio Grande e do Brasil, sendo conduzida para o Pantheon, ladeada e acompanhada por esquadrões de cavalaria do Exército e da Brigada Militar do Rio Grande do Sul e grupos de gaúchos montados a cavalo. Diversos oradores durante o trajeto fizeram o uso da palavra evocando a personalidade do brilhante escritor. Nesta Capital, também foram prestadas expressivas homenagens ao extinto por parte do Congresso Nacional, Academia Brasileira de Letras, Federação das Academias de Letras do Brasil, ex-colegas, amigos e admiradores.

Em nome da Academia Brasileira de Letras, falou no aeroporto o acadêmico João Neves da Fontoura.



Aspecto do banquete, vendo-se o presidente do Jockey Club Brasileiro, sr. João Borges Filho, ladeado por ilustres damas das delegações que a Argentina, o Uruguai e o Paraguai nos mandaram, a fim de representarem êsses países amigos nas festividades da nossa Independência, a cujos componentes a entidade turfista tributou essa delicada e elegante homenagem

JOCKEY CLUB MUNDANO

Sempre tomando parte ativa em todos os fatos sociais de maior relêvo da Capital da República, a nossa principal sociedade turfista constitui hoje um dos traços envolventes da tradicional hospitalidade brasileira. Nenhum visitante ilustre aporta à Cidade Maravilhosa sem que receba do Jockey Club Brasileiro as mais carinhosas demonstrações de apreço e fidalguia. Ainda por ocasião das festas da Independência, as delegações estrangeiras que nos visitaram, enviadas pelos governos da Argentina, do Paraguai e do Uruguai, foram gentilmente homenageadas pelo Jockey com um banquete em sua sede social, do qual participaram numerosas autoridades civis e militares e destacados elementos dos nossos meios sociais. Os ilustres itinerantes foram acolhidos entre as maiores provas de estima pela diretoria da aristocrática associação carreirista, numa festa de rara distinção e elegância, como tão bem sabe oferecer o Jockey Club. Falou o desembargador Cândido Lôbo saudando os homenageados, que agradeceram pela palavra do sr. embaixador do Paraguai. Da magnífica reunião mundana são as fotografias que ilustram esta página, mostrando o esplendor de que se revestiu mais essa manifestação do Jockey Club Brasileiro àqueles que aqui aportam, credores da nossa gratidão.





Nas fotos acima: À esquerda, um grupo em animada palestra, antes de iniciado o banquete, da qual participam o ministro Canrobert Pereira da Costa e os srs. Arthur Pires, Isaac Elbas, Carlos Guimarães e Manoel de Araújo Freitas, diretores do Jockey Club. À direita, o desembargador Cândido Lôbo faz o oferecimento da homenagem em nome da sociedade ofertante. Nas fotos de baixo: Dois flagrantes do banquete, em que aparecem, entre outras pessoas, os srs. Manoel de Araújo Freitas, Armando Fajardo e Fadel Fadel, membros da diretoria do Jockey Club Brasileiro





TORMENTA

EDSON KNEIPP

SENTADO na soleira da porta, Jerônimo pitava o seu cigarrinho de palha de milho e semi-cerrava os olhos à passagem da fumaça. Na saleta Marciana remendava e cantarolava. Mundico dormia. A mente do caboclo divagava e era assim que o viam agora nas horas de descanso: calado, pensativo. A mulher sabia porque, mas disfarçava e fazia de conta que tudo estava bem. Os camaradas ajudavam e diziam-lhe: — Ora, Jerônimo, deixe estar que tudo passa...

Um cachorro latiu perto e logo apareceu no caminho.

— Quer ver que é o Amâncio — previu Marciana.

E era.

— Ei, gente! — saudou Amâncio.

Sentou-se junto de Jerônimo e expeliu um "aaah"..", olhando de esguêlha para a mulher que o fitou significativamente; compreendendo, bateu com a mão no ombro do caboclo macambúzio.

— Ei, homem! Está pensando na morte da bezerra?

Jerônimo deu uma cuspidela, esticou as pernas e observou:

— Oie. O que estou pensando é que devagarinho êsse homem vai botando tudo ao jeito dele.

Era o velho tema.

— Lembra o que o coronel me disse? — continuou Jerônimo. Qu'eu não fizesse caso. Que o doutor Silva não ia me tirar nada, não ia me atrapalhar nada, nem ia tocar em nada que era meu, não foi? Pois é o caso. Terra está aí que Deus dá! E' preciso alguém incomodar uns aos outros?

— Calma, Jerônimo — dizia-lhe o dono da fazenda — o doutor Silva não vai tocar no que te dei; êle foi contratado para estudar e modificar os nossos sistemas de trabalho, reformar a usina, a serraria, facilitar tanto quanto possível o trabalho da própria lavoura, melhorar a irrigação e recuperar a terra cansada. Êle é engenheiro, entende dessas coisas, e veio aqui só para isso.

— Afinal — matutava o caboclo — nada tinha que ver com o que o coronel fazia. Aquilo tudo era dele. Ademais todos reconheciam que a fazenda não podia continuar naquele abandono, era até um crime. Desde que a mulher morreu o velho mudou-se com as duas filhas para a cidade vizinha, e dali êle só vinha à roça uma vez ou outra para ver como andavam as coisas. Entregou tudo aos próprios camaradas que eram homens nascidos e criados ali. Mas que poderiam êles fazer além de não deixarem as plantações morrerem? Seus métodos de trabalho ainda se resumiam na enxada e na fôice, e o gado crescia e criava-se sob os cuidados primitivos do campo, ao léu da sorte. Veio então o engenheiro e ninguém se admirou disso.

— E'... o homem é implicante mesmo — concordou Amâncio. — Mas o coronel acha que está direito...

Marciana emendou:

— Eu não digo? A gente tem que esperar até onde êle vai chegar.

Logo que chegou botou mãos à obra. Visitou tudo, traçou planos, reuniu o pessoal e distribuiu ordens. Enquanto esperava a chegada de materiais e máquinas para as reformas da usina e da serraria, virou-se para a lavoura e começou pela campina, que vivia sob a guarda de Jerônimo. Foi tudo devolvido. Até o córrego mudou de rumo e fugiu da beira da casa. As plantações começaram a subir a pequena colina e em breve cercariam a casinha por todos os lados. Que seria da horta? Do terreiro?

— Não faça caso, Jerônimo — era o que lhe dizia ainda o coronel.

Aconteceu, porém, o que o caboclo previa: a cêrca da horta teve que subir um bom pedaço, e o terreiro minguou também. Aquilo não era do trato. Tinha sido combinado que a plantação não subiria o morrinho. Agora o quintal mal dava para uma hortazinha e para um coxo dágua. O galinheiro do terreiro estava quase encostado à porta da casa. Reclamou do engenheiro.

— Sinto muito, seu Jerônimo, mas isto é do plano — respondeu-lhe. — Agora, se o senhor quiser... fale com o coronel.

Que mais falar com o coronel? O fato era que aquilo não estava direito. Os próprios camaradas murmuravam que o engenheiro andava de implicâncias com o Jerônimo. P'ra que uma coisa dessas? Amâncio intervinha, que não enchessem a cabeça do Jerônimo.

Mundico já está na cama? — indagou Amâncio.

— Em sono sôlto! — respondeu Marciana. — Acho qu'êle hoje pulou demais, cansou.

Riu baixinho e acrescentou:

— Quase apanhou outra vez por causa do passarinho.

— Mas também você implica: quê que tem pegar passarinho? Todo mundo não tem gaiola?

— Mundico está vadio, Amâncio. Se pega cuidar disso não quer saber de mais nada. Dona Jandira já mandou dizer p'ra apertar, senão êle não passa no fim do ano.

— Bom, ia isso é — concordou o negro.

E catucando Jerônimo com o joelho:

— O homem está cedo aqui amanhã, e é capaz de o coronel vir também. Se prepare, Marciana, qu'êles vão te filar o café.

— Deix'êles vir — respondeu Marciana. — E tomara vir cedo mesmo; cedo para essa gente é sete horas, oito horas...

Não se enganou a cabocla. Só depois do sol quente é que o doutor Silva e o coronel Euzébio apareceram na manhã seguinte. Marciana recebeu-os com alegria e Mundico correu a tomar a bênção ao velho.

— Qu'éde o Jerônimo? — perguntou êle. — Já foi?

— Desde cedinho, coronel! Jerônimo acorda com as galinhas, toma café e chispa.

— Ah, bom.

— E eu preparei um p'ro senhor e p'ro doutor — acrescentou ela, sorridente.

— Uai, como você sabia que a gente vinha?

— Ah! O Amâncio esteve aqui ontem de noite e disse que com certeza o senhor vinha também com o doutor Silva. Esteja à vontade, doutor.

O engenheiro agradeceu e seguiu com o olhar aceso o vulto da cabocla que se sumiu pela casa dentro. E com o mesmo olhar assistiu aos movimentos da mulher, indo e vindo, na arrumação da mesa.

O coronel repreendeu-a.

— Não precisa botar mesa não, criatura! Chega uma xicrinha só, nossa demora é pouca!

— Que nada, coronel. O senhor vai comer um pedacinho de bôlo.

— Ah, bom.

O engenheiro não falava. Buscava com insistência o olhar de Marciana que, entretanto, não o percebia ou fingia que não percebia. Mundico reapareceu e o coronel prendeu-o entre as pernas. Como ia de escola? A mãe respondeu:

— Está vadio como êle só!

— E' mesmo, Mundico?

O garôto encabulou e mãe prosseguiu:

— Só quer saber de pegar passarinho, de caçar preá, de bater perna no mato. Estudar mesmo, nada! A professôra já disse: se levar bomba não ganha presente nem vai passear com os outros na cidade.

— Viu, Mundico?

O engenheiro limitava-se a sorrir convencionalmente e o seu agrado ao filho da casa consistiu em passar-lhe a mão no cabelo. Marciana chamou-os para a mesa. Com desenvoltura de senhora de cidade serviu os seus ilustres visitantes e ainda teve tempo de conversar com êles. Finalmente, os dois homens se despediram e desceram para a campina. Mundico ajudou a mãe a desfazer a mesa.

— Mãe... eu não gosto muito do doutor Silva não.

(Cont. na pág. 53)



PROCURA-SE um NOME









UMA ESTRÊLA SOLITARIA — Bela atleta juvenil do Botafogo de Futebol e Regatas, desmentindo quem acha que o atletismo masculiniza a mulher

O ATLETISMO NÃO MASCULINISA A MULHER



Cinco tipos diferentes de mulher. Tôdas elas alunas do Colégio Cruzeiro e participantes do campeonato colegial feminino de atletismo. Tôdas descendentes de alemães, introdutores do desporto-base entre o sexo-frágil no Brasil. Entre as cinco, o leitor poderá verificar a influência da prática dos saltos, arremessos e corridas

"CRIME CONTRA A EUGENIA!"

DECIDINDO A POLÊMICA SÔBRE A PRÁTICA DO DESPORTO-BASE PELO SEXO FRÁGIL, FALAM JORNALISTAS, AUTORIDADES ESPORTIVAS, UM MÉDICO, UMA ATLETA E UM CATEDRÁTICO

Reportagem de **Levy Kleiman**  Fotos de **José Santos**

O esporte tem conquistado, ùltimamente, grande número de adeptos entre o sexo frágil, e vemos as mulheres praticando tôdas as modalidades que eram consideradas até pouco tempo exclusivamente para homens, pois até o mais violento, a luta livre, já está empolgando as representantes de Eva, conforme temos visto nas telas dos cinemas, através os jornais cinematográficos.

Quanto maior se torna a adesão das mulheres a certas modalidades, maior a repercussão, e maiores também as críticas que surgem por parte das moralistas, reclamando a diminuição do vestuário; dos médicos, achando que certos esportes são violentos para a mulher, prejudicando-lhe a saúde e a feminilidade, e, consequentemente, a sua elegância, e de certos críticos esportivos fazendo côro com os esculápios, considerando que, tècnicamente, não há nenhum interêsse público para atrair assistência às competições femininas.

O atletismo, sendo uma das modalidades mais pro-



A atleta tricolor faz uma fôrça louca para arremessar o pêso. Reparem que esta chega até a morder a língua para conseguir jogar a esfera de ferro a quase dez metros!



O fotógrafo fixou êste interessante flagrante de arremêsso do pêso de outro ângulo, e a atleta chega a executar um passo de dança para conseguir o objetivo



Essa garota magrinha do Colégio Cruzeiro, de cujo físico ninguém se responsabiliza, é uma flecha na corrida, capaz de superar nos 100 metros razos a muito "barbado"





Esta aluna do Colégio Andrews, com o seu sorriso de pouco caso, participou com êxito da corrida de 100 metros razos, e correu a bem correr



Esta arremessadora de dardo do Fluminense revela um físico muito desenvolvido, o que lhe faz perder seús aspectos femininos



AO ALTO — Com a cara "amarrada", a atleta descansa, aguardando a chamada do juiz para participar da prova em que foi inscrita. Está bem com o atletismo mas não com o crochet, segundo o veterano cronista Dão. AO LADO — Uma estrelinha botafoguense arma o corpo, firma-se num pé, enquanto levanta o outro, eleva um braço, faz uma carêta e vai atirar...



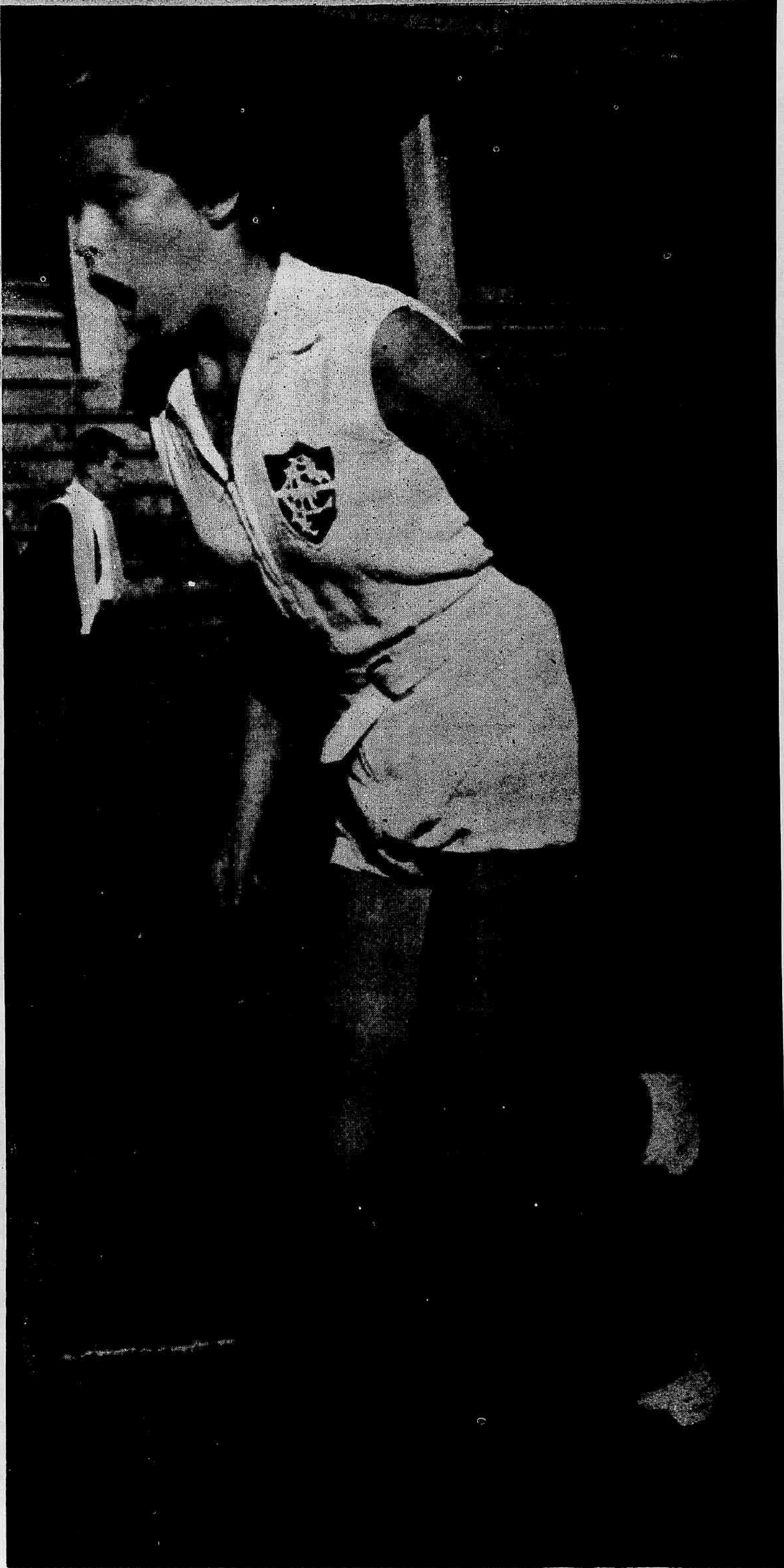
Esta representante do Colégio Cruzeiro, a ex-Escola Alemã, lembra uma Walkiria, com tranças compridas e um rosto que parece saído da pena de um caricaturista



Uma prova evidente de que não existem preconceitos de raça nem de côr no atletismo. O esporte confraterniza uma descendente de alemães e uma legítima "colored"



Em que classificação poderemos enquadrar esta atleta do Fluminense? Leiam a reportagem, vejam as diversas opiniões dos que responderam à "enquête" e enquadrem a estrêla tricolor no tipo escolhido. AO LADO — O esfôrço dispendido por uma corredora do Fluminense após uma prova de 100 metros estereotipado no rosto. O atletismo lhe será prejudicial?







A ESQUERDA — Três tipos bem brasileiros do Colégio Arte e Instrução, descansam os pés após uma bem disputada corrida rasa, e para esfriá-los retiram os sapatos pregueados, caminhando descalças sôbre a relva macia. A DIREITA — Três atletas do Colégio Cruzeiro, que poderiam ser grupadas em três categorias de físico: médio, magro e gordo. Qual a beneficiada com o atletismo?



Sorriu, mostrou duas filas de bonitos dentes, quando o repórter perguntou se o atletismo conseguiu torná-la mais esbelta. A resposta foi esta: — "Preferia embranquecer"

curadas pela mulher, tornou-se alvo de críticas por parte de educadores, médicos e jornalistas, o que nos levou a proceder um inquérito entre as autoridades esportivas, jornalistas, uma atleta e um catedrático, a fim de verificar se de fato o atletismo deve ou não ser praticado pelo sexo frágil, se prejudica a saúde e elegância ou se traz benefícios, se há provas impróprias para a mulher, ou se existem as adequadas à compleição física feminina.

Antes de passarmos à "enquête" pròpriamente dita, será bom historiar a participação feminina no atletismo, que é considerado o esporte-base, e compreende na categoria do sexo frágil, às modalidades de corridas de 100 e 200 metros rasos, 80 metros sôbre barreiras, revezamento de 4x100 metros, saltos em altura e distância e arremessos do pêso, do disco e do dardo. Há muitos anos que a mulher vem praticando o atletismo no norte da Europa, especialmente como defesa contra o frio. No Brasil, faz pouco mais de dez anos, nos Estados sulinos, especialmente nos núcleos de colonização alemã, e no Distrito Federal, começou na Escola Alemã e na Sociedade Ginástica 1909, sendo que a primeira competição teve lugar em 1938, patrocinada pelo "Correio da Manhã".

OPINIÕES DESENCONTRADAS

Nunca em nossa carreira jornalística tivemos a oportunidade, numa "enquête"-relâmpago, de ouvir tantas opiniões diferentes de técnicos na matéria sôbre um so assunto. Em quatro horas de trabalho auscultamos elementos de diversos setores ligados ao atletismo, desde o estudioso na matéria até o atleta, passando por um médico especializado no desporto-base, o mais antigo cronista esportivo, um jornalista eclético, um dirigente de entidade controladora do atletismo, e um catedrático da Escola Nacional de Educação Física. Falaram, portanto, vozes autorizadas pela experiência, pelo conhecimento de causa, pelo estudo científico, e, através o contacto diário na busca de assuntos para as reportagens das seções esportivas. Cada qual emitiu um ponto de vista e difícil será encontrar dois equivalentes

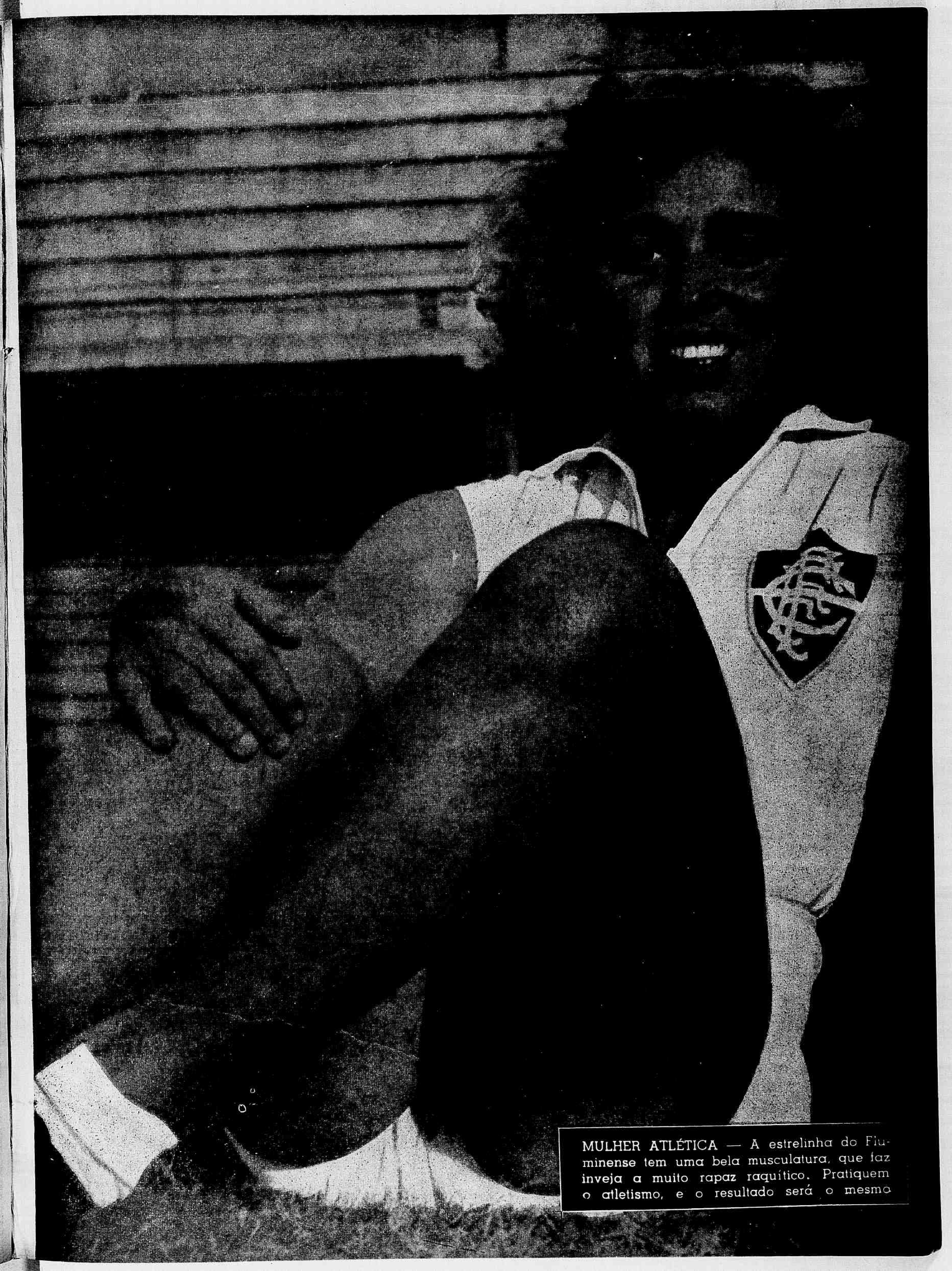
(Cont. na pág. 54)



Um sexteto capaz de mexer com os nervos de qualquer um, êste das mulatinhas da Escola Técnica Nacional, e elas fazem um pouco de tudo — saltam, correm e arremessam. Um perigo "bancar" o engraçadinho com qualquer delas, apesar do sorriso convidativo



O atletismo, apesar de os técnicos opinarem em contrário, exige grande esfôrço por parte de suas praticantes. O médico especializado em desporto-base, dr. Aluízio Coutinho Cavalcanti, pensa que elas podem praticá-lo, com exercícios preparatórios. Mas Isaac Cook diz: — "Brutalidade!"



MULHER ATLÉTICA — A estrelinha do Fluminense tem uma bela musculatura, que faz inveja a muito rapaz raquítico. Pratiquem o atletismo, e o resultado será o mesmo

THE NEW YORK HERALD.

[WH]OLE NO. 10459. NEW YORK, SATURDAY, APRIL 15, 1865. PRICE, FOUR CENTS.

[IM]PORTANT.

[A]SSASSINATION OF [PRES]IDENT LINCOLN

[Pres]ident Shot at the Theatre Last Evening.

[SECR]ETARY SEWARD [DAG]GERED IN HIS BED BUT MORTALLY WOUNDED.

[Clare]nce and Frederick [Se]ward Badly Hurt.

[ESCAPE] OF THE ASSASSINS.

[Intens]e Excitement in Washington.

[SCENE AT] THE DEATHBED OF MR. LINCOLN.

[J. Wilkes Bo]oth, the Actor, the Alleged [Assas]sin of the President,

Details of the Assassination.

WASHINGTON, April 14, 1865.

Washington was thrown into an intense excitement a few minutes before eleven o'clock this evening, by the announcement that the President and Secretary Seward had been assassinated and were dead.

The wildest excitement prevailed in all parts of the city. Men, women and children, old and young, rushed to and fro, and the rumors were magnified until we had nearly every member of the Cabinet killed. Some time elapsed before authentic data could be ascertained in regard to the affair.

The president and Mrs. Lincoln were at Ford's Theatre, listening to the performance of the American Cousin, occupying a box in the second tier. At the close of the third act a person entered the box occupied by the President and shot Mr. Lincoln in the head. The shot entered the back of his head and came out above the temple.

The assassin then jumped from the box upon the stage and ran across to the other side, exhibiting a dagger in his hand, flourishing it in a tragical manner, shouting the same words repeated by the desperado at Mr. Seward's house, adding to it, "The South is avenged," and then escaped from the back entrance to the stage, but in his passage dropped his pistol and his hat.

Mr. Lincoln fell forward in his seat and Mrs. Lincoln fainted.

The moment the astonished audience could realize what had happened the President was taken and carried to Mr. Peterson's house in Tenth street, opposite to the theatre. Medical aid was immediately sent for, and the wound was at first supposed to be fatal, and it was announced that he could not live; but at half-past twelve he is still alive, though in a precarious condition.

As the assassin ran across the stage Col. J. B. Stewart, of this city, who was occupying one of the front seats in the orchestra, on the same side of the house as the box occupied by Mr. Lincoln, sprung to the stage and followed him, but he was obstructed in his passage across the stage by the fright of the actors, and reached the back door about three seconds after the assassin had passed out. Col. Stewart got to the street just in time to see him mount his horse and ride away.

The operation shows that the whole thing was a preconcerted plan. The person who fired the pistol was a man about thirty years of age, about five feet nine, spare built, fair skin, dark hair, apparently bushy, with a large moustache. Laura Keene and the leader of the orchestra recognized him as J. Wilkes Booth the actor, and a rabid secessionist. Whoever he was, it is plainly evident that he thoroughly understood the theatre, and all the approaches and modes of escape to the stage. A person not familiar with the theatre could not have possibly made his escape so well and quickly.

The alarm was sounded in every quarter. Mr. Stanton was notified and immediately left his house.

All the other members of the cabinet escaped attack.

Cavalrymen were sent out in all directions, and dispatches were sent to all the fortifications and it is thought they will be captured.

About half-past ten o'clock this evening, a tall, well-dressed man made his appearance at Secretary Seward's residence, and applied for admission. He was refused admission by the servant, when the desperado stated that he had a prescription from the Surgeon General and that he was ordered to deliver it in person. He was still refused, except upon the written order of the physician. This he pretended to show and pushed by the servant and rushed up stairs to Mr. Seward's room. He was met at the door by Mr. Fred Seward, who notified him that he was master of the house, and would take charge of the medicine. After a few words had passed between them he dodged by Fred Seward and rushed to the Secretary's bed and struck him in the neck with a dagger, and also in the breast.

It was supposed at first that Mr. Seward was killed instantly, but it was found afterwards that the wound was not mortal.

Major William H. Seward, Jr., paymaster, was in the room and rushed to the defense of his father and was badly cut in the side by the same [assassin], but not fatally.

The desperado managed to escape from the house, and was prepared for escape by having a horse at the [door] ... mounted his ...

The theatre was densely crowded, and all seemed delighted with the scene before them. During the third act, and while there was a temporary pause for one of the actors to enter, a sharp report of a pistol was heard, which merely attracted attention, but suggested nothing serious, until a man rushed to the front of the President's box, waving a long dagger in his right hand, and exclaiming "Sic Semper tyrannis!" and immediately leaped from the box, which was in the second tier, to the stage beneath, and ran across to the opposite side, making his escape, amid the bewilderment of the audience, from the rear of the theatre, and mounting a horse, fled.

The screams of Mrs. Lincoln first disclosed the fact to the audience that the President had been shot, when all present rose to their feet, rushing towards the stage, many exclaiming "Hang him! Hang him!"

The excitement was of the wildest possible description, and of course there was an abrupt termination of the theatrical performance.

There was a rush towards the President's box, when cries were heard "Stand back and give him air." "Has any one stimulants?"

On a hasty examination it was found that the President had been shot through the head, above the back of the temporal bone, and that some of the brain was oozing out.

He was removed to a private house opposite to the theatre, and the Surgeon General of the Army was sent for to attend to his condition.

On an examination of the private box blood was discovered on the back of the cushioned rocking chair on which the President had been sitting, also on the partition and on the floor. A common single barreled pocket pistol was found on the carpet.

A military guard was placed in front of the private residence to which the President had been conveyed. An immense crowd was in ... and deeply anxious to learn the ... President. It had been ...

EXTRA.

8:10 A. M.

New York, Saturday, April 15, 1865.

DEATH OF THE PRESIDENT.

Further Details of the Great Crime.

ADDITIONAL DISPATCHES FROM THE SECRETARY OF WAR.

What is Known of ...

THE REBELS.

JEFF. DAVIS AT DANVILLE.

His Latest Appeal to his Deluded Followers.

He Thinks the Fall of Richmond a Blessing in Disguise as it Leaves the Rebel Armies Free to Move From Point to Point.

HE VAINLY PROMISES TO HOLD VIRGINIA AT ALL HAZARDS.

Lee and His Army Supposed to Be Safe.

BRECKINRIDGE AND THE REST OF DAVIS' CABINET REACH DANVILLE SAFELY.

The Organ of Gov. Vance, of North Carolina, Advises the Submission of the Rebels to President Lincoln's Terms.

&c., &c., &c.

JEFF. DAVIS' LAST PROCLAMATION.

VIRGINIA TO BE HELD BY THE REBELS AT ALL HAZARDS

DANVILLE, VA., April 5, 1865.

The General-in-Chief found it necessary to make such movements of his troops as to uncover the Capital. It would be unwise to conceal the moral and material injury to our cause resulting from the occupation of our capital by the enemy. It is equally unwise and unworthy of us to allow our own energies to falter and our efforts to become relaxed under reverses, however calamitous they may be. For many months the largest and finest army of the confederacy, under command of a leader whose presence inspires equal confidence in the troops and the people, has been greatly trammelled by the necessity of keeping constant watch over the approaches to the capital, and has thus been forced to forego more than one opportunity for promising enterprise. It is for us, my countrymen, to show by our bearing under reverses, how wretched has been the self deception of those who have believed us less able to endure misfortune than to encounter dangers with courage.

We have now entered upon a new phase of the struggle. Relieved from the necessity of guarding particular points, our army will be free to move from point to point to strike the enemy in detail far from his base. Let us but will it and we are free.

Animated by that confidence in spirit and fortitude which never yet failed me, I announce to you, fellow-countrymen, that it is my purpose to maintain your cause with my whole heart and soul; that I will never consent to abandon to the enemy one foot of the soil of any one of the States of the Confederacy, and that Virginia ... whose ancient renown ... been ... still more glorious ...

A considerable amount of goods purchased by the State for distribution to the people, we regret to learn, had to be left behind. Also the state archives remained in the city, but we perceive no motive the enemy can have in destroying them, as they will no doubt endeavor to occupy the city permanently and establish a State government at Richmond under the federal Union.

Lee's Army Supposed to be in a Safe Position.

(From the Raleigh Confederate, April 7.)

This is the time for rumor manufacturers who are engaged in a wholesale business. Sometimes they have it that whole brigades deserted in the last great battle, among others, Cook's brigade is selected as the bearer of this stigma. We are assured that such a statement has no foundation whatever, that no treachery induced the disaster at Petersburg, that our forces fought splendidly, and the enemy only succeeded by overwhelming numbers. We are convinced, too, from facts we cannot mention, that Lee's army is in a safe position, and that his future movements will be directed with the skill and energy which distinguished our great captain.

Having anticipated the probable loss of Richmond, and fully recognizing the importance of the disaster, we are, nevertheless, not of the number of those who give up the cause. In the Southern confederacy, this day, there is military strength of men material and supplies to make independence certain. It is the people themselves whether they secure or lose their liberties.

Rebel Particulars of the Battle of Petersburg.

(From the Raleigh Confederate, April 7.)

An officer who left Richmond at nine o'clock on Monday morning last, informs us that up to the time he left, the city was in flames from Clay to Canal streets. The Shockoe warehouse and other entire ports of supplies were burned. The bridges had also been fired.

No mob or violence of any kind had occurred up to the period when he left, so that the report of a destructive mob on Sunday night is untrue. The enemy's cavalry entered the city as the train moved off that he came out in. The story of the mob, therefore, we hope is entirely erroneous.

This officer describes the fighting on Saturday as terrible beyond description. The enemy formed column after column of our works, tapping our lines on the extreme right. They came nine columns deep. Eight columns faltered and were broken by the obstinacy of our defence; but the ninth broke over our forces like a whirlwind. He says the destruction of the enemy was immense. Our loss, we think, consists mainly in prisoners taken by the enemy. All the prisoners whom we captured were drunk, having been prepared, according to the Yankee tactics, for the terrible ordeal. Lieutenant General A. P. Hill was certainly killed. General Fitz Lee was not killed as reported, or General W. H. F. Lee. No general officer from North Carolina was killed as far as he heard. On Monday, Sheridan attacked Fitz Lee and was handsomely repulsed.

The Organ of Gov. Vance, of North Carolina, Advising General Lee to Submit to Mr. Lincoln's Terms.

(From the Raleigh Confederate, April 7.)

The Conservative occasionally seems to fall into very mysterious hands, and to come under the control of an incomprehensible influence. On the day before yesterday the paper availed itself of a period of extreme reverses and disaster to renew the attempt to cast odium on our own citizens, which has been a favorite policy with its politics leaders ever since the revolution began, and after it was no longer politic to claim that they "made the revolution." Yesterday it sends to the public a leader of still more extraordinary import. From what we comprehend of it, it seems to be a distinct proposition to submit and surrender upon the terms proposed by Lincoln. This has never yet as we can recollect been more distinctively proposed even by journals whose loyalty has been called in question. The Conservative says: "It is now no use to propose to treat with the North with any expectation ... concession that the confederacy is gone ... and hence says the Conservative ..."

Página do famoso número de 15 de abril de 1865, do "New York Herald", que continua a ser reproduzido aos milhares e vendido aos visitantes do Museu Lincoln em Washington por dez cents, a fim de que todos os visitantes leiam e gravem os acontecimentos daquela noite trágica e sempre relembrada com mágoa

A MORTE DE LINCOLN E O CAFÉ

ÀS vinte e uma horas e meia do dia 14 de abril de 1865, numa sexta-feira, quando se achava em seu camarote no "Ford's Theatre", ao lado de sua espôsa, Lincoln, presidente dos Estados Unidos, recebeu pelas costas um tiro mortal.

A cidade de Washington ferveu de sensação e excitamento. O atentado obedecia a um plano de extermínio de vidas, pois, na mesma noite e quase ao mesmo tempo, outro assaltante penetrava nos aposentos do secretário Seward, membro do Govêrno Lincoln, e o atacava no próprio leito em que estava sob tratamento médico.

Várias punhaladas recebeu êsse homem de Estado. Uma empregada deu o alarma. Acorreu em socorro do enfêrmo o seu filho, Frederico Seward, que se achava recolhido a um quarto vizinho ao do pai, e que travou luta com o criminoso, recebendo ferimentos, mas não conseguindo prender o sicário.

No seu camarote, quando terminava o terceiro ato de "American Cousin", recebe Lincoln traiçoeiramente o tiro na cabeça, saindo a bala pela fronte. Sua espôsa cai ao solo, sem sentidos, enquanto o assassino, brandindo uma arma branca, foge, exclamando diante do povo atônito: "O Sul está vingado!".

Mas foi reconhecido por Laura Keene e pelo diretor da orquestra como sendo J. Wilkes Booth, um ator do próprio elenco e ferrenho inimigo da causa antiescravista defendida por Lincoln.

Cêrca de cinquenta minutos depois do tiro contra Lincoln, era apunhalado em sua residência o secretário Seward, saindo ferido ainda, com uma facada no peito, seu filho Fred, mas não gravemente. De início pensaram que o assassino de Lincoln tinha sido o mesmo do secretário; mas essa versão se desfêz, ficando claro que se tratava do ator Booth e de um seu cúmplice, não restando nenhuma dúvida de que havia um plano para exterminar todos os membros do Govêrno de Abraão Lincoln.

A tragédia se passou na noite de 14 de abril de 1865; mas é interessante saber-se que ainda hoje, todos os dias, o número 104 vol. XXX do "The New York Herald" é vendido a tôdas as pessoas que visitam o "Museu Lincoln" em Washington. No gênero êsse é o único caso no mundo, de continuar a vender-se um exemplar de jornal atrasado, já estando com 84 anos e sempre atraindo a atenção dos leitores.

Todo aquêle que vai ao "Museu Lincoln", justamente o edifício do "Ford's Theatre"

[...hen the ...] Cup.

[...] by the use [...]ding head[...] [attr]ibute these [...] headaches [...] Grain-O are [res]ulted in the [...] longer any [Grain]-O offers all

Coffee Upsets the / Grain-O Tones up the **STOMACH**

Coffee Disturbs the / Grain-O Strengthens the **NERVES**

Coffee Ruins the / Grain-O Aids the **DIGESTION**

Um pedacinho da campanha dos anúncios contra o café e a favor do sucedâneo, advertindo o leitor quanto aos males da rubiácea sôbre o estômago, nervos e digestão

Êste é o ator Wilkes Booth, o assassino de Lincoln, que chefiava o movimento

EDWIN M. STANTON
Secretary of War.

IMPORTANT FROM SOUTH AMERICA.

Surrender of Montevideo to Gen. Flores—Brazil in Possession of the City, &c.

The Brazilian mail arrived at Lisbon April 2, bringing the following advices:

Montevideo has surrendered to General Flores. The Brazilians now (March 11) occupy the city.

RIO JANEIRO, March 11, 1865.

Exchange 25 5-8 a 26 1-4.

Coffee—Sales of good first at 65.66. Shipments, 100,000 bags. Stock, 100,000 bags. Freight, 50.32 1-8.

BAHIA, March 11, 1865.

Exchange 26 1-4. Cotton nominal.

PERNAMBUCO, March 11, 1865.

Exchange 26 1-2 a 27.

News From San Francisco.

Na edição que trazia tantas notícias sôbre a morte de Lincoln, estampava o "New York Herald" esta notícia do Brasil, sua política, comércio e câmbios, em libra!

em que se verificou o assassínio do famoso homem de Estado, adquire êsse número do "The New York Herald" de 15 de abril de 1865, no qual, então, se liam notícias circunstanciadas dos fatos delituosos da noite anterior.

E os jornaleiros gritam apregoando há oitenta e cinco anos: "Extra! "New York Herald"! A morte de Lincoln!", como se estivessem anunciando um número do dia sôbre sensacionais acontecimentos da hora presente.

Entramos no Museu e vemos na mais perfeita ordem tudo o que pertenceu ao imortal lenhador. Folheamos o jornal que descreveu o deplorável episódio e, ao lado do noticiário sôbre a morte de Lincoln, vemos algumas notícias que interessam ao Brasil.

Na quarta coluna, êste título desperta a nossa atenção: "Notícia importante da América do Sul". E a seguir o sub-título: "Rendição de Montevidéu ao general Flores. O Brasil de posse da cidade, etc.". Era o início da Guerra do Paraguai.

De onde obtivera o "New York Herald" essa informação? De uma correspondência recebida em Lisboa com data de 2 de abril, na qual se lia que tropas brasileiras, a 11 de março, haviam ocupado a capital do Uruguai! Ao lado dessa notícia já velhíssima, com um mês e quatro dias, lemos outras sôbre cotação de café e câmbio, tão velhas quanto aquela da entrada de nossas tropas em Montevidéu. E — como os tempos mudam! — tôdas as cotações estão em libras esterlinas, câmbio quase a 27!

O que nos surpreende, entretanto, nesse número de um jornal novayorkino com a idade de 85 anos, é a campanha que se levava a efeito, quando da morte de Lincoln, contra o café.

Quem mantinha essa vigorosa guerra contra a "preciosa rubiácea"? Uma organização denominada "The Genesee Pure Food Co.", disposta a substituir em todos os lares, hotéis, pensões, etc., a bebida arábica, base de tôda a economia brasileira, por um sucedâneo chamado "Grain-O", feito, segundo os seus lançadores, de grãos de vários cereais.

O leitor do jornal em memória de Lincoln depois de conhecer tudo o que se escreveu sôbre sua morte da noite de 14 até 15 de abril de 1865, ao virar a página, entra em contacto com a batalha para destruir o café.

E lê coisas como estas: "Não consinta que o demônio do café destrua sua saúde e felicidade! Beba "Grain-O", o substituto perfeito do café, que nutre sem fazer mal".

Ocupando quase tôda uma página do jornal "In Memoriam", lá está o "Grain-O" gritando aos americanos: "O café envenena!", "O café arruina o organismo!", "O café tira o sono!", "O café é mais perigoso do que o álcool!", "O café já foi desbancado pelo "Grain-O"!" — e assim por diante.

Como não podia deixar de ser, publicam os fabricantes do sucedâneo várias opiniões sôbre o seu café falsificado, exaltando as qualidades do "Grain-O", vendo-se até uma poesia ditirâmbica a respeito daquela beberagem, rimando **to know** com **Grain-O**. Está certo, quanto à arte poética; mas...

Tudo isso já está com quase um século. O povo norte-americano mantém aquela devoção quase religiosa em memória do seu grande patrício, um dos maiores vultos da Humanidade. Lincoln encheu o século XIX e se projeta cada vez maior na consciência universal; depois daquela crise política internacional que levou as tropas do Sengundo Reinado a ocupar Montevidéu, sobreveio a Guerra do Paraguai; nosso comércio de café se manteve sempre na liderança e conquistou, definitivamente, o povo norte-americano, grande apreciador da rubiácea. Mas, que é feito do "Grain-O"?

Daí tirarmos esta conclusão: tôda propaganda contra determinado produto só terá efeito se o concorrente dispuser de qualidades intrínsecas que ajudem a opinião pública a tomar o seu partido. O substituto do café lançado nos Estados Unidos em 1865, com o propósito de dominar o mercado consumidor, não teve êxito nenhum. Por que? Porque milhões de norte-americanos verificaram que a bebida que o Brasil exporta em grãos nunca matou ninguém, jamais perturbou a digestão do cliente, nem lhe tirou a inteligência. E mais uma vitória do café brasileiro se fêz sentir fora do país...



Abrahão Lincoln, diante de cuja estátua todos os americanos se curvam





Se o leitor pensa que seja fácil bater fotografias dessas jovens francesas, exatamente como foram apresentadas em cena, pode crer que labora em êrro e dos maiores. Elas têm uma concepção especial do que muitos denominam "nudismo" e tão depressa deram conta do seu número no palco, tratam de cobrir-se. Ainda assim, como são vistas na página à esquerda, foi preciso o fotógrafo lançar mão de tôda a sua tática profissional. Na gravura superior, Gaby, a francesinha de Guadalupe, satisfeita com a baiana estilizada que lhe deu o figurinista da peça. Em Paris, frequentemente as revistas do "Folies Bergères" e do "Casino" apresentam números tipicamente brasileiros — mas foi preciso virem ao Rio as que agora aqui se encontram, para conhecer com certa exatidão a indumentária da baiana... através da revista nacional

SERÁ ISTO EXISTENCIALISMO?

Mas as francesinhas de Pigalle não gostam de pôsar desnudas ★ E preferem dormir, fazer exercício e conhecer os arredores do Rio sem muitas companhias ★ Alunas do Curso de Arte Dramática, intérpretes de "Sinfonia Pastoral" e de Moliére ★ O samba, em Paris, adaptado ao espírito gaulês ★ Atribulações do repórter, que não encontrou facilidade para dar conta do recado

Por SABINO

(Exclusividade da REVISTA DA SEMANA)

Ninguém pode negar que uma das coisas que mais tem dado assunto para comentários, nestes últimos dias em matéria de teatro, é a presença das coristas francesas no Rio.

Assisti à revista e desejei conhecer essas "girls" de perto. Mas não serei egoísta e convido todos os leitores a me acompanharem, para saber e ver tudo o que me foi permitido.

Indiscreto como todos os repórteres, fui entrando pelos fundos do palco. Aí surgiu o primeiro sinal vermelho: — "Não se pode subir e entrar no camarim geral!". — Bonito, e agora? Fotografar as garôtas quando elas passam pelo corredor e entram e saem da cena? Assim não tem graça. Em todo caso, o dever mandava que se cumprissem as ordens superiores, e ali ficamos, em posição estratégica, tomando conta do corredor, da escada e da entrada e saída do palco.

Pouco a pouco o ambiente foi se animando, os artistas chegando, as fantasias aparecendo. E' um mundo de ficção. Falava-se português, espanhol e francês; artistas homens e mulheres, jovens e velhos, brancas, louras, ruivas, morenas, e mulatas. Caras pintadas, "maquillages" exagerados, penteados forçados, cílios e sobrancelhas falsas, faces vermelhas de "rouge", nuvens de pó de arroz; um arco-iris de côres, plumas e leques. Milhares de lantejoulas, olhos brilhantes e pernas nuas.

Tudo numa vai-e-vem constante, de mistura com as vozes chamando e respondendo, e barulhe dos mecâ-



Sim, êste flagrante foi obtido na banheira. Lá estão, ao fundo, as torneiras de água quente e fria, enquanto sua atitude é a de quem vai refazer-se em um agradável banho môrno, mais tentador ainda depois do espetáculo. Mas acreditamos que tudo tenha ocorrido precisamente assim? Pois sim! Reparem no colar que mademoiselle exibe, e que se esqueceu de tirar, para melhor convencer o leitor ingênuo. Na realidade, ela apenas fingiu. Mas fingiu bem



Quem disse que existencialismo é sinônimo de nudismo? Elas conheceram Sartre em pessoa, frequentaram o Tabu muitas vêzes e por isso não ignoram que uma coisa nada tem que ver com a outra. Nudismo, só em cena

nicos e dos eletricistas, a cigarra das campainhas emanando ordens...

Está na hora. Começou o espetáculo. A azáfama aumentou e agora já se escuta o contra-regra, gritando para os artistas atrasados: Oh, Magalie, você sempre atrasada, sempre a última! A gente fala com ela e ela "nem te ligo".

Para os leitores: Magalie é uma das "vedettes" que aparece quase despida; uma ruiva de fechar o comércio. Disse-me que não sabe cantar, não sabe dançar, enfim, não sabe fazer nada. Nem precisa, é o bastante ela aparecer vestida de plumas para que todos pensem que ela é a tal — menos o contra-regra.

De vez em quando, nos "forte", a música chega até nós. E' "Pigalle", "La vie en rose", "La Seine" e "Dance avec moi" intercalados com os nossos sambas e chôros.

Enquanto isso o fotógrafo põe em execução tôda a sua habilidade para conseguir os flagrantes que ilustram estas páginas, já que as "girls" mostravam-se bastante retraídas. Assim mesmo conseguiu num camarim, depois de muita insistência, um quase-nu artístico. Isso deixou-me intrigado, pois não era bem o que eu es-



Nas horas de folga, um pouquinho de leitura do seu autor favorito não faz mal a ninguém. Para esquecer a dor de cabeça dos ensaios e das duas sessões noturnas — três em certos dias da semana, que horror! — nada como as páginas de um bom livro. Mlle. Gaby trouxe, de Paris, alguns volumes que só agora está começando a ler. Romance policial? De amor? Psicanálise? Nada disso. Simplesmente... o manual da boa dona de casa, acreditem ou não. Algum dia ela poderá fazer todos aquêles quitutes



— "Estas meias fazem a nossa ruína. Custam um dinheirão e desfiam à toa... Não duram nada!" — E a linda parisiense imagina quanto já despendeu em meias depois que pisou terra carioca. Tudo caro — e falsificado!



Tôdas as manhãs é preciso fazer um pouco de ginástica para manter em rigorosa forma as provocantes curvas. Logo mais, à noite, a platéia exigirá o máximo de plástica — motivo porque o exercício não pode ser descuidado

perava, e resolvi fazer do nu artístico um dos objetivos da reportagem.

Comecei a observar as várias reações e eis o que vi e deduzi. Antes de mais nada, o ambiente nos bastidores é de absoluto respeito, coisa, aliás, confirmada depois, na entrevista das próprias interessadas. Artistas, empregados e trabalhadores, todos comportam-se como sêres inteligentes e racionais frente à nudez feminina. Esta não é absoluta, e sim delicadamente velada, por isso mesmo deixa de ser imoral para se tornar agradável. As moças desciam dos camarins cobertas com uma espécie de paletó de pijama branco que só despiam quando instaladas no lugar que lhes competia no quadro a ser apresentado ao público. Isso, poucos momentos antes de abrir o cenário. De modo que, na realidade, nos bastidores de um teatro de revista não existe nu maior do que o apresentado gratuitamente, à luz do sol, com ares de ambiente familiar, pelas nossas belas patrícias nas praias cariocas.

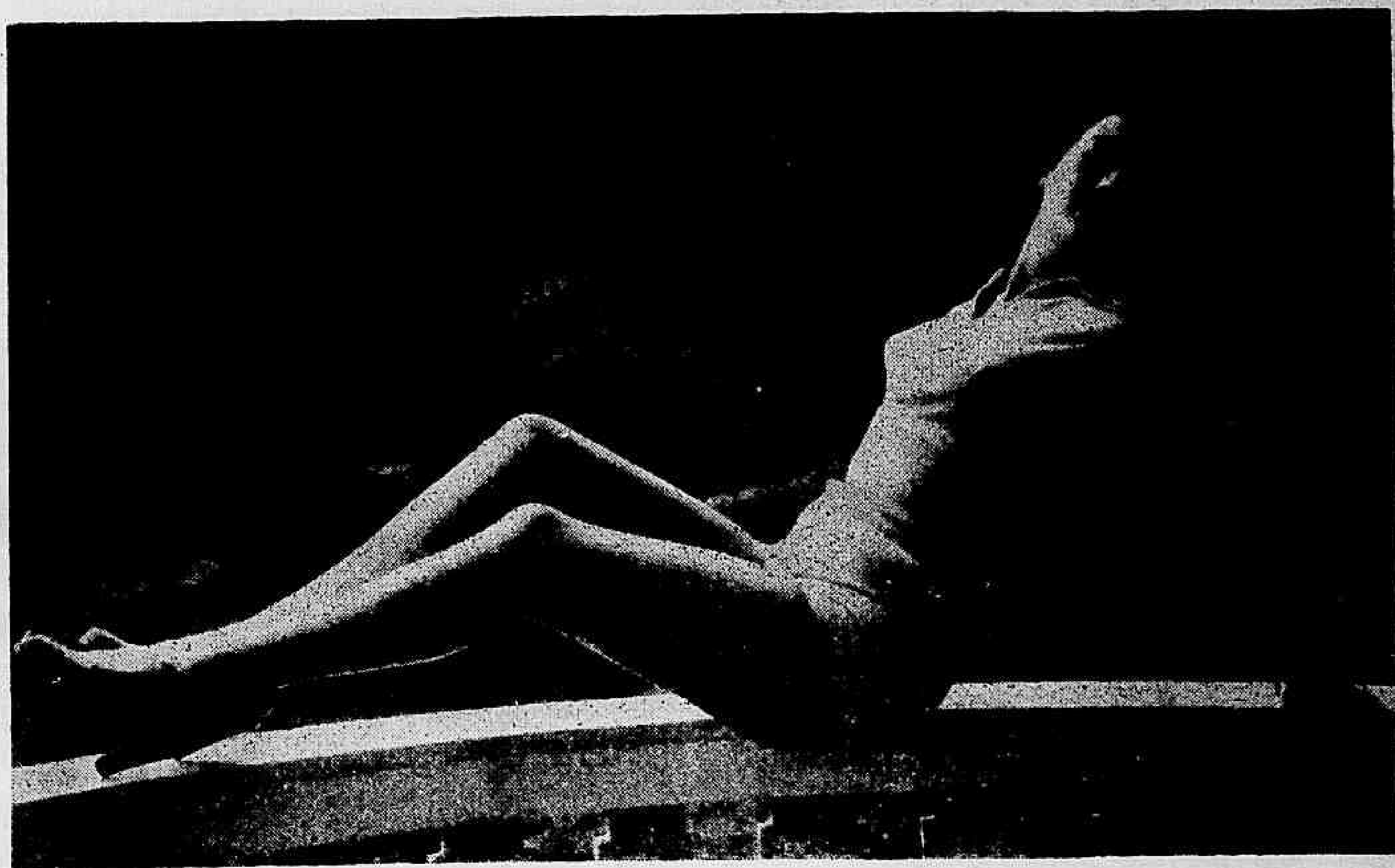
Agora vamos à reação do público. A vista das figuras nuas, a platéia permanece em completo silêncio. Não há um assovio, uma piada, nada de risos histéricos,



O sono persegue a quem trabalha em teatro. Espetáculo das vinte até quase uma da madrugada, depois a ceia, o regresso a casa — e quando se pensa que é possível dormir, o bastante para repousar o corpo, lá vem a advertência da tabela: "Ensaio às tantas horas!". O tempo voa, as obrigações são muitas — e ainda há quem diga que elas passam uma vida folgada! Simples aparência. Muita gente, ao assistir ao espetáculo, faz um juízo errado dessas criaturas, que trabalham nunca menos de dez horas por dia



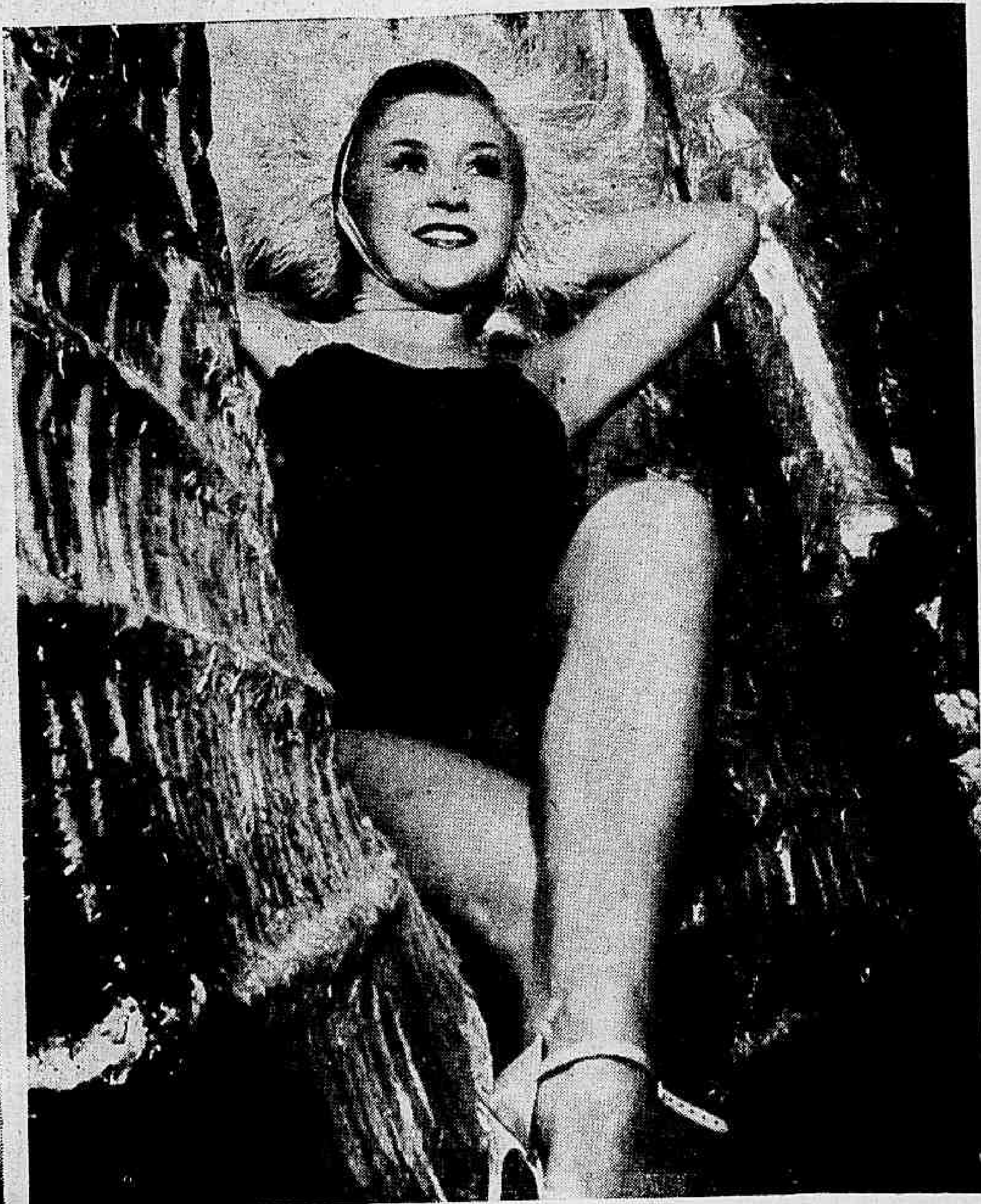
— "Mas será possível? Não temos o direito de ficar à vontade nem no próprio quarto? Quem são os senhores?"
— E o repórter, acompanhado pelo fotógrafo, começa a desfiar a sua argumentação. Lábia, muita lábia!



Nada melhor do que um pouco de sol no terraço daquele nono andar, em Copacabana. Sol para tostar a pele, pele que não deve mostrar-se alva como o aspargo, à luz dos refletores. Trajes esportivos, movimentos ritmados, refeições a horas certas e bem dosadas, tudo faz parte do ritual de uma perfeita "girl". A mocidade é caprichosa e dura pouco — não basta possuir atributos de beleza, porque êsses, o trabalho exaustivo, as luzes, as noites mal dormidas, podem sacrificar depressa



Plumas, lantejoulas, ch(péus enormes, mocidade, beleza — p'ra quê mais? — indaga-se precipitadamente. Mas em teatro há muito de aparência que depois, bem observado, na realidade, sofre grandes descontos. No momento de pisar as tábuas, elas precisam aparentar o máximo de atrativos, para conservar a ilusão do espectador. Profissão muito invejada, mas na realidade ingrata...



Esta é Jaqueline, uma das garotas do can-can. Aprendeu todos os segredos de fascinar o público e tem um curso completo de revista parisiense. Quando convidada para visitar o Brasil, soltou um entusiástico "Oh, la la!" — e aceitou sem pestanejar. Está satisfeita com o Rio, com a nossa gente, com os aplausos — e surpreende-se por não fazer muito calor. Pudera! Estamos em setembro...



Monique vale por um desafio ao mau humor. Já aprendeu o samba e quer levar uma completa discoteca da nossa música pópular, de volta à sua pátria. Não liga muito, ou mesmo nada, aos galanteios dos rapazes, quando termina a função e volta para casa. Que terá deixado em Paris?

como acontece envés nos cinemas, em situação idêntica. Todos olham embevecidos para os belos corpos daquelas mulheres, que mais parecem estátuas. Sim, porque ficam em imobilidade absoluta. Haverá imoralidade nisso? Não creio. A prova é que a mesma platéia não consegue manter êsse ambiente de respeito nos números picantes de prosa, e comporta-se com tôda a malícia de que ela está cheia. A profusão e o jôgo das luzes, no final do ato, emprestam às "girls" francesas a frieza própria das estátuas, especialmente quando são acesas luzes de todos os lados, sem os filtros coloridos. Isto faz que aquêles corpos femininos percam o rosado natural para adquirir as características marmóreas de uma Venus de Milo, ou melhor, das Três Graças de Canova.

E' um hino à mulher bela, a mais esplêndida criação da Natureza!

E não há dúvida que o Rio está evoluindo, pois já é capaz de apreciar semelhante espetáculo, pondo de lado preconceitos infundados, puritanismos hipócritas e, acima de tudo, malícia imprópria e descabida.

O fotógrafo mostrava-se satisfeito com o seu trabalho, mas eu, absolutamente, não o estava com respeito ao meu.

As moças não paravam, deslisavam e escapuliam como enguias, pois deviam trocar de roupa no andar superior, e faziam o possível para se esquivar da reportagem indiscreta, demonstrando recato, pudor mesmo. Então decidi: Vou completar êste trabalho na casa de alguma delas. E assim fiz.

Consegui telefone e endereço. Os leitores também querem? Pois sim! Não sabem o que seja ética profissional? E então por que perguntam? Leiam até o fim, olhem bem para as fotografias e dêem-se por satisfeitos desta vez.

Gentilmente recebidos, apanharam-se mais algumas pôses. Aqui, ficou evidenciado mais uma vez o que disse acima. Muita naturalidade, ambiente acessível, já que se prontificaram em se deixar fotografar em "déshabillé", porém dentro de uma linha pouco comum de dignidade e de aversão manifesta e firme a tudo o que elas achavam impróprio para ser publicado.

Ficamos conversando: algumas conhecem o inglês, uma o espanhol e outra ainda, fala qualquer coisa de português e entende-o bem. Das 14 garôtas que vieram de Paris, nem tôdas nasceram no território metropolitano francês. Magalie, a ruiva dos olhos de amêndoa, é de Ajaccio, na Córsega. Danielle nasceu no Luxemburgo e Gaby, uma "morena salerosa", em Pointe-á-Pitre, na Ilha de Guadalupe. Tôdas são instruídas.

Gaby, por exemplo, fêz o Liceu e o curso de Arte Dramática em Paris. Tomou parte em várias "tournées" de comédia clássica e moderna, representando, inclusive, o "Bourgeois Gentilhomme" de Molière. Fêz uma pontinha no filme "Sinfonie Pastorale", com Michele

(Continua na pág. 52)



Será mesmo uma falsa baiana só porque não sabe gingar, ou haverá baianas na Cidade-Luz? De qualquer modo, quando terminar o contrato e ela pisar, de novo Montmartre, saberá apregoar conhecimentos profundos do samba autêntico. A menos que não regresse e fique por aqui...



Alguns minutos de repouso esperando a vez de entrar em cena. Um bailado "de ponta" — e o grande final apoteótico!



JANE RUSSELL... UMA LATA DE TOMATES!

Jane Russell descreveu sua personalidade como "uma lata de tomates", e todos os correspondentes, sem pensar outra vez, decidiram logo que não estavam de acôrdo...

Mas, de fato, foi o que ela disse, na entrevista que deu aos jornalistas estrangeiros, há pouco, em Nova York, no Sherry-Netherlands, antes de regressar para Hollywood. A discussão tinha como tema a celebrada fita "The Outlaw", que vai ser distribuída pela RKO Rádio brevemente. Alguém perguntou à artista:

— Que lhe parece o filme, Miss Russell?

— Não me parece nada especial — replicou ela. — E' como uma lata de tomates, que se quer vender, e eu sou a etiqueta da lata de tomates...

Não há dúvida que Miss Russelll é uma das mais conhecidas etiquetas de latas de tomates do mundo inteiro, com a marca da fábrica de Hollywood. Mas, como os fans estão fartos de saber, está longe de ser um tomate (tomate, nos Estados Unidos, quer dizer, na gíria, uma mulher feia, um estrepe). Ao contrário, além de ser linda, é despretensiosa, agradável, sumamente simpática. Quando falamos com ela, mesmo pela primeira vez, temos a impressão de que falamos com uma companheira de escola que há muito tempo não vemos.

Na entrevista, um dos assuntos favoritos de Miss Russell foi seu marido — e isso somente um mês depois de ter saído da Califórnia. Bob Waterfield, jogador profissional de futebol, não pôde vir a Nova York, por se achar ocupado em treinar um team colegial para a temporada do estio. E a artista não parece gostar dessa ausência, mesmo para ficar na Broadway... Perguntaram-lhe:

— Gostaria de aparecer na Broadway?

— Deus me livre! Imaginem se faço sucesso? Tão cedo não poderia estar na Califórnia!

A artista anunciou que a sua próxima película vai ser com Robert Mitchum, em Hollywood. Atualmente, duas de suas fitas, para a RKO-Radio, "It's Only Money", com Frank Sinatra e Groucho Marx, e "Montana Belle", com George Brent, foram já terminadas.

CINE REVISTA

Por LUIS ALÍPIO DE BARROS

APRENDA PRIMEIRO A SUA PROFISSÃO

LONDRES — "Nasceu um astro". Alguém teve a gentileza de escrever estas palavras ao comentar minha interpretação no filme "Master of Bankdam". E' muito agradável ver isto impresso — e como parece fácil! Um filme — um bom papel — e aí está! Acredito que isto acontece a certas pessoas, porém não a mim. Sou um ator a caráter.

Êste fato pode eliminá-lo se não estiver conhecido pelos diretores do elenco. Isto quer dizer que, enquanto o ator "tipo" leva para o agente, o diretor ou o produtor uma personalidade que serve ou não para o papel, o artista a caráter traz consigo somente a convicção que pode transformar sua aparência (geralmente comum) e sua personalidade na do papel; convicção esta que geralmente não encontra eco com o diretor ou produtor.

E' uma luta insana para o ator a caráter. Pode exibir dúzias de engenhosos e impressionantes "make-ups", pode dizer-se "O homem das cem faces", com quinze vozes diferentes, pode dizer que fala 23 dialetos e que pode ter uma barba crescida em 15 dias, êles ainda olharão para você e dirão: "Você não é o tipo".

Após ter sido recebido friamente durante vários anos (um catálogo de repertório, experiência em todos os caracteres de Hamlet a Henry VIII, e uma carreira de sucesso em West End, não fizeram impressão), consegui finalmente convencer Therold Dickison de que poderia interpretar o papel de Mr. Gladstone em "The Prime Minister".

Mais tarde, designou-me para algo diferente, o papel do livreiro espião em "Next of Kin", que foi seguido por um outro papel em "Undercaver" para os estúdios Ealing. O exército pôs um têrmo aos meus progressos até 1946, ano em que fui desmobilizado. Interpretei então o papel principal em "Master of Bankdam" e assinei então contrato com a Associated British e comecei a filmagem de "Luta incerta". Desde então trabalhei nos seguintes filmes da Associated British: "Cinzas mortais" (como milionário cego); atualmente estou trabalhando em "For them that trespass", versão para a tela da novela dramática de Ernest Raymond, onde interpreto o meu primeiro papel verdadeiramente bom. Ainda tenho muito trabalho para convencer os outros que o meu repertório de caracteres ainda não está esgotado, porém êles me respondem "nasceu um astro" e o olhar deles não me parece mais tão irônico.

Não há dúvida que para o artista a caráter, seja homem ou mulher, a subida é um tanto ou quanto áspera, mas se queremos manter o standard atual do cinema inglês, não acho que o caminho para o estrelato deva ser fácil para nenhum dos tipos de artista. Sempre haverá uma chance num milhão para uma garota numa loja de província chegar a ser "estrêla"; as descobertas continuarão sendo feitas em concursos de beleza e lojas modernas, em "cocktail-parties" tanto quanto em uma pequena aldeia qualquer. O principal porém é que não se pode negar que as "estrêlas" verdadeiras não chegam quase sempre do meio que tem experiência em teatro.

E' mais seguro falar das regras do que das exceções, e a regra em nosso caso é de aprender a profissão — aprendê-la bem e com afinco, aprender a frasear um texto em vez de só falá-lo, aprender como trazer variedade de ritmo e volume numa dição, e como cronometrar, adaptar e retrair-se, como usar os olhos, girar a cabeça, em poucas palavras: aprender a usar as ferramentas da sua profissão.

Uma escola dramática ensinar-lhe-á algo a respeito, mas somente o que se costuma aprender num jardim de infância e na escola primária. O verdadeiro treino é feito no Repertório, só ali pode conseguir a experiência que



"OS VISITANTES DA NOITE" — Na sua terceira reunião, o Círculo de Estudos Cinematográficos exibiu a película francêsa inédita "Os visitantes da noite" (Les visiteurs du soir), que será apresentada no Brasil pela Art-Filmes. "Os visitantes da noite" é uma excelente película do grande Marcel Carné, sem dúvida um dos maiores diretores do cinema em todos os tempos. Na foto acima, aparecem Arletty e Alan Cuny. O filme tem ainda no seu elenco as figuras de Jules Berry, Marie Dea, Fernand Ledoux, Marcel Herrand, Gabriel Gabrio e Pierre Labry.



"THE RED PONY" — John Steinbeck teve novamente uma história sua aproveitada pelo cinema. Trata-se de "The Red Pony", que no Brasil será exibido com o título "O vale de ternura". O filme, que é da Republic, foi dirigido pelo famoso realizador Lewis Milestone, e tem para assinar a sua partitura musical o também famoso Aaron Copland. No elenco pode-se destacar os nomes de Myrna Loy, Robert Mitchum, Louis Calhern, Shepperd Strudwick e o garoto Peter Miles. Na foto acima, aparecem Peter Miles, Robert Mitchum, Shepperd Strudwick e o "red pony".





NA CORTE DO REI ARTHUR" — Uma das mais recentes refilmagens de Holly wood foi "Um ianque na corte do rei Artur". Para esta película, a Paramount, companhia que produziu o filme, colocou no principal papel o famoso ator-cantor Bing Crosby. A película, que foi fotografada em tecnicolor, trás como principal figura feminina a bela e insinuante Ronda Fleming. Na interpretação do Rei Arthur aparece Sir Cedric Hardwicke. William Bendix e Virginia Field também estão no elenco. A direção pertence a Tay Garnett. Nas fotos acima, distribuidas com exclusividade para REVISTA DA SEMANA pela Paramount, vemos, na primeira foto, num intervalo de filmagem, Sir Cedric Hardwicke e a belíssima Rhonda Fleming, que na película faz o papel de Alisande. Ambos estudam seus papéis, antes de entrar em cena. Na outra foto, aparecem Rhonda Fleming, Virginia Field e Bing Crosby, enquanto esperam a filmagem. Bing Crosby tem, em "Na corte do rei Artur", oportunidade de cantar várias canções feitas especialmente para a película.

ensina as dúzias de papéis diferentes, os que você pode interpretar e os que você nunca será capaz de interpretar; papéis difíceis e fáceis, papéis que lhe dão confiança em si mesmo e outros que lhe fazem sentir-se muito, mas muito humilde.

Após o repertório há o que se pode chamar a Universidade da Arte Dramática: o teatro, onde tem tempo de pensar e de produzir. Aí você aprende a dar, não a interpretação que você quer, porém a que o diretor quer, a acertar o seu ritmo de acôrdo com as ordens dele, a abandonar suas normas que podem atrapalhar a ação, a soltar uma frase particular de que depende o enrêdo. Em filme, o diretor ainda é mais onipotente que no teatro e sua interpretação tem que ser modelada exatamente à sua vontade. A precisão e a obediência são para êle as virtudes principais, a inspiração e a interpretação errática não são admitidas no estúdio.

Assim, por fim, você terminou sua aprendizagem e já pode considerar-se um artista na profissão — naturalmente se você tiver talento para tanto. Sem talento tôdas as escolas e todos os repertórios do mundo não farão de você um ator. Mas será que o talento com a experiência hão de levá-lo ao cume? Acho que sim, se o talento for verdadeiro, com um pouquinho de ajuda de Deus e da sorte pode ser que chegue. Você poderá ser aproveitado em muitas peças antes que isto lhe aconteça. Pode visitar agentes e diretores durante um ano inteiro e no fim por meio de um papel insignificante alcançar o almejado contrato.

Você também poderá interpretar uma longa série de papéis secundários sem ter a mínima oportunidade de mostrar as suas qualidades. Poderá aguentar papéis durante anos antes de alcançar a meta ou então poderá cair no ostracismo até que alguém lhe dê a mão e uma oportunidade. Habilidade mais experiência, mais sorte, em proporções variadas, esta é a receita do sucesso no cinema. Os esforços feitos para a procura dos talentos e a expansão do sistema de contratos a longo têrmo diminuem o elemento sorte, mas êste continua persistindo: uma boa percentagem de sucesso no cinema sempre dependerão de acontecer estar no lugar certo no momento oportuno.

E' bom, todavia, que quando a sorte chegue você tenha aprendido a profissão.

Por STEPHEN MURRAY

(ator britânico)



CÉCILE AUBRY — Eis a mais recente descoberta do conhecido realizador francês Henri-Georges Clouzot... Quem é? Cécile Aubry, meus senhores, numa pôse para publicidade do seu filme de estréia: "Manon" (Anjo Perverso). Cécile é muito jovem ainda e ao que parece tem um grande futuro no cinema. No papel de "Manon", na obra cinematográfica baseada na obra literária do Abade Prévost, Cécile conseguiu agradar a crítica, o grande público europeu e principalmente ao diretor Clouzot. A menina tem talento, dizem, e tem também um belíssimo corpo, estamos vendo através da foto acima. (Fotografia da França Filmes).

DE TODO O MUNDO

Greta Garbo começará na Itália um filme com James Mason. A película, baseada na obra "A Duquesa de Langeais", de Honoré de Balzac, será dirigida por Max Opuls.

★

David Niven vai aparecer, com Farley Granger, Joan Evans e Ann Blyth, noutra produção de Samuel Goldwyn, "Beloved Over All". E' uma comédia dos tempos românticos da América, de autoria de F. Hugh Herbert.

O conhecido produtor já escolheu outros artistas para outra produção também. Em "My Foolish Heart" os fãs verão Ken Smith, Dana Andrews e Susan Hayward. Ken Smith tem aparecido nos palcos da Broadway com frequência, inclusive na peça "Anthony and Cleopatra", com Katherine Cornell e Godfrey Terle. Depois de filmar "My Foolish Heart", Smith voltará ao teatro, para trabalhar com Helen Hayes em "Good Housekeeping".

★

Os cinematografistas de Hollywood elegeram Jane Greer "a pequena do sweater de 1949". A fotografia da artista foi publicada amplamente nos Estados Unidos. Jane Greer trabalha ao lado de Robert Mitchum no filme "The Big Steal", da RKO Radio.

Bob Landry, presidente da associação de fotógrafos, declarou que, embora as modas, os autos e os penteados tenham mudado muito desde que Lana Turner foi eleita "a pequena do sweater", êste título requer ainda as mesmas condições de antigamente.

★

Os fãs de Walt Disney vão ficar satisfeitos quando virem os novos personagens da já longa galeria dos Estúdios de Disney. Em primeiro lugar, Ichabod Crane, o herói mestre-escola da famosa "Legend of Sleepy Hollow", do grande escritor americano colonial Washington Irving. Depois, as aventuras de Mr. Toad, personagem de "The Wind in the Willows", de Kenneth Grahame. O narrador da história de Washington Irving não será outro senão Bing Crosby, o qual, aliás, canta também três canções nessa produção. O narrador da história de Grahame será o ator Basil Rathbone. Depois de tantas experiências de sucesso, em vários tipos de produção, Walt Disney volta a apresentar aos seus milhões de fãs algo que é fundamentalmente de sua técnica — produções de longa metragem de desenhos animados, como "Branca de Neve" e, em futuro próximo, "Alice no País das Maravilhas" e "Cinderela" — encarregando-se a RKO Radio da distribuição das películas em todo o mundo.

★

Desde seu retôrno da Argentina, o famoso ator italiano Amedeo Nazzari, rodou dois filmes na Itália: "Il lupo della Sila" e "Catene". Nessas películas, Nazzari viveu duas personalidades totalmente diversas, declarando-se por isso extremamente satisfeito, porquanto teve a possibilidade de pôr em relêvo dois aspectos particulares de seu temperamento dramático:

— "No que concerne a "Catene" — disse Nazzari — senti profundamente o meu personagem cheio de humanismo e de dramaticidade. Aliás, trata-se de um filme tipicamente cinematográfico e acredito que marcará uma data importante nos anais do cinema italiano."

Quanto ao seu programa para o futuro, Nazzari anunciou que recebeu diversas propostas de produtores italianos e espanhóis. Contudo, não assumirá nenhum compromisso antes de voltar à Argentina para rodar "Il signore dell'una e mezzo", baseada num tema de Cesar Tiempo, autor argentino.

★

UM MARIDO PARA MINHA MULHER... — E' o que os fans hão de ver Cary Grant procurando, em sua próxima película, produzida pela RKO Radio, que acaba de comprar os direitos da história "A Husband for my Wife", novela cômica dos autores Charles Lederer e George Oppenheimer. Gary Grant faz o papel de um certo marido que, reduzido à pobreza pelas pensões que paga à mulher, depois de seu divórcio, trata por todos os modos de encontrar um marido para sua ex-cara metade, havendo então situações engraçadíssimas.

★

"JUDGE STEPS OUT" — E' o título da fita que a RKO Radio já começou a apresentar, com Alexander Knox e Ann Southern nos papéis principais. Está sendo exibida no RKO Palace, em Nova York, com grande sucesso num programa de variedades.

A volta do "vaudeville" a Nova York, Meca dos artistas de variedades e do gênero Music Hall, está sendo recebida com tal entusiasmo que se poderá prever um renascimento dêsse tipo de arte teatral em todo o país. A RKO Radio tem especial interêsse em tal renascimento, pois a Companhia iniciou a sua formação com o "vaudeville". De fato, as iniciais RKO significam "Radio-Keith-Orpheum", nome do conjunto inicial, formado pela Radio Pictures, com os "circuitos" de Keith e de Orpheum, de "vaudevilles".

AS ESTRÊLAS AJUDAM A REZAR

CONTO DE **EDIE AUGUSTO DA SILVA**

JOÃO Cleofas está deitado, o coração quase parado, a vida parada. Pela fisga pequena da janela entreaberta, João Cleofas vê as estrêlas piscando longe, na abóbada incomensurável que não parece ter fim. Pela primeira vez, observa detalhadamente as estrêlas, pela primeira vez compreende que elas são vidas coruscantes no eterno e insondável cosmos. Quantas, quantas estrelinhas a gente mal consegue ver, some-sumindo, coitadinhas, entre as suas irmãs maiores, imponentes, diamantinas, tôdas brincando de dama-de-honra da senhora dona lua, hoje tão faceira que até parec vai se casar manhã cedinho com o sol, um brilhante cavalheiro que não lhe dá trela e foge sempre que ela põe o bochechudo rosto na janela do firmamento. João Cleofas está deitado, o corpo largado, exânime, os olhos concentrados no céu, só no céu, porque o céu é grande, dêste tamanhão, que a gente até fica boba, sem saber como pode uma coisa ser tão grande, tão grande, um céu tão arqueado, sem ter nada para o amparar no espaço, e no entanto êle mesmo, tão grande, tão arqueado, parecendo ser o suporte de tudo que está dentro dele, guardião avaro das suas estrelinhas que devem andar tão devagarinho que a gente nem percebe. A lua sim, a lua a gente até pensa que corre, quando as nuvens grandes e escuras passam flanando para o outro lado. Mas quando as nuvens estão vagabundas, pesadonas, é a lua quem vai lareando, lareando, sem dar confiança p'ra ninguém.

Como tudo isso é bonito, majestoso, pensa João Cleofas, o pensamento não querendo funcionar, o coração querendo parar. Como tudo isso é bonito, como tudo isso é grande, como a gente é pequenina nessa coisa tôda, nesse mundão sem fim, êsse mundão que começa aqui, onde a gente sabe, na terra que a gente pisa — e a gente é tão pequenina que cabe em qualquer lugar da terra, qualquer buraco cavado no terreno, a gente cabe lá dentro — êsse mundaréu de Deus que começa aqui e a gente não sabe onde acaba, se é que êle não acaba aqui. A vida estuante da Natureza vibra e palpita lá fora, chamando à realidade o silêncio, a vida é tôda ela Vida, e João Cleofas aqui está, deitado, exangue, a vida lhe fugindo pelo pensamento, o sôpro que o anima esbatendo-se desesperado, dentro do peito, o coração enfraquecido não querendo nada. Será alma o pensamento? Talvez. Porque deve ser a alma quem se debate dentro dele, que luta qual fera enjaulada e tem vontade de subir alto, alto, lá para cima, lá onde brilham as estrêlas, ou, — é mesmo? — não serão as estrêlas, por acaso, um mundão de espíritos, os mais brilhantes aquêles que foram generosos e bons na terra, os mais obscuros, aquêles que menor uso fizeram do coração e, talvez, quantas estrêlas a gente não enxerga porque são negras como o carvão, negras como os atos daqueles que elas representam acima da pesada crosta que envolve a terra, pensa João Cleofas. Ah, que vontade de subir em espiral, evolar lá p'ra cima, lá p'ro alto, que vontade de ser mais leve que o ar, levitar o corpo no espaço, subir... subir... Que desejo imensurável de flechar num vôo direto, deixando para trás, célere, a terra e as coisas tôdas que nela nos fazem sofrer. Cleofas sente quão pesado é o corpo e só agora compreende a razão porque se diz que a carne é um fardo. Dentro da gente existe, inescrutável, algo que o grosseiro peplo material esconde aos olhos dos outros e só a gente sabe como é, só a gente pode sentir o próprio espírito, ninguém pode ver as nossas sensações, ninguém pode ler os nossos pensamentos. Ah, deve ser êsse algo insondável, impalpável, que a gente sente tão alto como as estrêlas, essa espécie é que deve ser alma. Sim, as estrêlas ajudam a compreender as coisas de Deus, as estrêlas ajudam a rezar.

. . . .

João Cleofas era boiadeiro, o melhor homem da récova, diziam. Furava o sertão de Goiás, batia todo o Triângulo, cortava p'ros lados da Bahia e afundava para o norte de Mato Grosso. Um boieiro bom, todos os boiadeiros lhe confiavam a guarda de sua manada, porque Cleofas sabia levá-la a bom têrmo, com segurança. A história do estouro de Corumbaiba corria a coxia, pelo coração do Brasil, e todo mundo olhava com respeito o homem que soubera evitar o desastre e salvara tôdas as rêses. Nascido em Montes Claros, perdera bem cedo o pai viúvo. Órfão, um velho tropeiro o tomara a seu serviço e por muito tempo foi êle o cozinheiro da tropa, ora montando, nos descampados, o seu matungo, ora caminhando lado a lado da bêsta, nos caminhos íngremes, nos dias de chuva, a terra barrenta e pegadiça. A sua montaria era a pior da récua, porque ao menino cozinheiro não se dá um animal fogoso, da mesma classe das cavalgaduras que os mais velhos montam. Agora, João Cleofas era senhor de um autêntico ginete, de porte soberbo e majestoso caminhar, de ancas sólidas e crinalvo, senhor de posse e senhor de guia, pois a besta lhe obedecia tôdas as vontades ao menor empuxão das rédeas.

Fôra em Corumbaíba mesmo que a coisa aconteceu. Cleofas levava a manada para o Bonfim, e porque o tempo estivesse ameaçando chuva para os lados de Caldas Novas, deliberou ficar ali mesmo, ainda mais porque estava marcado um baile pr'aquela noite no sítio de "seu" Afonso, velho sanfoneiro, doido por varar a noite amassando a sua "Stradella", os pares pulando na salinha, a valsa não-acabando mais, o nhéque-nhéque-nhéque se arrastando pela noite a dentro. "Vamos parar, essa valsa não tem mais fim". "E' mesmo. Seu Afonso acho que esqueceu. Eu penso que êle dorme tocando e não pára mais". "Vamos lá p'ra fora, tomar ar". Essa, a desculpa que davam os sem-vergonha. Queriam ir p'ro quintal mas era p'ra namoricar. Mas a gente sempre tem pêjo de falar abertamente das nossas segundas intenções. Ela também sabia. Mas ia. Também p'ra tomar ar. Pois sim!... Foi lá mesmo que a coisa aconteceu. Hoje, João Cleofas nem sabe contar como. Mas a Ritinha era a dona fogosa dos olhos mais lindos de todo o sertão goiano, achava êle. E olhem que êle era entendido na coisa, vira muitas moças bonitas, frutas bravias do mato, os olhos cuspindo desejo, os dois promontoriozinhos nascentes empurrando a chita para fora, querendo furar as florzinhas do estampado, pedindo amor... Elas andavam tôdas atrás dele, porque êle era o melhor condutor de gado, dominava o seu animal e a boiada, bailador de quatro costados, um bicho na valsa e no rasqueado. Tôdas o queriam, porque êle era alto, vigoroso, dominador. Tratava as mulheres num misto de autoritarismo e amor, desprêzo e carinho. Tratava-as tôdas romântica e selvagemente, impetuoso e senhor como senhor o era dos animais. E foi a Ritinha, justamente a Ritinha, a moça mais bonita, quem havia de procurá-lo, a Ritinha quem haveria de tentar conquistar o seu coração rebelde e agreste. "Eu não quero casar, Ritinha. Homem que corre mundo não deve casar. Eu não quero casar". Mas, qual. Ela também era domadora, também ela queria mostrar que podia dominar um homem labrosta e rude, o coração rústico e endurecido, de portas fechadas para o amor.

. . . .

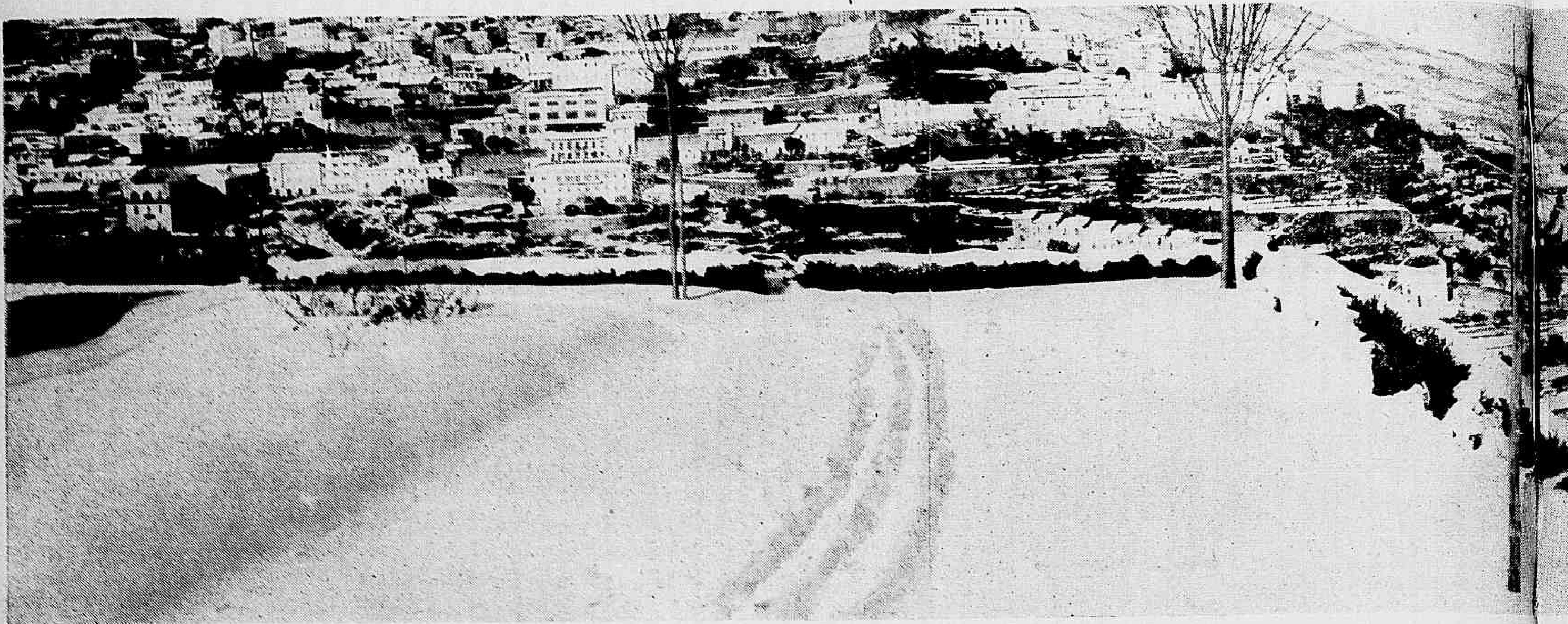
Por que Ritinha fizera aquilo? Cleofas não o sabia. Cleofas nunca sabia nada. Simples, ingênuo, o pensamento algo tardo nas coisas complicadas, preferia eludir o assunto, contornar, fugir. Êle não sabia, não sabia, meu Deus, porque as coisas tiveram que ser assim. Bem que êle avisara. "Não quero casar, Ritinha. Boiadeiro não casa. Lar de boiadeiro é o mundo". Mas ela fizera tudo para que êle caísse na armadilha. E êle caiu. Moça precisa casar. Não faz mal com quem. Precisa, isso é tudo. Moça não pode ficar tôda vida em casa dos pais. Mais dia, menos dia, tem que prender um na trama da sua sedução. E tinha que ser João Cleofas. Também, a culpa era dele. Aquêle seu jeitão orgulhoso, tipo de dono-de-tôdas. Foi por isso que ela enguiçou. Agora, nada mais disso tinha remédio. As estrêlas são muito bonitas, lá em cima. "Eu queria apanhar uma estrelinha bem viva p'ra dar de presente p'ra Ritinha" — pensa João Cleofas. Mas agora é tarde, muito tarde. Não adianta mesmo nada. Aquela estatueta de mármore vagabundo, ali no fundo do quarto, aquela pequena estátua que reproduz um jaguar, os dentes agudos cravados nas olivas de um belo espécime de cavalo, o solípede espumejando, o esgar dolorido emprestando-lhe uma caricatura angustiosa de sofrimento, o ódio do felino mosqueado estampando-se nos olhos ferozes, o quadro ganhando vida, tão forte que João Cleofas parece ouvir o relinchar desesperado do animal, dentro do quarto. A vida é isso, os covardes atacando de emboscadas os mais nobres e dominando-os traiçoeiramente. Por que Ritinha fizera aquilo, por quê? Os olhos de Cleofas estão ficando turvos, as coisas se estão baralhando, êle nem enverga mais direito. O coração já quase não reage mais, percebe, a víscera está com pouca vontade de trabalhar. Êle sente que a cada diástole, as têmperas já não pulsam com a mesma tensão, a sistole parece uma fuga, tôdas as fibras do órgão vital se contraindo mais do que deviam, a diástole não querendo reagir, o coração querendo ficar parado, quieto, só o cérebro pensando, só o cérebro preocupado, para onde ir, só essa massa de substância nervosa latejando, latejando, pensando se deve sair também com o último suspiro. Agora é tudo tão tarde. Por que Ritinha fêz aquilo? Cleofas não sabe. Cleofas é simples, não entende as coisas. Foi quando êle aceitou aceitou o encargo de conduzir um plantel até Barretos, para o Matadouro. A viagem devia levar perto de um mês. Êle fôra, precisava ir, depois de casado já não viajava há mais de seis meses, dessa feita não podia faltar. Êle fora, Ritinha ficara, o brilho dos olhos mais lindos de todo o sertão goiano brilhando nas pupilas largas, um caminho direto da sua iris aberta para o coração. Quando voltou, um mau pressentimento veio com êle, montado na garupa, catucando-o o caminho todo. Cabra viajado é homem vivido. E homem vivido enxerga no escuro, feito felino. À medida que o cavalo ia chegando da cidade, assim que a distância ia ficando mais curta, a dúvida ia crescendo dentro do coração de Cleofas, homem simples. Na esquina o, sexto sentido parece que o estava esperando para lhe dar a última aguilhoada. Agora até lhe parecia não haver mais dúvida. João Cleofas deu de esporas no ventre do ginete, que deu um arranco violento no seu trote manso sob o sol causticante. O boiadeiro chegou, os vizinhos que o viram, de longe, fugiram para dentro de suas casas, evitando-o. Cleofas apeou, atrelou o baio ao mourão da entrada. A porta da casa entreaberta, Ritinha não estava à porta, esperando-o, como devia ser. Entrou, cauteloso. Na sala, a um canto, num banquinho tôsco, "siá" Joana, mãe de Ritinha, mastigava fumo goiano do bom, esperando Cleofas para lhe dar a notícia. Ela vira Cleofas vindo lá em baixo, na encruzilhada, e entrou para esperar, a chave estava consigo. Ritinha fugira com um viajante. Ela sempre tivera admiração pelos "cometas", homens que vêm das cidades grandes, só falam em São Paulo e Rio. Tinha andado antes de namôro com um deles, e agora, êle voltara e ela se fôra. João Cleofas ouve a história, parece calmo, mas tem uma vontade doida de matar, de sair matando, mas matar quem? Ritinha fugira... Não, não adianta. Cleofas é calmo, sabe lidar com irracionais, não vai ser um deles, tem que pensar. Cleofas ouve tudo. "Está bem, "siá" Joana. Pode me dar a chave". O homem estava sereno, dominado por uma calma aparente que outra coisa não era senão o lado negativo de sua formidável reação. A sua raiva atingira o zero absoluto, era impossível agir, gritar, correr, matar. O seu ódio não estava no coração, estava no cérebro. E agora o seu cérebro não sabe para onde irá, não sabe se deve ir com o suspiro final, não sabe se deve ficar para os vermes — quer dizer... não é bem o seu cérebro, que êste vai mesmo repastar os animalculos que nos devoram depois de mortos, mas é esta coisa que está se batendo, dentro da cabeça, esta coisa dolorida, querendo estalar, sair, compreendendo que não deve mais ficar ali dentro, tentando escapar da caixa craniana. Agora, seu pensamento não tem ódio, nem amor. Nada disso vale nesta vida. Comer, beber... De que vale a gente encher a pança se tem que morrer daí a pouco? Não deviam dar banquete aos condenados à morte. Que estúpidos, os condenados, que, sabendo o seu destino, ainda escolhem o último prato, o mais apetitoso deles para melhor alimentar os vermes. Por que êle pensa nestas coisas, agora? Cleofas não sabe, Cleofas não sabe nada. Cleofas pensa, longe, o pensamento esbatido, a figura esmaecida se apagando na memória, Cleofas pensa em Ritinha. Ela agora poderá ser feliz, ela foi ingrata, ela se foi. Cleofas quer chorar, mas o coração, vagabundo, párapparando, não deixa...

. . . .

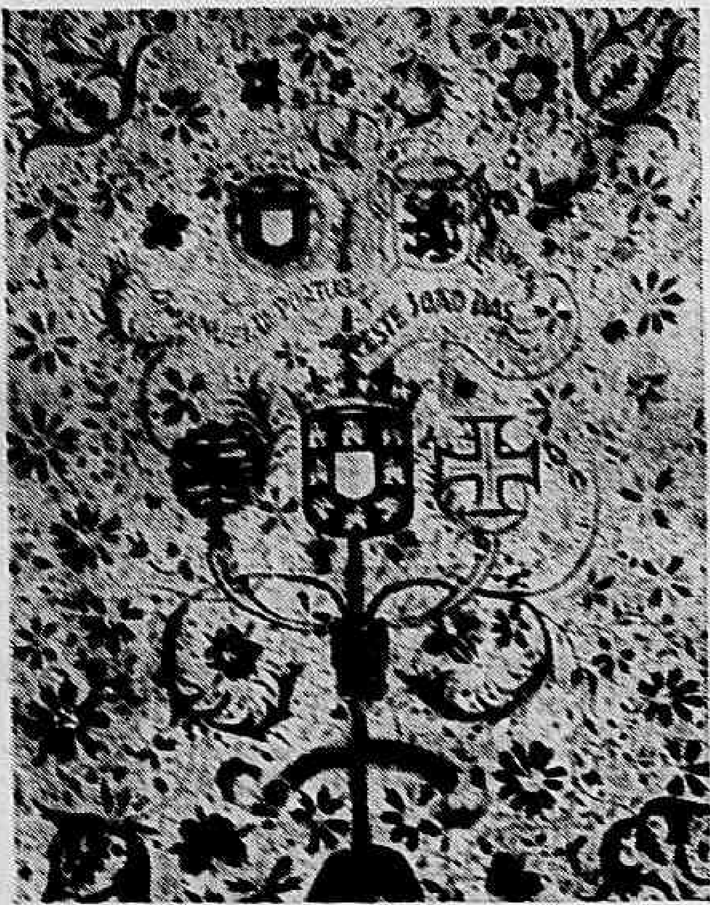
As estrêlas estão sumindo, lá em cima, a gente nem vê mais direito os pontinhos brilhantes do céu. João Cleofas não enxerga quase mais nada, tudo está baralhando. O pensamento agora parece compor-se para a Verdade que o aguarda. Morrer é encarar a vida face a face. Os lençóis rubros de sangue, o braço esquerdo pendendo da cama, os dedos tocando desamparados o solo, a última gota vermelha se cristalizando no talho, a navalha assassina quase ao alcance das mãos inertes, um enorme coágulo negro no meio do quarto. João Cleofas prepara-se para o Grande Salto.

ILUSTRAÇÃO DE **LUIZ CANABRAVA** SELECIONADO PELA **REVISTA DA SEMANA**





Vista parcial da Covilhã, situada em um dos contrafortes da Serra da Estrêla. Por vêzes, no inverno, também fica coberta de neve, co e ob nas encostas em ruas ingremes onde o trânsito nos dias de nevão só é possível em ski Por isso grande parte da população tem de e itar- Homens, crianças e mulheres fazem-se peritos skiadores na pitoresca cidade da Beira Baixa, mas quando chega o verão a temperatura uase



Este tapête, em grandes dimensões, foi confeccionado especialmente nas imediações da Serra da Estrêla e oferecido pelo povo da Covilhã ao imperador da Abissínia. Recentemente, um avião de turismo levantou vôo com destino àquele país africano para fazer, com tôda solenidade, a entrega da preciosa dádiva como lembrança ao Negus que se confessou bastante sensibilizado

INVERNO E NEVE N SERRA DA ESTRÊL

Impressões que ficaram de uma excursão da Covilhã ao tôpo da montanha — Máscula e violenta no verão, delicada e feminina no inverno — Pastores e flautas mágicas — E as campainhas dos rebanhos entoam hinos bárbaros pelo espaço — Turistas, skiadores e serranos — Rituais, hábitos e costumes pitorescos — Onde a noção do turismo se apura

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

VISITAMOS a Serra da Estrêla por duas vêzes: a primeira, no rigor do verão, utilizando o trem de ferro que sai da estação do Rossio, em Lisboa, manhãzinha cedo, para chegar a Covilhã às primeiras horas da tarde. E' de fato uma viagem soberba, através dos campos verdejantes da Beira Baixa, e tão cedo não esqueceremos o pormenor daquela oliveira carregada de frutos mal amadurecidos, cujos ramos, de tão frondosos, atrevidamente investiam para dentro do carro em que nos encontrávamos. Numa estação onde o trem — "comboio", em Portugal — demora mais algum tempo, não resistimos à tentação de mordiscar um daqueles frutos. Que sabor terá a azeitona verde? Nada custa experimentar, pois os ramos ali estão perfeitamente ao alcance das nossas mãos — e será bastante colhêr a que está mais perto. Vamos prová-la. Terrível o sabor! Tudo quanto de agradável tem a azeitona madura e ácido, pior que sal amargo, ainda verde...

Mas depressa o sabor desagradável será esquecido, pois não tarda a aparecer um vendedor ambulante de refrigerantes. Faz calor, a temperatura é abafada, fazendo lembrar, guardadas as proporções, a canícula do nosso Rio. Uma Água de Pedras, bem gelada, naquela altura vale por um néctar dos deuses.

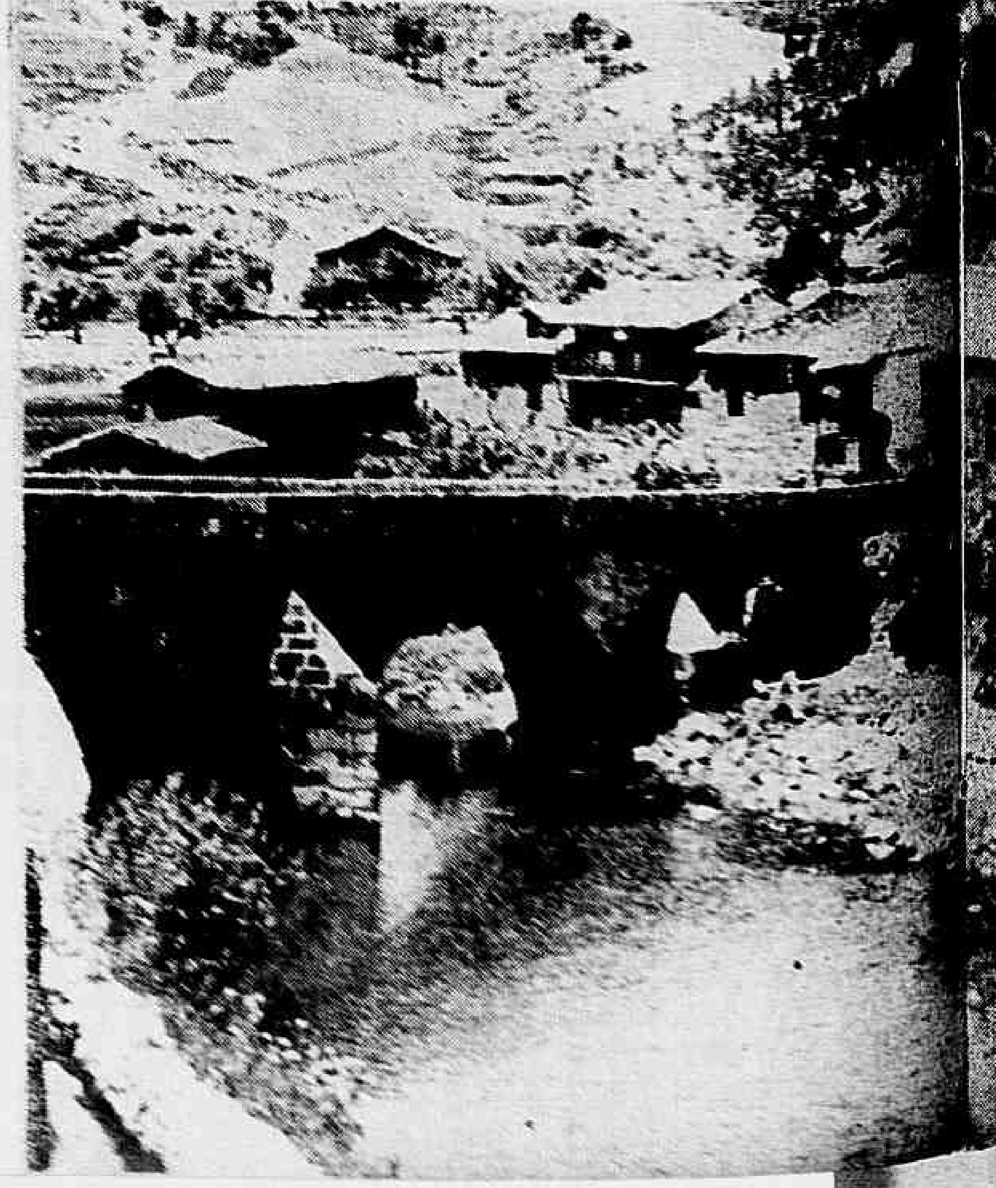
★

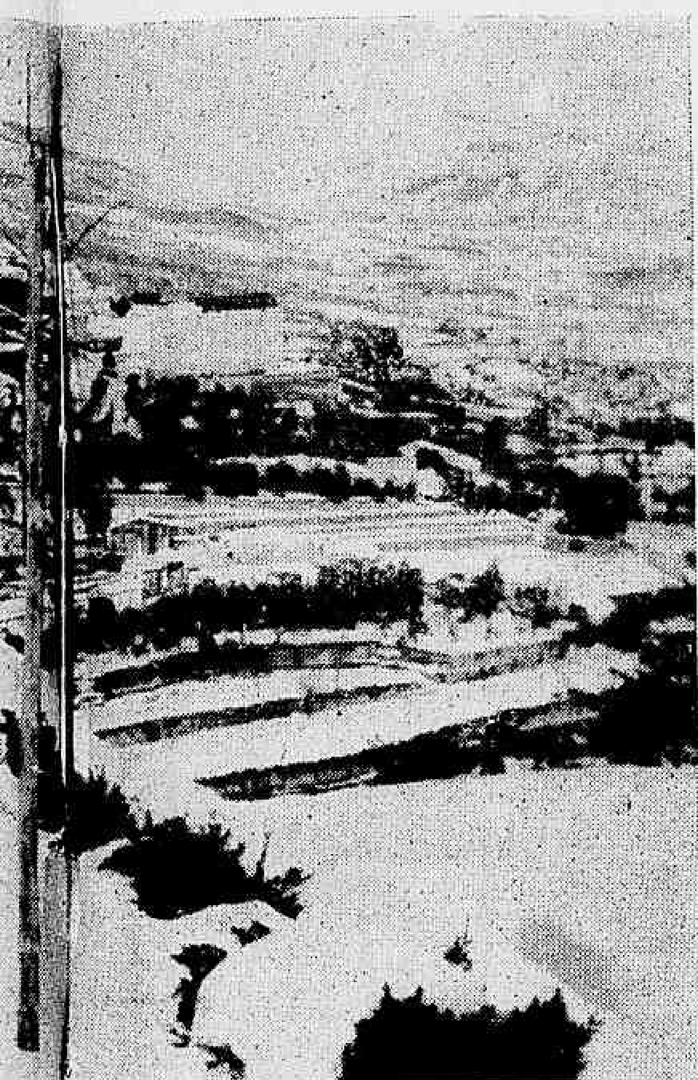
Na Covilhã, subimos sem demora para o alto da serra

movidos p cu
antes, a S a b
Serra da trêla
eternament cobe
de lajes d as e
rochosas d Our
mente, um ace
não se dis gue
da Covilhã Me
ções indesc tívei
no hotel de Penh
cionados p a au
ciável cur idad
aspectos n os e
do o sol d sapa
ratura ca e m
não chega par
própria p ês

Na madrugad
sol volte a abr
morena e austi







...e, como se observa na gravura. Seu casario aglomera-se
... de capacitar-se, desde cedo, na prática dêsse esporte.
...atura quase tropical, mudando o cenário por completo

...ENA
...ÊLA

...ridos pela curiosidade indomável de ver, e quanto
...es, a Serra bem de perto. Enfim, a famosa, a falada
...ra da Estrêla que nós aqui ao longe imaginamos
...namente coberta de neve — e que nos recebe áspera,
... lajes duras e negras, fazendo lembrar as montanhas
...nosas de Ouro Prêto e São João d'El-Rey... Há, real-
...nte, uma face onde a neve nunca chega a derreter, mas
... se distingue quando a serra é vencida pela encosta
... Covilhã. Mesmo assim, o panorama assume propor-
...s indescritíveis. E lá do alto, a quase dois mil metros,
... hotel de Penhas da Saúde, embora ligeiramente decep-
...nados pela ausência da neve — a velha ânsia, a insa-
...vel curiosidade do visitante dos trópicos! — muitos
...ectos novos esperam por nós. Ao cair da tarde, quan-
... o sol desaparece, mesmo no forte do verão a tempe-
...ura cai de maneira bárbara. À noite, dois cobertores
... chegam para aquecer — e o hotel tem aparelhagem
...pria para êsse fim.

Na madrugada seguinte, lépidos, felizes, antes que o
... volte a abrasar tôda a montanha, tisnando a pele
...rena e crusticada dos serranos, fazemos o nosso giro,







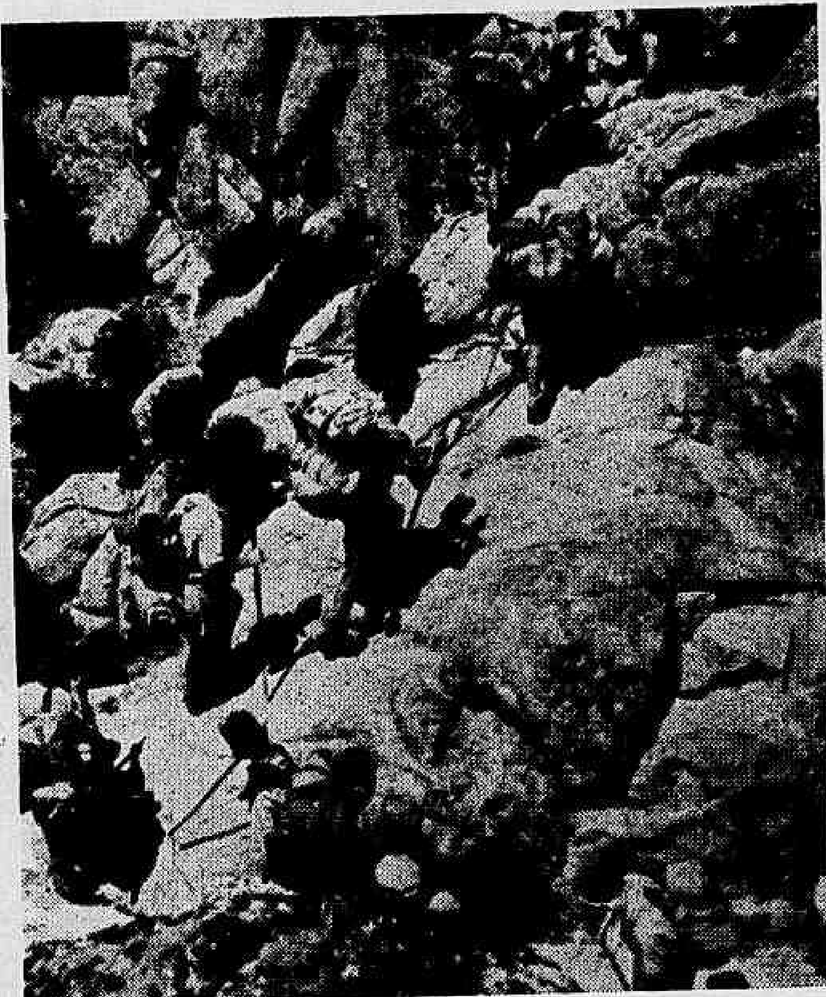




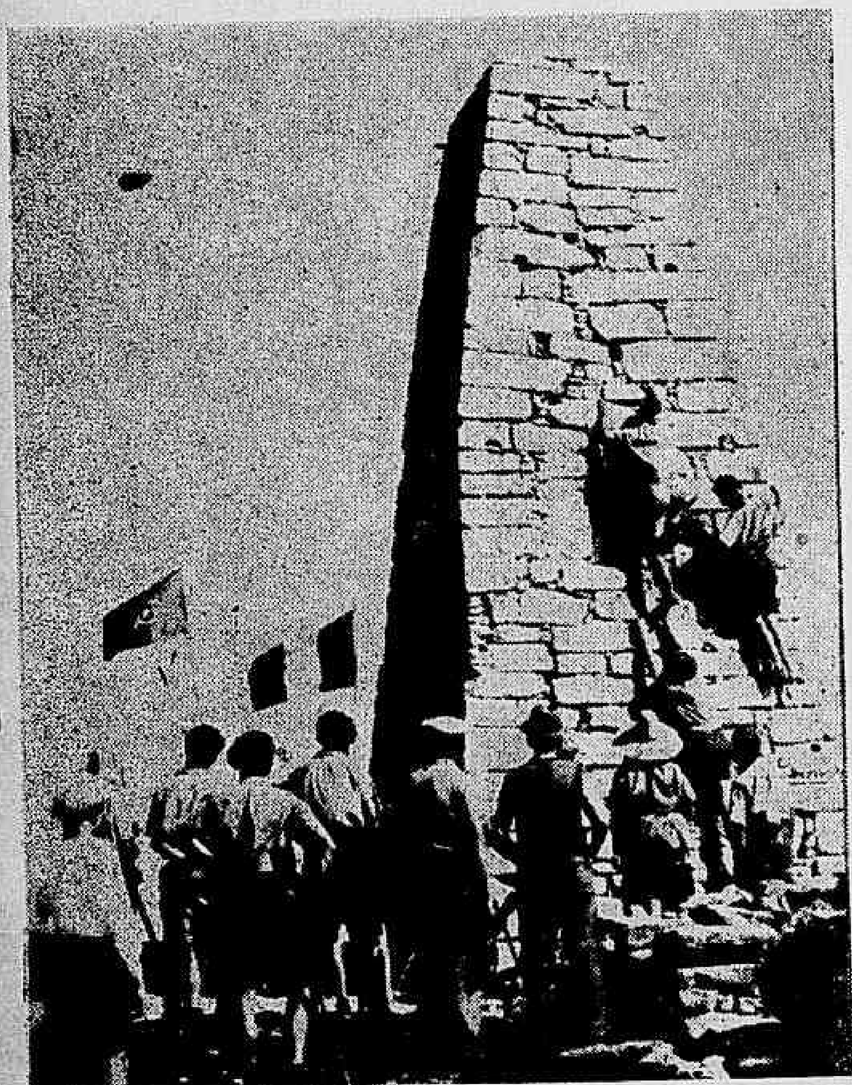
A gravura ao alto, à esquerda, mostra-nos um recanto sumamente característico de Paul, aldeia das mais típicas de Portugal, também situada na Serra da Estrêla. Fica perto da Covilhã e tem um rancho folclórico dos melhores da Beira. Ali também se realiza a famosa procissão dos penitentes, há mais de cinco séculos; é feita à noite, pela Quaresma, pelas ruas escuras, constituindo um espetáculo tenebroso e da maior emoção macabra. Quando foi levado a efeito o concurso para a eleição da "aldeia mais portuguêsa", Paul inspirou aos jornalistas franceses, americanos e inglêses sugestivas páginas literárias. As outras gravuras, ao alto, bem como à esquerda, no rodapé, exibem outros flagrantes da Covilhã, alguns com os telhados e as ruas cobertos de neve. Na zona fabril ou nas ruas velhas do Burgo, por tôda parte, magníficas imagens fotogênicas oferecem-se ao visitante, porque de fato Covilhã é um grande cartaz turístico



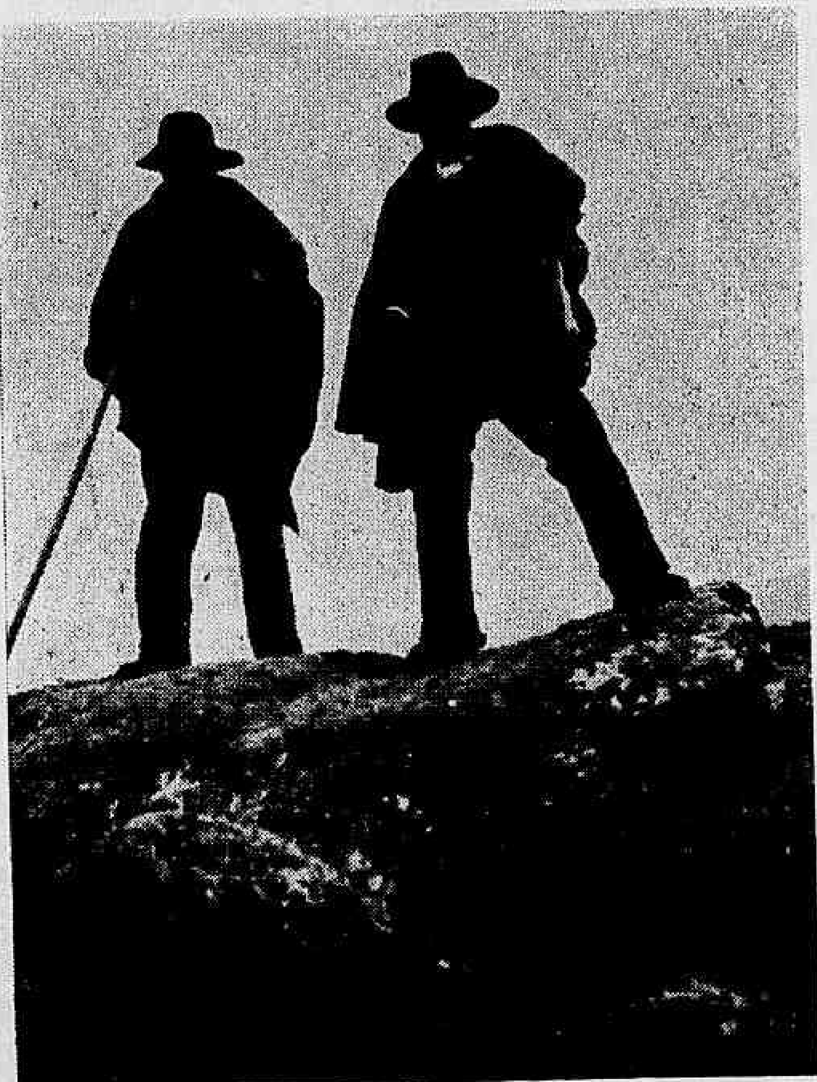
No verão, uma parte da Serra da Estrêla mostra-se inteiramente limpa do gêlo, mas ainda assim constitui aprazível diversão para os alpinistas, galgar êsses penhascos, alguns bastante íngremes



Os turistas sobem até o ponto mais alto, abastecidos com todos os apetrechos necessários e presos a cordas bastante sólidas. Em alguns pontos têm de atingir a quase dois mil metros de altitude



No tôpo da serra, um grupo de universitários franceses, chefiados pelo padre jesuíta Doncouer, formou um quadrado e cantou a "Marselhesa" defrontando-se com os pavilhões de Portugal e da França



Descendentes de Viriato, seus atuais representantes, os pastores da Serra da Estrêla, são estátuas vivas em pedestais de granito. Há dez séculos que êstes blocos humanos conservam a tradição lusa



Mulheres de Monsanto, "a aldeia mais portuguêsa de Portugal", das mais belas da região. Elas tocam o adufe, cantam e bailam com extraordinário encanto e exibem-se num rancho folclórico de sensação



Chales e lenços, os agasalhos imprescindíveis das mulheres do povo. Muros de pedras — muitas vêzes centenárias lajes que Monsanto orgulhosamente conserva e mostra ao visitante ávido de tradição e história

serra abaixo. Chegam-nos aos ouvidos sons harmoniosos que jamais esqueceremos, tinir de cristais, filtrados pela pureza do ar, num simulacro de hino, um hino bárbaro que não sabemos de onde parte. Interpelamos o primeiro homem da serra que passa na estrada em permanente declive — e êle nos informa: aquêle tinir de cristais nada mais é do que o som harmonioso das campanas que as ovelhas, as cabras, os carneiros espalhados pelas imensas lascas de pedra, trazem ao pescoço. E como tudo mais é silêncio, apenas o ritmo cadenciado dessa música dos céus nos penetra os ouvidos. Caímos em recolhimento e abençoamos a santa paz da montanha, mesmo sem neve. A santa paz que nos permite sonhar acordados, ao embalo daquele tinir de cristais.

★

Mas a Serra da Estrêla é para se ver de preferência no rigor do inverno durante os quatro meses em que um manto de neve muito alva e imaculada a cobre em todos os sentidos. Dessa vez saímos do Pôrto, exatamente na altura da ponte Don Luis, em carro particular. E' ainda mais surpreendente o giro que então fazemos, passando pela freguesia de Santa Marinha, por Vilar do Paraíso, seguindo sempre em direção ao Corvo. Aí atingimos o limite do distrito do Pôrto, entrando no de Aveiro. Poucos minutos mais e chegamos a Espinho, onde alguns minutos são dedicados a uma rápida visita à sua esplêndida praça de touros. Novamente em marcha, de Espinho tocamos para Figueira da Foz, deixando Aveiro para trás, e nada menos de cento e vinte quilômetros, bem medidos, são vencidos pelo velocímetro. Vila Nova de Gaia, Ovar, Estarreja, Ilhavo Santo André, tudo passou. E tudo se aprecia de relance, deixando para outra ocasião uma visita mais demorada, porque agora nosso objetivo é a Serra da Estrêla.

Estacionamos em Coimbra, a dos amôres e das tricanas. Uma excelente estrada é percorrida na direção da Vila de Celas, e com certa dificuldade atingimos a pousada local, três horas exatas depois de termos deixado o Mondego.

A subida para a serra, indo agora pelo lado contrário da Covilhã, torna-se mais difícil em razão da neve. A cidade particularmente das indústrias, fica intransitável e rodeada de gêlo. Pelo itinerário de Coimbra, vamos ter à aprazível vila de Manteigas, situada a mil e duzentos metros acima do nível do mar. Em pleno inverno, ali encontramos grandes veículos incumbidos de quebrar o gêlo da estrada, mas abrindo espaço que não dá para mais que uma viatura de estreitas dimensões. Tem de subir um carro de cada vez, e quando êle se defronta com outro que desce, surge um problema difícil...

Homens da serra metidos em suas roupas pesadas, forradas de pele de ovelha abatida lá mesmo na serra, botas até os joelhos e grandes skis para qualquer emergência, passam em grupos, entregues aos seus afazeres. Tanto podem ser operários como turistas. A indumentária é igual, em seu aspecto exterior.

Encontramos em Manteigas um agradável restaurante, tipo casa de campo, cuja especialidade maior são os queijos da própria serra, fabricados ali mesmo. E os cães, amigos inseparáveis dos pastores, latem a distância, misturando seu ladrar com os tímpanos dos rebanhos que devem andar por muito perto. E' preciso acautelar êsses rebanhos do seu maior inimigo — o lôbo. E no rigor do inverno a fome é negra para o lôbo.

Digno de apreciar, com calma, sem afobação, o panorama que se descortina do tôpo da serra. Quando não há neve, ela é máscula e viril, com seus montes verdes, aqui e acolá, intercalados de penhascos negros. Homens sem camisa, recebendo no corpo os reflexos do sol da montanha, medem e calculam os penhascos das grotas que mãos fortes dos serranos irão triturar daí a instantes. Mas no inverno todo êsse panorama se transforma em doce paisagem feminina, cheia de encantos e delicadezas.

Subimos mais, até o hotel Serra da Estrêla, e depois, a pé, o "pico da serra", onde encontramos o marco de granito em que está gravada a altitude máxima, com tôda segurança: dois mil metros.

★

De volta, passamos novamente pela Covilhã, deixando para trás tôda aquela maravilhosa sucessão de quadros que a Natureza nos oferec. Os quebradores de gêlo continuam entregues à sua faina, enquanto a neve congestionada vai dissolver-se quando raiar um sol mais forte. Mas lá em cima, na crista da serra, ela ficará permanentemente, e também seus pastores ávidos de calor, pois assim, aquecidos pelo veranilho, sobem com as ovelhas de lã muito alva, fazendo jus ao legítimo título de "serranos", os autênticos serranos da terra lusa.

Covilhã é uma cidade pequena, erguida nas encostas da montanha. No inverno assume proporções fantásticas, com os telhados cobertos de gêlo. E assim a Serra da Estrêla, em pleno inverno, faz lembrar um manto de noiva pontilhado de missangas prateadas, que o sol reflete com tôda a pompa. No verão, compara-se ao que vem a ser na realidade: uma serra, forte e máscula como seus próprios habitantes que se aclimataram ao sol e às longas nevadas.

★

Registre-se a noção apurada de turismo que se faz sentir na terra portuguêsa e particularmente nessa região



Jovens pastores da Serra, de jaleco ao ombro e varapau em punho para o que der e vier, vigiam o rebanho de ovelhas acompanhados pelos fiéis cães de guarda. Com êles os lobos não facilitam — e as cabras estão a resguardo de qualquer investida. Na gravura em baixo, o escritor Ferreira de Castro conversa com dois pastores, estudando a sua vida, seus hábitos e o seu caráter tão especificamente serrano, para escrever seu livro "A lã e a neve"

da Beira Baixa. O Hotel de Turismo da Guarda, por exemplo, moderno e confortável, satisfaz às exigências mais requintadas do turista que visita a velha cidade beiroa, de resto a mais alta da Europa. O prazer da neve e do ski, esporte bastante praticado, atrai a mocidade de vários pontos do país e do estrangeiro. Aos domingos, nas Penhas da Saúde, Espinhaço, Cântaros e Tôrre, vêem-se inúmeros skiadores, alguns dos quais preferem a excursão de muitos quilômetros ao treino da pista próxima do obrigo.

Também os alpinistas encontram campo magnífico para a prática do seu esporte, nessa região. Poucos meses antes de deflagrar a última guerra, esteve em Portugal o padre jesuíta Doncoeur, mundialmente conhecido pelas suas colaborações na revista "Les Annalles", chefiando um grupo de estudantes universitários. Atravessaram o país, desde a fronteira da Guarda até Lisboa, fazendo o trajeto a pé; na Serra da Estrêla, segundo nos informaram, permaneceram três dias, subindo ao ponto mais alto onde fincaram os pavilhões da França e Portugal, entoando os respectivos hinos.

Ranchos folclóricos, nos dias de festas e arraiais, desfilam entoando seu repertório típico. Em Monsanto, a "aldeia mais portuguêsa de Portugal", existe um dêsses ranchos constituído exclusivamente pelas mulheres da terra, proclamadas as mais belas da região. Elas cantam e bailam com extraordinário encanto.

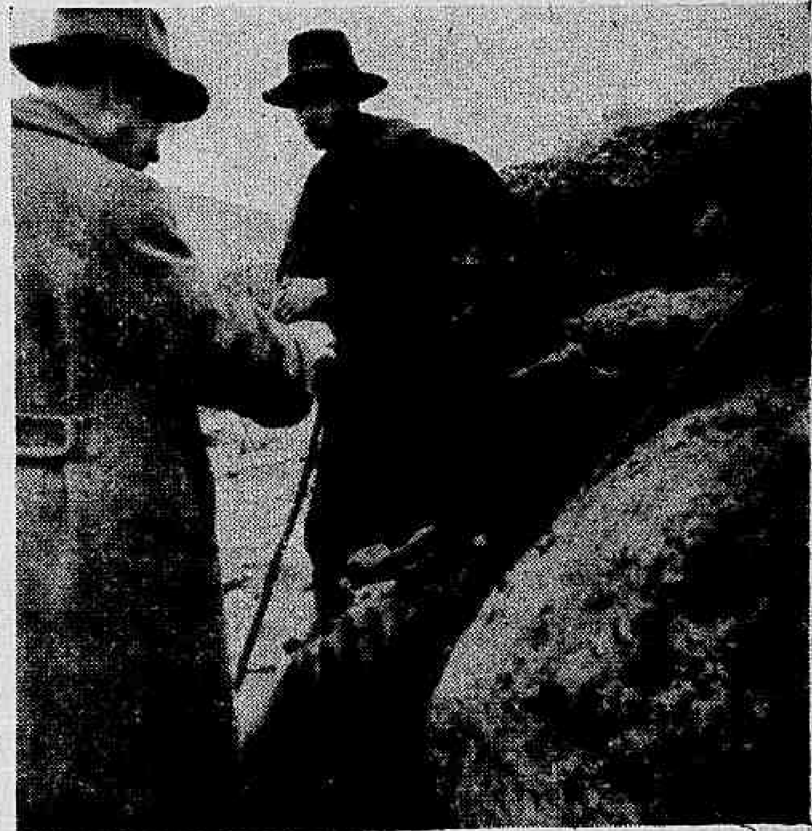
A propaganda turística, muito bem desenvolvida, e as novas estradas de penetração da Serra da Estrêla, fizeram dos pastores locais o alvo predileto dos "caçadores de imagens". Êsses pastores descendem de Viriato, são verdadeiras estátuas vivas em pedestais de granito, que há dez séculos, quais blocos humanos, conservam a tradição lusitana do homem legitimamente serrano.



★

A procissão dos penitentes repete-se na aldeia de Paúl, há quinhentos anos, pela Quaresma, sempre de noite, às escuras. E' um espetáculo tenebroso e da maior emoção macabra. Paúl, perto da Covilhã, vem a ser uma aldeia genuinamente característica da Serra da Estrêla, e pelas originalidades da sua gente, pela quantidade de imagens fotogênicas que oferece, frequentemente é visitada por caravanas de turistas franceses, americanos e inglêses.

Nem mesmo a aviação prima pela ausência. A Escola de Aviação Civil da Covilhã, como pudemos observar, é das mais modernas e bem apetrechadas. Em fins do





Um dos mais belos panoramas da Serra é o Terroeiro coberto de neve. Aí se vê a "barragem do padre Alfredo", que armazena alguns milhões de metros cúbicos de água. No inverno, as temperaturas negativas cobrem de espêssa camada de gêlo essa barragem — e os skiadores, quando sobem o Espinhaço a caminho do Covão ou da Tôrre, nunca deixam de admirar êsse ciclópico paredão com trezentos metros de altura e alguns quilômetros de comprido. E' uma paisagem de grandioso efeito e magistral deslumbramento



Sócios do Ski Club de Portugal deslizam na pista do Covão do Boi, a melhor da Serra da Estrêla, cheia de neve durante os quatro meses do inverno e com ótimas condições para corridas internacionais ali frequentes



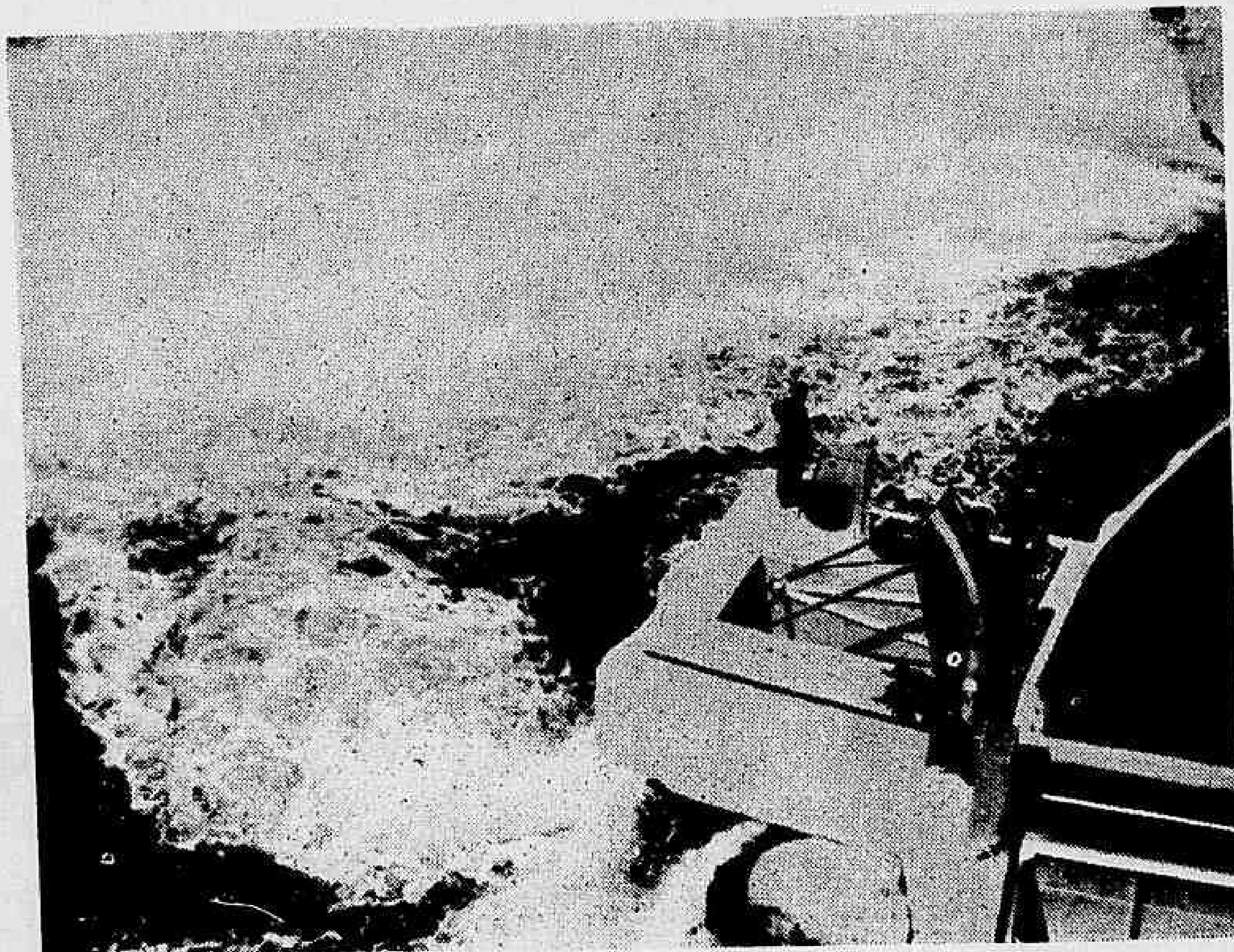
Os rebanhos de cabras e ovelhas pastam tranquilamente vigiados pelos pastores. Nas planícies, os regatos oferecem água límpida e fresca, mas sempre de baixa temperatura, mesmo no verão — é a hora da merenda, o pão de milho ou centeio, com o refôrço do queijo da Serra, são bastantes para reconfortar o estômago. No bornal do pastor há sempre uma vasilha com outro elemento infalível no ritual da Serra — o bom vinho da região

ano passado, seu diretor, dr. Crespo de Carvalho, pilotou um avião "Fairchild" de turismo, indo à Abissínia levar um precioso tapête da Serra, oferecido pelo povo e o município da Covilhã ao imperador daquele país africano. Um tapête de grandes dimensões, todo trabalhado à mão pela gente da terra.

Grande centro industrial de lanifícios, a Covilhã tem fábricas em quantidade, situadas nas margens declivosas das duas ribeiras que abraçam a cidade. As fazendas da Covilhã, segundo informes oficiais, vestem setenta por cento da população portuguêsa, sendo ainda exportadas em vultosas partidas, até mesmo para o Brasil. Curioso: a seleção dos padrões obedece ao gôsto característico de cada povo. Casimiras para a terra brasileira são sempre de tonalidades mais claras que as usadas pelos portuguêses, êstes dando preferência às mais escuras. Já para os Estados Unidos desenhos e padronagens espetaculares, com vistosos arabescos, são carinhosamente trabalhados. Dizem os portuguêses, entretanto, que se alguém aparecesse no Rossio vestindo "um fato" talhado em



A 1.800 metros de altitude, em plena montanha, uma procissão: com seus cânticos e rituais litúrgicos tem aspectos originais e impressionantes. A que se efetua todos os anos, em agôsto, no primeiro domingo, é a mais frequentada



A barragem de Campina da Idanha, com seus 80 milhões de metros cúbicos de água, irriga milhares de hectares de boas terras beiroas, utilizadas para uma cultura intensiva e reforçando o valor econômico de tôda a Beira Baixa



Parece cenário cinematográfico e na realidade estamos vendo skiadores praticando o seu esporte de inverno na tradicional Serra da Estrêla. Os hotéis da região têm sempre à disposição de seus clientes o equipamento necessário



Durante os quatro meses invernosos, turistas dos outros países europeus e até dos Estados Unidos abarrotam as casas de hospedagem. O transporte para a Serra é facilitado com as linhas de aviação comercial que pousam em Covilhã



Outro rebanho e novos pastores, agora em Manteigas, a vila serrana que conserva com mais pureza os seculares costumes do pastoreio hermínio. Dias e noites seguidos êsses homens ficam nas mais altas paragens serranas



Em março, depois de consecutivas nevadas, o caminho para o planalto da Tôrre, a 1.900 metros de altitude, oferece êsse aspecto. São dez ou doze metros de espessura, cuja superfície, fustigada pelos vendavais, assume contornos caprichosos

padrão "à moda norte-americana", talvez não chegasse com êle intacto em casa...

★

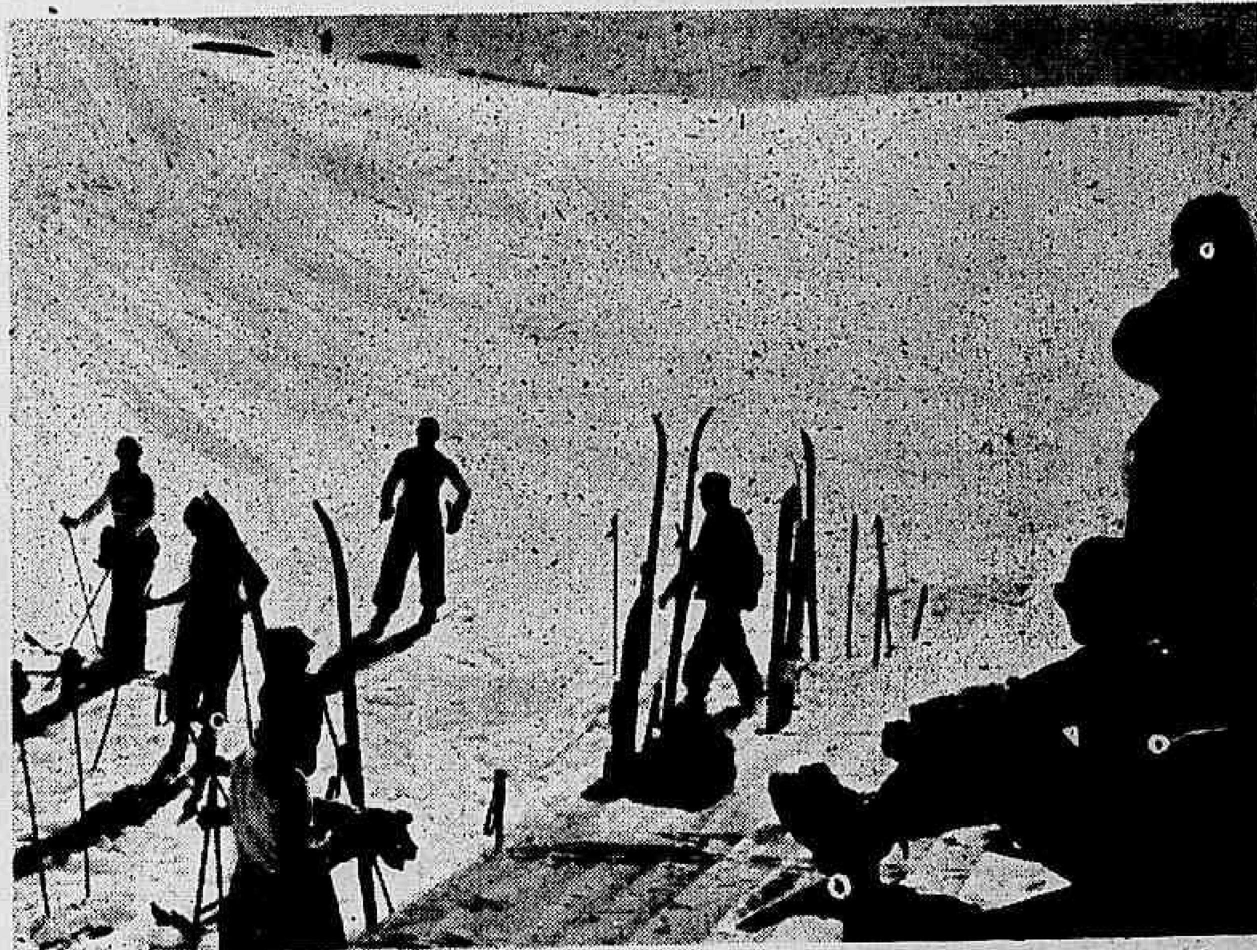
Todos os anos, no primeiro domingo de agôsto, desfila serra abaixo, uma procissão com seus cânticos e rituais litúrgicos. Reveste-se de aspectos originais e impressionantes êsse desfile sacro; êle reúne uma multidão das aldeias serranas, espalhadas a muitos quilômetros de distância. Os devotos, na maior parte, passaram a noite anterior caminhando pelas verêdas tortuosas da Serra para chegarem ao nascer do sol junto da Virgem dos Pastores, esculpida num colossal monólito do Covão do Boi. Assistem à missa, entram no cortejo até o Cruzeiro da Tôrre e, depois, regalam-se com uma suculenta à beira da Fonte dos Perus.

★

Mas o tempo não permite que se estenda por mais tempo nossa peregrinação à Serra da Estrêla. E dela nos despedimos, já saudosos, trazendo no coração a esperança de poder, algum dia, repetir tão maravilhoso passeio. Até lá... saudades, Covilhã! Saudades, Serra da Estrêla!...



A Estrada das Penhas da Saúde à Nave de Santo Antônio, oferece boas condições para a prática do ski. Em dias de sol, é um prazer deslizar suavemente naqueles três quilômetros a caminho dos cântaros que se divisam no último plano dêsse flagrante



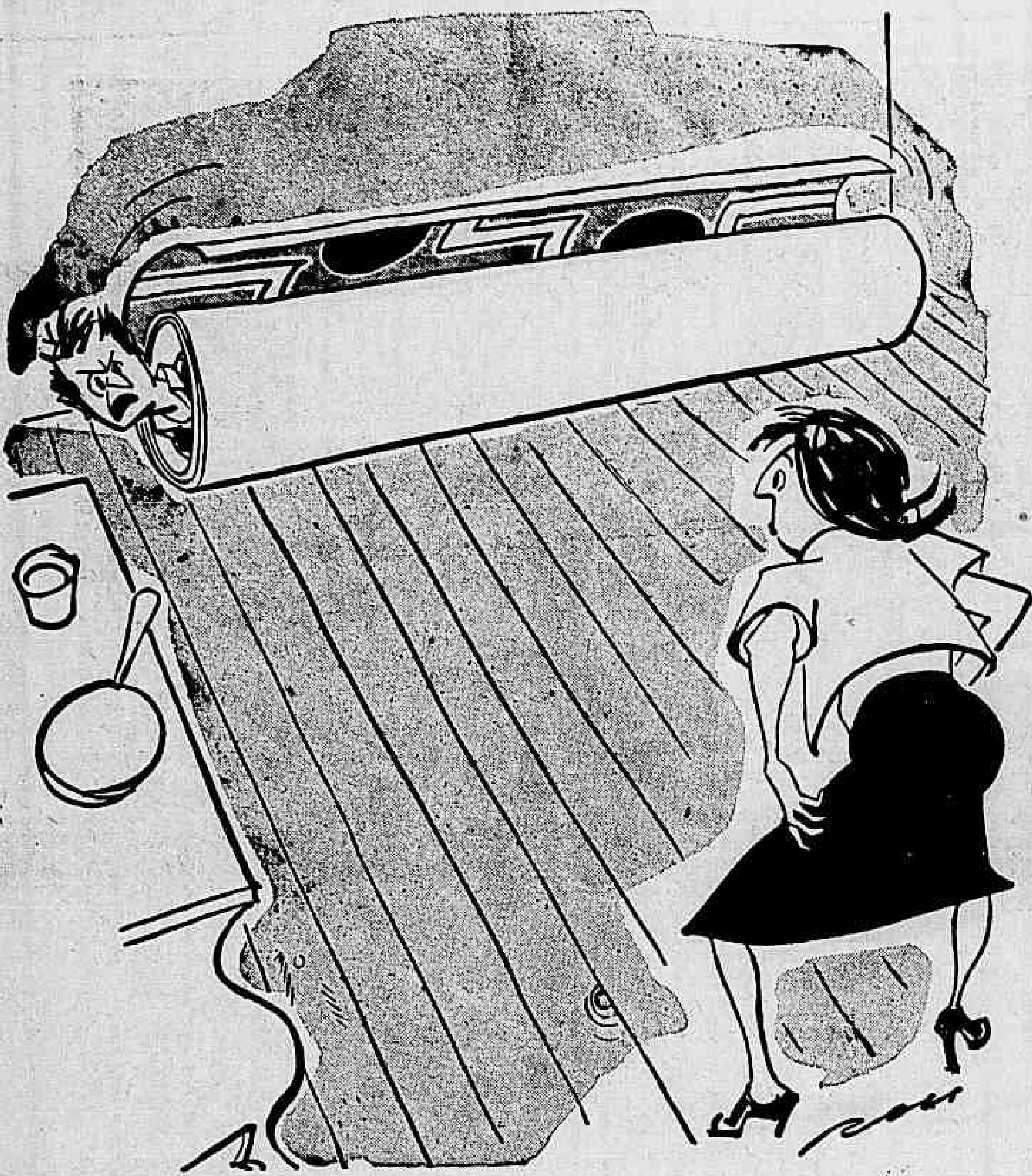
O prazer da neve e do ski atrai a mocidade. Ao domingo, nas Penhas da Saúde, Espinhaço, Cântaros e Tôrre, vêem-se muitos skiadores, alguns preferindo a excursão longa de muitas léguas ao treino de pista próximo do abrigo. E todos skiam com alegria



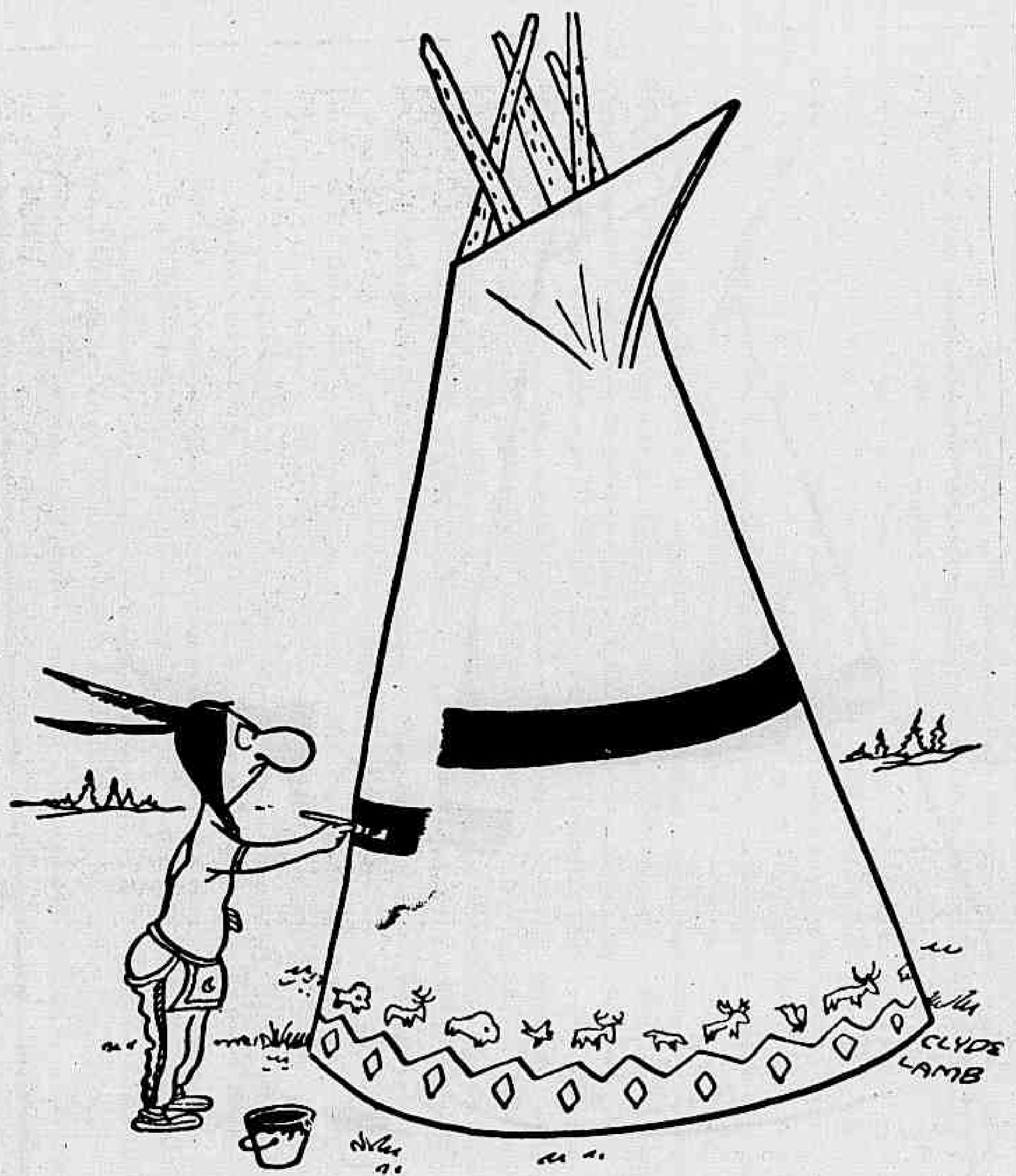
Enquanto vão repousar no hotel das vizinhanças, os esportistas fincam seus apetrechos na neve, tiram os patins e, depois do lunch, empregam algumas horas percorrendo a velha cidade beiroa da Guarda, que é também a mais alta da Europa — e talvez do mundo



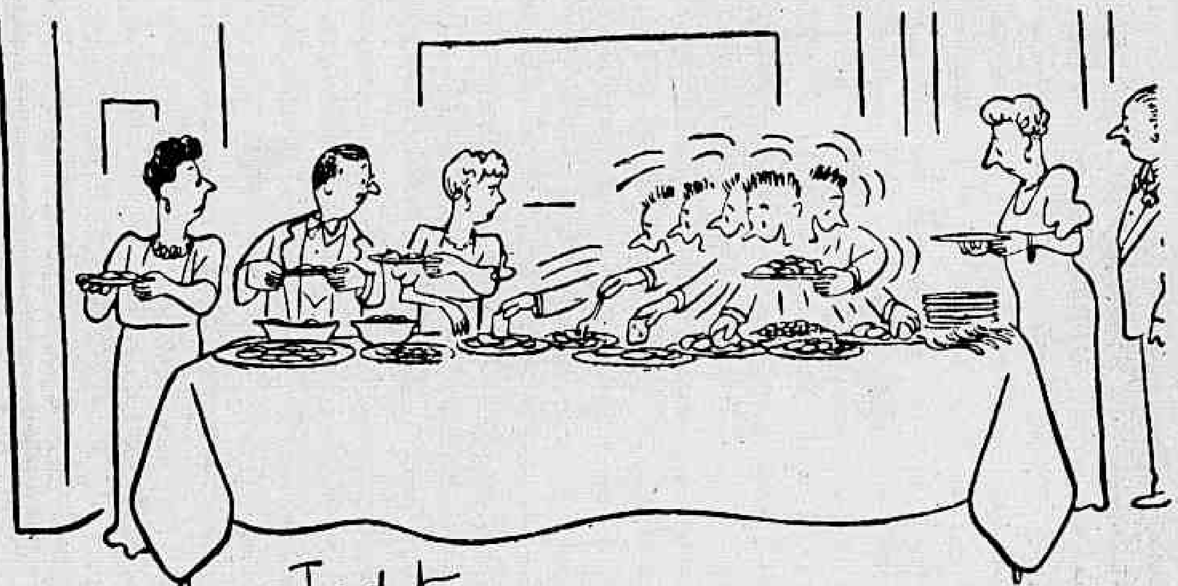
Desde cedo os habitantes da Covilhã e das imediações aprendem o exercício do ski. Êsses garotos, ainda inexperientes no primeiro inverno, serão exímios skiadores dentro de um ou dois anos, e com êles também vão treinar as crianças estrangeiras visitantes da Serra



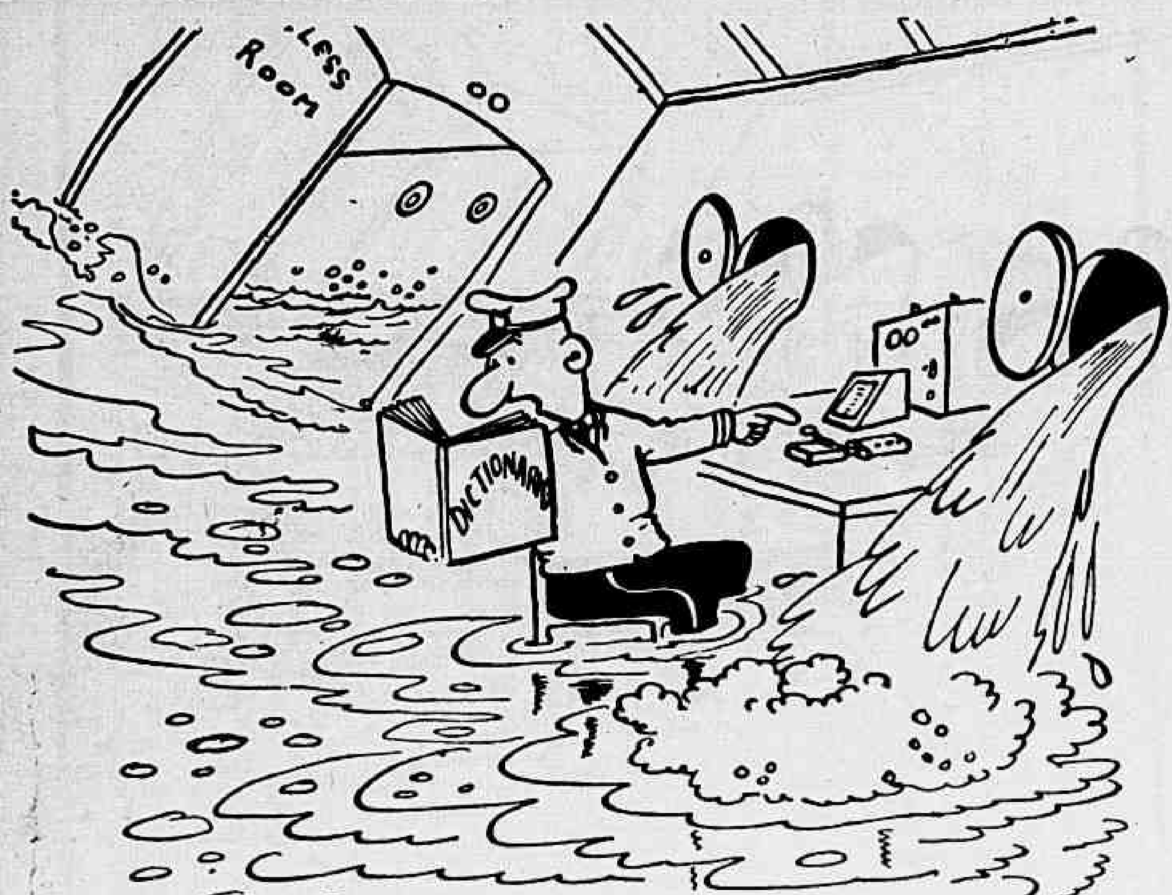
— Nço te disse que não largasses a outra ponta?!



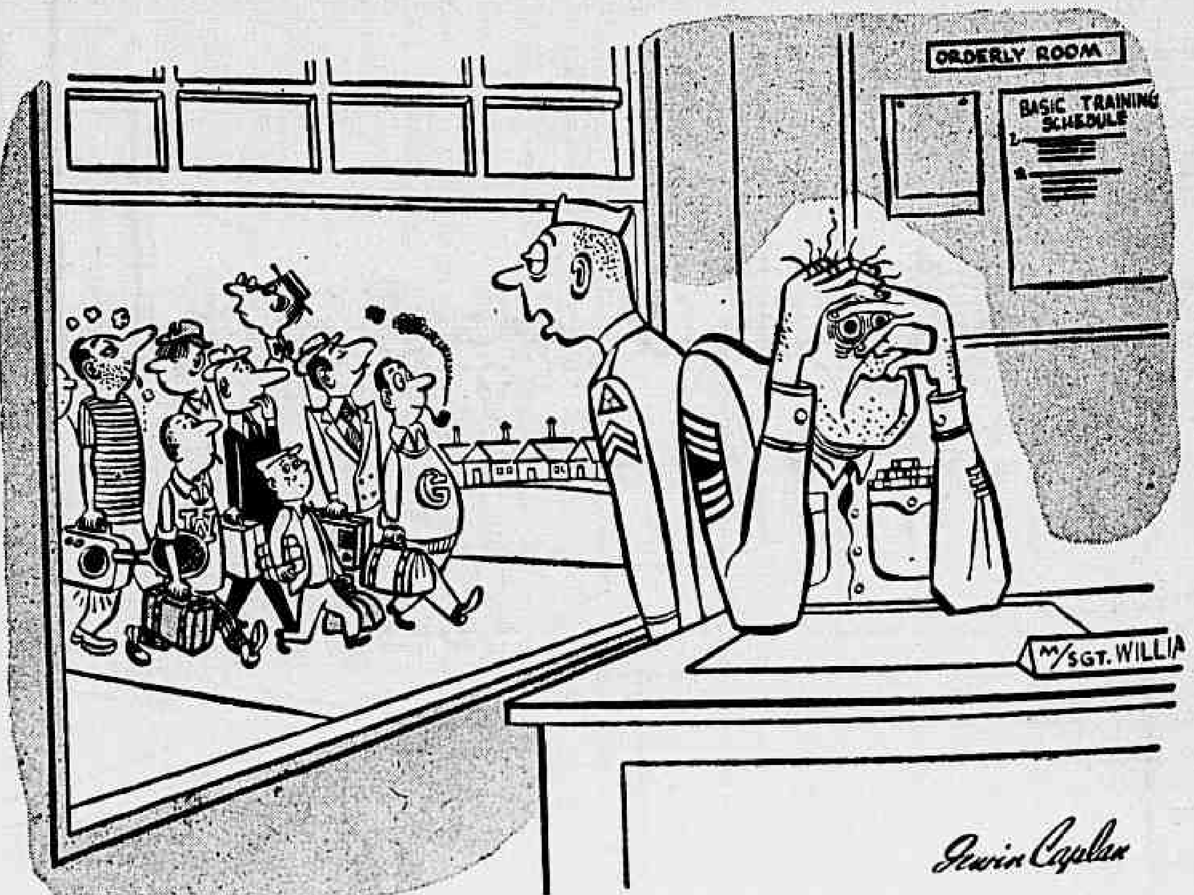




BOM HUMOR



— L... O... N... G... I... T... U... D... E...



— Prepare-se sargento, aí vêm os recrutas!...



Como aborrecer o marido

Se vocês ainda não encontraram o meio mais simples de aborrecer o mais pacato dos cidadãos, vamos ajudá-las... Sim, porque existem criaturas que levam o dia inteiro pensando em como irritar o pobre coitado que tem a paciência de ser o seu marido. Os "conselhos" aí vão: 1 — Não deixe de criticá-lo na presença de estranhos. Chame-o mesmo de bobo e mencione alguns fatos que possam positivar a sua afirmativa. 2 — Mostre a todos que êle é um perfeito "trouxa". Todos o enganam e tiram partido da sua ingenuidade... 3 — Não deixe de mencionar, de vez em quando, os "partidões" que você teve. Não deixe também de dizer que acha que estaria melhor casada com qualquer um deles (êle achará o mesmo...). 4 — Faça absoluta questão de mostrar que "quem canta em casa é a galinha"... E' preciso que todos saibam que quem manda é você e que só se faz aquilo que você deseja... 5 — Não lhe permita o menor atraso para a hora do jantar; não por questões de ciúmes, é claro, mas apenas porque você quer ordem e decência. 6 — Escolha você mesma a roupa e principalmente as gravatas que êle deve usar em cada dia. Quando êle for ao alfaiate não esqueça de ir também e dê os seus "palpites"... 7 — Se êle quiser ir ao cinema, você escolha o teatro. E se êle quiser ir ao teatro, diga-lhe que êle é um "sem-vergonha"... 8 — Se numa roda de amigos êle tentar beber, não esqueça de lembrar-lhe sempre o "fígado" ou a cabeça que é "fraca"... 9 — E não esqueça também de mencionar certos detalhes íntimos, quando estiverem com amigos... Detalhes que o encabulem, é claro... 10 — Se você tem um cachorrinho em casa, não esqueça de pedir ao marido que a determinadas horas leve o "bichinho" à rua para uma "voltinha"... 11 — Não esqueça também de criticar os seus parentes. Não perdoe defeito algum que possam ter seus pais, suas irmãs ou irmãos... 12 — E, para terminar, não esqueça de dizer que êle não seria nada se não fosse você. Se êle aguentar, você tem mesmo razão... Êle não passa, realmente, de um "trouxa"... — O.B.

PROBLEMAS DA MULHER

M. MERCÊDES SANTOS

E... O DIVÓRCIO?

— Se a sua coluna intitula-se "Problemas da Mulher", por que não defende a causa do divórcio no nosso país? Haverá problema mais cruel para afligir a mulher brasileira? Por quê? Por que não haveremos de ter o divórcio? Onde estão as mulheres corajosas para iniciar a campanha que salvaria tantas pessoas infelizes?

Estas são as frequentes e aflitivas perguntas que me fazem inúmeras leitoras, através de cartas que me chegam diàriamente. Por princípio puramente religioso, não havia abordado tal assunto. Depois que refleti maduramente, cheguei à conclusão de que o divórcio, caso fôsse instituído no Brasil, evidentemente seria um grande bem. Longe de ferir os princípios religiosos de cada um, viria apenas concorrer para que êsses se fortalecessem porque, inegàvelmente, encontrariam base nas deficiências da nossa legislação matrimonial. Acredito mesmo que se já existiu uma fase de desrespeito e acinte à religião católica seja esta que estamos vivendo. Prova cabal dessa situação, encontramos, diàriamente, estampada nos jornais desta capital, que divulgam, muitas vêzes, de maneira perniciosa, os crimes passionais e nos diversos cartórios, que vivem abarrotados de processos de desquites amigáveis ou litigiosos. A última hipótese diz bem claro que seria mais honesto e menos acintoso para a nossa religião se tivéssemos o divórcio no Brasil. Se analisarmos, de maneira conscienciosa, havemos de convir que o desquite, longe de representar a legalização da situação de um casal, vem apenas concorrer para que esta permaneça irremediàvelmente irregular.

Evidentemente, só o divórcio poderá normalizar a situação do matrimônio no Brasil. Sendo, é lógico, fixado dentro de princípios e causas justas, para que não possa justificar a desmoralização que muitos indivíduos compreendem por divórcio. Que êle seja regularizado por lei, mas, que esta seja rigorosa e específica, para que não deixe margem a duplo sentido. Em muitas localidades dos Estados Unidos, o divórcio é apoiado em leis sólidas e rigorosas, fato que já em outras não acontece, sendo esta uma das principais razões para o mesmo seja considerado pela religião católica um grande mal social. E' de supor, no entanto, que situações desta natureza jamais chegariam a acontecer no Brasil, caso o divórcio fôsse instituído, pois somos um povo essencialmente pacato e comedido. Eis aí, portanto, um dos motivos que nos deve incentivar à luta para que seja eliminada da nossa Constituição, o quanto antes, a restritiva palavra "indissolúvel" e que seja colocada, em seu lugar, uma outra que diga bem claro do rigor que deve existir sôbre a lei do divórcio. Se isto chegássemos a conseguir, tenho certeza de que esta lei jamais poderia influir em nossa religião como sendo uma medida indigna e perniciosa. Está evidente que a "indissolubilidade do matrimônio", hoje posta à margem na maioria das Constituições, mesmo nos países mais católicos do mundo, como Portugal e Itália, representa um grande mal. Não é admissível, portanto, que criaturas infelizes no matrimônio sejam obrigadas a permanecer numa situação desesperadora para o resto da vida. E' lógico que as causas, muitas vêzes imorais, que levam ao desquite, jamais poderão ser comparadas com inúmeras outras que, de maneira concreta e leal, admitem o divórcio.

Muito interessante seria se os oposicionistas do divórcio, no Brásil, fizessem um paralelo entre as consequências funestas que muitas vêzes contribuem para o desquite, prejudicando ambas as partes, e as causas que favorecem o divórcio. Tenho certeza que, se assim o fizessem, chegariam à conclusão de que estas últimas, de maneira alguma, poderiam servir de estôrvo à boa moral brasileira. Esta questão de tão suma importância, deixa bem claro que o desquite, num país cuja indissolubilidade do casamento é inteiramente impossível, nada mais é do que a separação de corpos, deixando irremediàvelmente inutilizados dois indivíduos. O homem, por sua vez, jamais poderá contrair nova união, sem que seja considerado perante a sociedade um indivíduo amoral e que ao mesmo tempo concorre para a degradação da própria mulher, perante esta mesma sociedade. O Brasil, infelizmente, está atravessando esta fase crítica, que os países adiantados não relutaram em eliminar. As estatísticas anualmente demonstram o número espantoso de processos de desquites que foram ajuizados. Parece incrível que em 1948 tenhamos tido, apenas na Capital da República, mais de dois mil desquites, entre litigiosos e amigáveis. Eis aí uma bela cifra de criaturas inutilizadas, porque o país lhes nega o direito de serem felizes. Os que não se conformam com esta situação e temem a nossa "digna sociedade" procuram, julgando poder merecê-la depois, o Uruguai, como única válvula de escape. Todavia, que representa para o Brasil um casamento realizado no Uruguai? Nada, absolutamente nada.

Inegàvelmente, a instituição do divórcio no Brasil é o problema que êsses homens que organizam e se debatem por leis, que não venham ferir de modo algum a religião, tantas vêzes friamente achincalhada, deviam estudar e lutar para resolvê-lo. Está visto que, sòmente assim, talvez os princípios religiosos se erguessem e se solidificassem. Portanto, por três causas preponderantes deve ser incluída na nossa Constituição a lei do divórcio: a religiosa, a social e mesmo a fisiológica.

Correspondência

Jussara Carvalho — Niterói — Estado do Rio.
Nesta crônica você está parcialmente atendida no seu caso. Aguarde brevemente o meu conselho. Caso tenha urgência do mesmo, remeta-me, por favor, o seu verdadeiro nome e endereço.

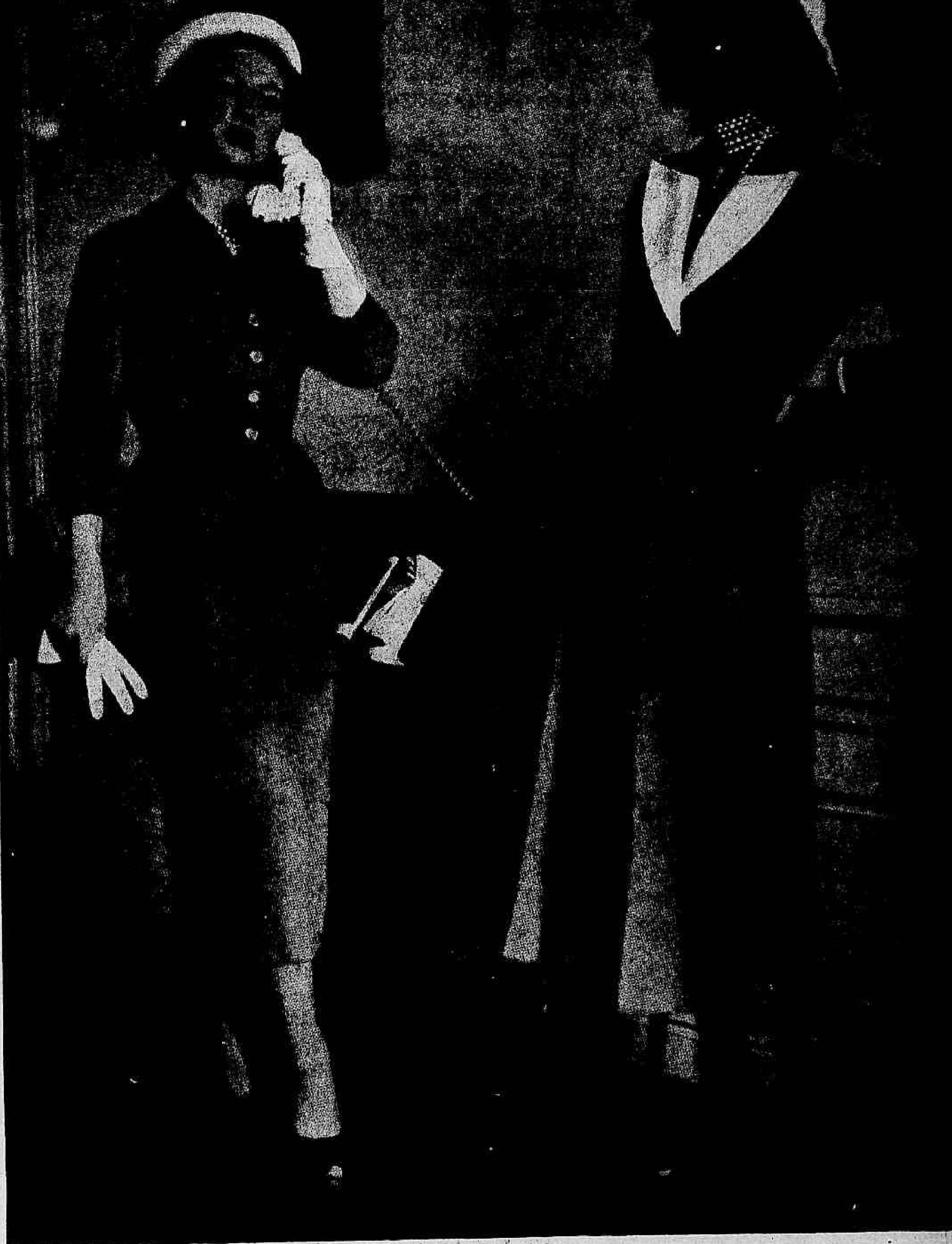
Tôda correspondência para esta seção deve ser endereçada a M. Mercêdes Santos — Problemas da Mulher — Redação da REVISTA DA SEMANA — Rua Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro.

LINGERIE

NADA há mais feminino e gracioso do que essas peças finas de "lingerie", com suas incrustações de rendas ou de tecidos foscos, com os seus bordados, com seu "toque" acentuadamente feminino.









PARA O FIM DE ESTAÇÃO

O nosso inverno, tão cheio de sol e de dias maravilhosos, está se findando. Ainda assim, surgem, de vez em quando as manhãs frias ou as noites frias, quando somos ainda forçadas a usar trajes de inverno, os quais, no entanto, não precisarão ser tão pesados. As sugestões de Charles Montaigne, Renée Patton, Paquin, Heim, etc., são para êsse fim.



week-end NA COZINHA



SALADA DE VAGENS E CENOURAS

Tire as fibras de uma porção de vagens tenras e leve a cozinhar em água a ferver com sal em panela descoberta. Deixe esfriar bem e tempere com 1 colher de azeite, 2 de vinagre, sal e pimenta. Arrume na saladeira, colocando no centro umas quatro cenouras cruas, bem tenras, raspadas e cortadas em rodelinhas finas e temperadas de sal.

★

CARNE DE PANELA

Tempere 2 quilos de alcatra com vinagre ou vinho, 1 colher de cebola picada, cheiro e 1 pedacinho de louro. Deite numa caçarola 2 colheres de gordura, junte a carne, deixe tostar bem, adicione 1 cebola em rodela, uns 4 tomates e deixe cozinhar coberta, em fogo fraco, juntando água aos poucos até ficar bem tenra. Desengordure o môlho e coe, deite sôbre a carne partida em fatias.

★

ESPINAFRE À ALEMA

Tome 6 molhos de espinafre cozidos e esprimidos; junte 1 fatia de 3 cms. de pão embebido em leite, misture bem, leve ao fogo com manteiga, sal, 1 pitada de pimenta do reino e 2 colheres de caldo.

★

PUDIM DE CLARAS

Bata 8 claras em neve, junte 8 colheres de açúcar e bata como para suspiro bem firme. Despeje em fôrma forrada de açúcar queimado e leve a assar em banho-maria no forno. Antes de esfriar, emborque a fôrma num prato côncavo e não a retire até esfriar bem. Sirva com creme ou qualuer geléia. Pode também assar em forminhas.

★

FLAN DE BANANAS

Bata 6 ovos com 6 colheres de açúcar como para gemada. Incorpore 4 colheres de farinha diluída em 1 litro de leite. Misture, junte 6 bananas prata maduras em rodelas, 1 colher de Kirsch, deite em fôrma untada e leve a assar.

★

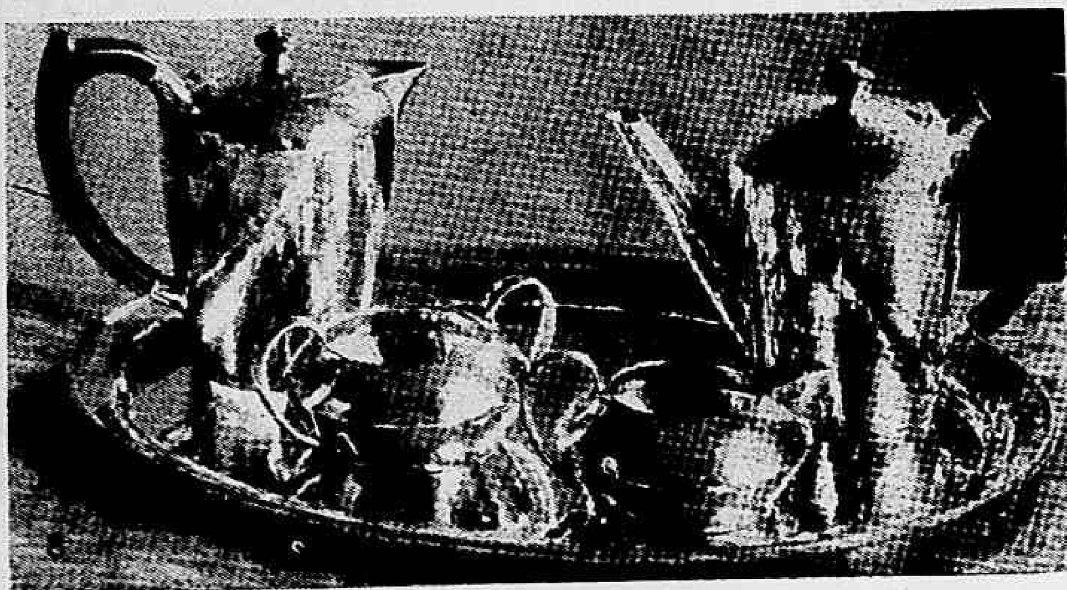
JACA EM CALDA

Tome 24 gomos de jaca dura, tire os caroços, dê uma fervura e deixe escorrer. Faça uma calda com 3 xícaras de açúcar e deite dentro os gomos de jaca e tome ponto. Se a jaca fôr mole pode dispensar a fervura.

★

CULINÁRIA

Para se obter manteiga clarificada, ferva-se a manteiga, coando em seguida num pano fino. Tôda a manteiga para fritar deverá ser clarificada, senão queima logo. ★ Para esquentar em banho-maria, tome-se um tabuleiro curto e alto, coloque dentro panelinhas ou mesmo latinhas com môlho, legumes, purées, etc., encha de água a ferver até o meio e deixe em fogo fraco para conservar o calor.

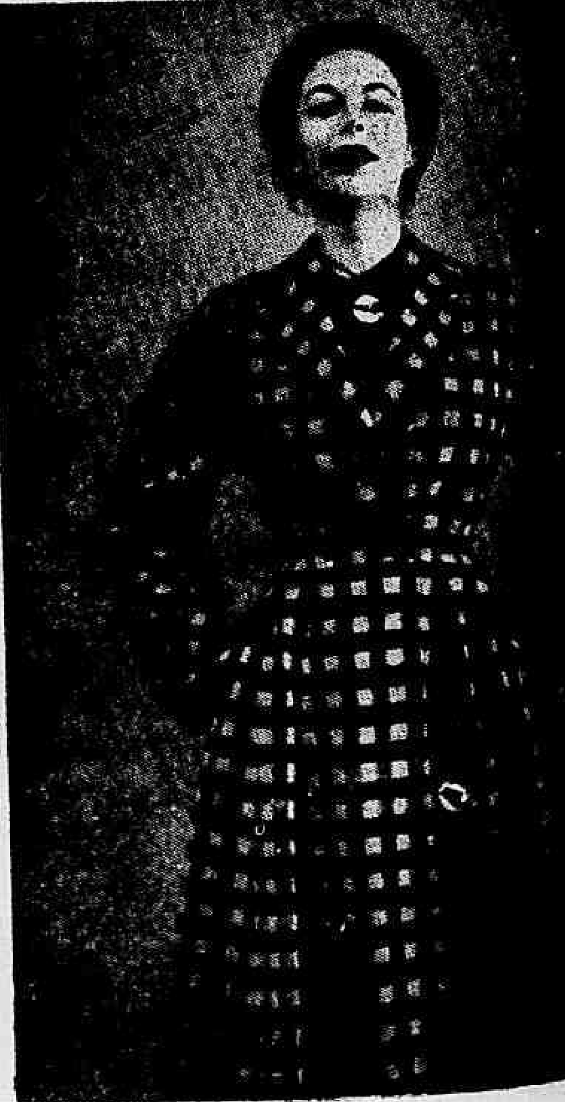




PARA OS DIAS FRIOS









MESMO na primavera existem os dias frios. Dias chuvosos em que somos obrigadas a nos agasalhar. Para êsses dias, um casaco ligeiro, um vestido de lã, são suficientes. Jeanne Lanvin, por exemplo, sugere um casaco em lã quadriculada. Gabrielle, sugere um casaco curto, em lã vermelha, sôbre um vestido "pied-de-poule" prêto e branco. Bruyere sugere um conjunto composto de vestido em tom unido e casaco no mesmo tom com "pois" bordados. Jacques Fath escolheu êste vestido, também em "pied-de-poule", com grandes bôlsos. Germaine Lecombe sugere um casaco de linhas retas e, finalmente, Georgette sugere um casaco com "pences" atrás formando "godet" e bôlsos de feitio de envelope.

MÃES e FILHOS

De ANAMARIA CÉLIA

CUIDE DA BELEZA DE SUA FILHA



"Se eu tivesse uma filha, gostaria que fôsse assim.." Quantas vêzes você pensou isto ao ver passar ao seu lado uma adolescente elegante e simpática?

No entanto, essa perfeição, essa harmonia física e moral, êsse brilho e êsse frescor, não foram obtidos da noite para o dia. Muito pelo contrário foram obtidos depois de muito trabalho, depois de um plano cuidadosamente elaborado para "construir" uma adolescente. "Construir" uma adolescente quer dizer educá-la, formá-la, modelar a jovenzinha depois da sua primeira infância. A tarefa não é fácil, porém é apaixonante e constitui dever de tôdas as mães.

Comecemos pela silhueta. Dê à sua filha um corpo harmônico, elegante. Sobretudo, evite que ela se torne uma adolescente de costas curvas, peito fundo, de andar desgracioso. Faça-a, desde cedo, aprender a disciplinar as suas atitudes. Vigie-a durante os trabalhos e os estudos; saiba indicar e corrigir os maus hábitos.

Faça com que ela pratique esportes ao ar livre, principalmente a natação e o ciclismo; pense também na dança rítmica. Não é necessário fazer da sua filha uma bailarina mas visa-se obter a leveza e graça dos gestos. Um quarto de hora de ginástica diária, incluindo exercícios respiratórios, será de excelente resultado. Vigie sobretudo a sua coluna vertebral. Muitos defeitos surgem de um ligeiro desvio da espinha, coisa que poderia ter sido corrigida na infância. Sua atenção deve se concentrar na sua filha de tal forma, que a menor coisa possa ser imediatamente retificada.

As mãos e os pés devem também merecer grande atenção. O hábito de roer unhas deforma completamente as unhas e os dedos. Os pés deverão estar sempre à vontade, dentro de sapatos folgados e adequados. O "pé chato" é outro defeito comum que, mais tarde irá prejudicar tôda a graciosidade da adolescente. No entanto, é perfeitamente curável!

E os cabelos? Não faça "permanentes" na sua filha, pelo menos antes dos quinze anos. Evidentemente, uma menina de cabelos lisos e macios é muito mais interessante do que uma pequena ridiculamente encaracolada. Além disso, o "permanente" estraga o cabelo.

Esteja atenta à qualquer defeito que possa ser notado nos dentes, nos olhos, nos pés de sua filha. Há defeitos que quando notados à tempo, podem ser remediados.

Habitue-a à cuidados rigorosos de higiene, a dar valor à sua aparência e, estimule mesma a sua vaidade. Faça assim com que ela cresça com perfeita noção dos seus deveres para consigo mesma. E sua filha também provocará na rua o mesmo pensamento: 'Se tivesse uma filha, gostaria que fôsse assim..."

★

Exigir que uma criança repita as mais incríveis "gracinhas" é cansar demais o seu pequenino cérebro com coisas perfeitamente inúteis. ★ A criança muito mimada tem tendência para o nervosismo. Habituada a ver satisfeitos os seus menores caprichos, se irrita quando qualquer coisa lhe é negada. ★ A criança necessita do convívio de outras crianças. Somente elas podem se entender no mundo imaginário em que vivem.





A saúde do BEBÊ

DR. SABÓIA RIBEIRO

VERMINOSES NAS CRIANÇAS

Varia conforme as espécies a maneira como os vermes infestam o homem. Três circunstâncias de maior importância cooperam, decisivamente, nas diferentes oportunidades que, na prática, explicam sua disseminação:

1.º — A água poluída por ovos de vermes.

2.º — Os alimentos poluídos pelas môscas trazendo nas patas ovos colhidos diretamente nas fezes de portadores de verminoses.

3.º — As mãos, encerrando nas pontas dos dedos e, muitas vêzes, nos espaços digeto-ungueais, os mesmos ovos.

Essas hipóteses abrangem naturalmente as verminoses que se transmitem através dos ovos; de resto, as mais numerosas.

A poluição da água explica-se fàcilmente. Águas da superfície drenam para um poço de abastecimento coletivo, e com elas vão dejetos humanos contendo ovos de vermes. Está a água fatalmente poluída.

A poluição dos alimentos é quase sempre feita por intermédio das môscas. Estas vão pousar sôbre fezes expostas contendo ovos, e enchem-se nas patas dos ovos; pousam nos alimentos. Estão êstes fatalmente poluídos.

Noutros casos a contaminação é de pessoa a pessoa.

Indivíduos portadores de verminose e eliminando os respectivos ovos, poluindo-se a si mesmos, nas manipulações naturais, e sem maior hábito de asseio das mãos, vão, no apêrto de mão, transmitir a terceiros essas autocontaminações. Desde então, os últimos estarão atingidos pela infestação, desde o momento que levem suas próprias mãos à bôca ou contaminem os próprios alimentos.

No lactente, muito comum é a infestação direta, sendo os ovos levados à boca e deglutidos sem o intermédio dos alimentos. Mas não é menos comum outras formas de infestação.

São muito intuitivas as múltiplas circunstâncias, mediante as quais os ovos dos vermes conseguem infestar a criança.

Salientemos, em primeiro lugar, o papel das pessoas que lidam com a criança, não raro, portadoras de vermes.

O papel das môscas, trazendo ovos nas patas, colhidos diretamente nas fezes, e que vão contaminar a chupeta, o bico da mamadeira, os alimentos da criança — é dos mais a considerar.

A má higiene da habitação, nomeadamente o chão ou sítio em que permanece a brincar a criança, é circunstância das que mais favorecem as contaminações por vermes, nessa fase.

Se são os lugares úmidos os meios por excelência, não há dúvida que os ovos podem existir em qualquer parte, transformados em esporos e, uma vez deglutidos, a infestação está feita.

Eis porque a higiene das habitações é princípio da máxima importância e o solo em que brinca ou se arrasta a criança deve ser perfeitamente higienizável, devendo ser por isso, de preferência, impermeável e lavável.

O sistema de cercadinho com um tapete satisfaz plenamente às exigências.

Nas crianças mais crescidas aumentam naturalmente as oportunidades da infestação.

Más instalações sanitárias, na época escolar, a que, não raro, são obrigadas a frequentar, fora do lar; comidas ou guloseimas, nem sempre bem expostas e visitadas pelas môscas; manipulações diversas com o dinheiro, com as macanetas, balaustres e corrimãos; eis, muito pelo alto, algumas flagrantes fontes de contaminação dos vermes.

Contaminada, então, a criança, e deglutidos os ovos, virá mais tarde a infestação; porque, chegados ao estômago, os ovos deixam sair uma larva que, no intestino, atinge a forma adulta.

A lombriga — tão grande! — nasceu, assim, de um dêsses ovos, invisíveis a ôlho desarmado. E assim os demais — tricocéfalo, oxiuro.

O verme do amarelão é bastante espalhado entre as crianças. Tem um mecanismo de infestação diverso. Os ovos abrem-se no meio exterior, nas águas e empoçados, saindo a larva, e através de uma solução de continuidade no pé (muitas vêzes a comum frieira), penetra a circulação chegando, afinal, ao intestino delgado. E' verme antes das crianças mais crescidas, que brincam em tais lugares.

O estrongilóide é um verme de evolução semelhante, também bastante espalhado em certas populações de nosso país.

Antes rara, na criança, é a espécie "solitária". E' um grande verme chato, constituído de anéis contendo os ovos do parasito. Os anéis são expelidos pelas fezes, de intervalo a intervalo, e abrem-se no exterior, indo os ovos contaminar as águas, hortas, etc.

O povo tem grande prevenção pelas lombrigas, porém seus danos não são maiores que os das outras espécies.

Aliás, o mal maior dos vermes é a anemia secundária a que habitualmente dão lugar, mas, sobretudo, o fato de poderem abrir a porta de entrada a infecções sérias como do grupo coli-tífico e outras.

Cada espécie de verme tem ovos que não se confundem com os de outra espécie. Só o exame das fezes revela as espécies de que o indivíduo é portador. Contudo, há quase sempre sinais que fazem suspeitar dessa ou daquela espécie. Alguns como o oxiuro, torna-se muita vez visível, vindo até o exterior acompanhado de intenso prúrido anal.

O tratamento das verminoses deve ser orientado sempre visando não sòmente algumas espécies, porém tôdas as espécies acaso existentes.

Só o exame das fezes pode orientar com segurança quais as espécies acaso encontradas. Para êsse fim, deve-se colhêr um pouco de fezes numa latinha (tipo farmácia) e levá-las ao analista.

Sempre se evitarão os vermífugos em crianças abaixo de 2 anos, ou sòmente serão dados abaixo dessa idade com as devidas cautelas.

Por outro lado, é um verdadeiro êrro viver repetindo os vermífugos de vez em quando. O que há fazer é escolher o vermífugo, sempre com seguro critério.

Se, todavia, após o vermífugo, o exame ulterior das fezes revelar a existência, ainda, de vermes, aí então se justifica a sua repetição.

Infelizmente, porém, nem sempre se observa qualquer critério. Conforme as espécies a expurgar, há muitas vêzes necessidade de escolher o vermífugo para perfeita eficácia do mesmo.

Justifica-se o vermífugo sempre que a criança expele vermes, mas como ao mesmo tempo existem outros, às mais das vezes, é sempre indicado o exame das fezes com objetivo de constatar as espécies existentes e dar de vez um vermífugo completo, isto é, que ataque ao mesmo tempo a todos.

Hoje são preferidos os vermífugos à base de quenopódio, violeta de genciana e o hexilresorcinol, que preenchem as condições sôbre os vários vermes que habitualmente parasitam a criança.

Entre 2 e 5 anos, preferir o quenopódio, sob a forma líquida, isto é, veiculado pelo óleo de rícino, e à razão de II gotas por ano de idade. Usamos o **purgativo infantil**, segundo a fórmula:

Óleo de rícino — 60 gramas
Essência de aniz — IV gotas
Sacarina — 25 centigramas
Alcool — 2 gramas.

Aos 2 anos — 1 colher de sopa; dos 3½ aos 4 — 2; aos 5 — 2½.

Acima de 5 anos preferimos sempre a forma de comprimidos, de que existem bons especialidades no comércio.

Há uma espécie — o oxiuro — em que o tratamento pelos clisteres é, às vêzes, o recurso empregado. Usa-se então 1 colher das de sopa de vinagre para 100 gramas de água fervida, e faz-se um clister com 60 gramas dessa solução, durante 10 noites seguidas. O clister deve ser retido, pelo que se faz o emprêgo do método à hora de dormir da criança. O oxiuro vive no grosso intestino, nutrindo-se na intimidade de sua parede. À noite, a fêmea vem depositar seus ovos nas dobras da mucosa anal, provocando o comichão, que tanto incomoda a criança, trazendo-lhe às vêzes o nervosismo.

Cocando-se, a criança retém nos dedos os ovos do verme, possibilitando, isso naturalmente a reinfestação quando leva, em quaisquer circunstâncias, os dedos à bôca. E' de regra, por isso trazer-lhe, à criança, as unhas cortadas bem rentes; a criança dormirá de preferência com um macacão.



Modêlo em tecido escocês, fundo vermelho, listras em marron



PARA você que ainda não passou dos vinte anos encontramos êstes modelos que servem para as mais variadas ocasiões. A simplicidade e a discreção fazem dêstes modelos verdadeiras obras de elegância e bom gôsto.



Graciosa sugestão em fina lã azul marinho, botões no busto



Para passeio êste modêlo em tecido claro, simples, porém original



Outro modêlo em tecido escocês de côres vivas. Gola branca, amplo casaco de lã beige

MODELOS JUVENIS



Mulher, LENDA E PERFUME



FILTRO PEGA-NAMORADO

Alguém, que se assina "Maria da Fonte", acaba de mandar para as leitoras solteiras desta seção, curiosa receita de um licor que tem fama de milagroso em sua família. Trouxe-a de longes terras a avó portuguêsa, que arranjou marido, segundo diz, "graças ao espírito casamenteiro que vive escondido nas pétalas das rosas".

Garante aquela tradição que tôda moça que fizer o namorado beber um cálice do filtro misterioso durante nove dias seguidos, na semana antecedente e na véspera de Santo Antônio, com tôda certeza verá desabrochar no coração do seu amado uma paixão imorredoura... Diz a missivista que a receita conserva a mesma redação de há 150 anos passados. Ei-la:

"Colhem-se as pétalas da rosa vermelha e metem-se em um frasco de vidro sem que fiquem calcadas, cobrindo-as com álcool de 30 graus, deixando-as assim ficar por espaço de 8 dias. Depois de haver passado êsse tempo escoa-se o álcool para outro frasco, deixando ficar muito bem tapado aquêle onde ficam as flores.

"Prepara-se outra porção igual de pétalas e deitam-se novamente dentro do frasco que contém o álcool, seguindo o processo já indicado, depois do qual se escoa o álcool, que, não estando ainda bem aromatizado, torna-se-lhe novamente a juntar mais pétalas de rosa.

"Conhecendo-se que o álcool já está bem cheiroso, tomam-se 18 onças de açúcar de caixa e clarifica-se numa canada de água por meio de clara de ovo. Reduz-se à têrça parte. Depois desta calda estar fria juntam-se-lhe as pétalas que se tem guardado e deixa-se repousar por duas horas. Côa-se depois por um pano de algodão, junta-se-lhe meia canada de álcool aromatizado e filtra-se por papel, duas vêzes. Logo que se conheça que o licor está em boa têmpera, filtra-se uma terceira vez e guarda-se em garrafas bem arrolhadas.

"Por êste processo se fazem também os licores de violeta, cravo e jasmim, mas sòmente o de rosas pega namorado, porque esta flor tem as pétalas enfeitiçadas."

Raras vêzes temos ouvido falar numa superstição assim tão pitoresca.

Aí vai a receita, para as leitoras que dela precisarem... e nela acreditarem. A fim de facilitar seu aviamento diremos que dezoito onças equivalem a meio quilo, e uma canada, a dois litros e meio, mais ou menos.

IGNEZ MARIZ

A receita antiga, rudimentar e difícil, pode bem nos dar idéia de quão trabalhoso era, para a mulher, ser amada naqueles tempos... Bendigamos, pois, a nossa civilização, tão amável para as mulheres que, oferecendo-lhes o prodigioso LEITE DE ROSAS, poupa-lhes o trabalho de manipulação tão demorada e de tão incerto sucesso. Bendigam elas o LEITE DE ROSAS que, dando à cutis a maciês, o perfume e o feitiço das rosas, é o filtro ao alcance de suas mãos, para operar o milagre de amor e de felicidade que o destino reserva à beleza feminina.



SÃO LUIZ GONZAGA 619
TELEFONE: 48-7660 ★ RIO

V EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA E INDUSTRIAL DE CARANGOLA

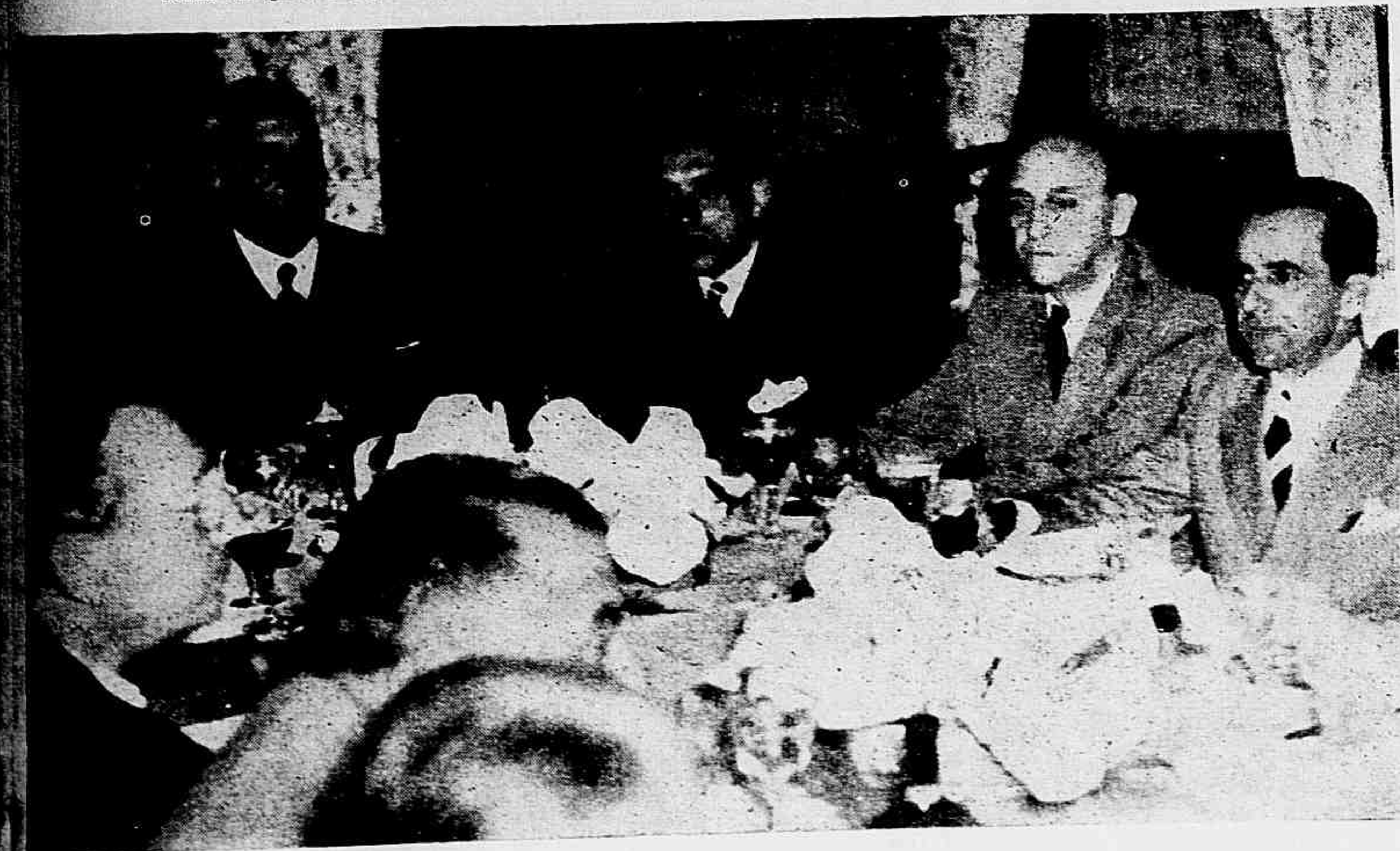
Reportagem de ADALBERTO MENDES



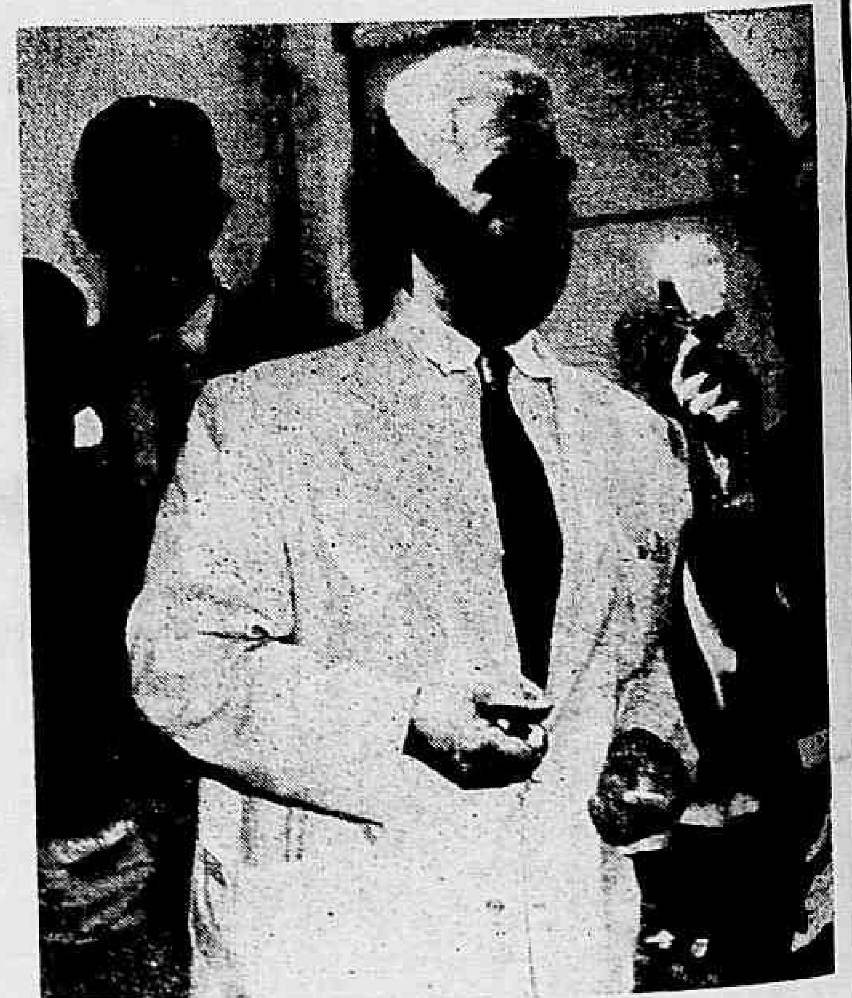
AO ALTO — O sr. Américo René Giannetti, secretário de Agricultura de Minas, corta a fita simbólica, inaugurando a V Exposição. EM BAIXO — Carangola recebeu, entre outras, a visita do sr. Belo Lisboa, ex-secretário de Agricultura do Distrito, e do sr. Ruy de Almeida, presidente do Centro do Comércio de Café e vice-presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, que são vistos no grupo em companhia de elementos locais, entre os quais o prefeito Jonas Marques e o presidente da Associação Rural de Carangola, sr. José Larivoir Esteves



EM BAIXO — Aspecto do almôço íntimo oferecido ao sr. Américo Giannetti na residência do sr. José Esteves, presidente da Associação Rural. Na foto aparecem o homenageado, o deputado Xenofonte Mercadante, o prefeito de Carangola, sr. Jonas Marques, o deputado federal Francisco Duque de Mesquita e o sr. Cândido Monteiro de Castro, prefeito de Muriaé



MAL saída de uma ocorrência de dolorosos efeitos, na qual perdeu um dos seus grandes filhos, o inolvidável prefeito Pedro de Oliveira, tão trágica e prematuramente roubado ao convívio de todo um povo que o amava, Carangola realizou a sua V Exposição. E como se o destino, que arquitetou a cilada, quisesse também desafiar o ânimo daquela gente angustiada, desfechou o golpe brutal quase às vésperas do certame que sempre teve no ilustre morto um dos seus mais decididos baluartes. Mas os gigantes não se abatem. Vergastados pelos açoites da adversidade, saem ainda mais fortes das mais duras refregas. O carangolense, deixando atrás de si a sombria lembrança daquelas horas de horror e sofrimento, escudado na perene lembrança do irmão que se fôra, a lhe servir de estímulo o exemplo de amor ao trabalho, de honradez e bondade que lhe ornamentaram a vida, como um fogo novo a arder em pira sagrada, refêz-se da dor e novamente encetou a caminhada. Estava às portas da sua V Exposição, e esta se prenunciava grandiosa, a maior, talvez, de tôdas. E assim foi Tivesse o destino, por vêzes tão cruel, poupado àquela gente o amargo transe, e Carangola teria marcado com preciosas refulgências um dos mais belos capítulos de sua existência. Não tendo, porém, a V Exposição a consagração dos festejos retumbantes, espontâneos porque nascentes da alma vibrante de um povo que sabe viver como nenhum os seus momentos supremos, — na desgraça, como no dia em que imortalizou, num imenso bloco humano a encher as ruas de uma cidade inteira, a memória de Pedro de Oliveira; e na ventura, como no dia mesmo em que, em suas mãos amigos agora inertes, depositou os destinos de sua terra — não tendo a lhe aureolar o brilho das festividades que merecia ter, a V Exposição ficou nos fastos da vida carangolense servindo de lição, de uma bela lição às gerações que se formam no exemplo de operosidade, de entusiasmo e de fé que lhes dão os homens e as mulheres de hoje.



O sr. Romulo Joviano, chefe da I.R.P.L., e que representou o ministro Daniel de Carvalho, fala no ato inaugural do certame, dirigindo suas felicitações aos criadores carangolense pelo elevado nivel tecnico observado na mostra



O secretário de Agricultura de Minas pronunciou um esplêndido discurso na inauguração da V Exposição, mostrando-se profundo conhecedor dos problemas e das coisas ligadas ao setor da produção no Estado de Minas Gerais





AO ALTO — O ato final da V Exposição foi a entrega dos prêmios aos proprietários dos numerosos produtos expostos. A foto reproduz um flagrante da cerimônia, vendo-se os ricos troféus em distribuição. No momento estava com a palavra o presidente da Associação Rural de Carangola, sr. José Larivoir Esteves. EM BAIXO — Outro flagrante do almôço íntimo com que foram homenageados o sr. Américo Giannetti e demais autoridades que compareceram à inauguração da V Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Carangola, cujas festividades oficiais estiveram suprimidas

Suprimidas as festas, evitadas as manifestações da alma coletiva consagratórias do certame de que tanto se orgulham os filhos de Carangola, ficou a performance técnica da V Exposição como a procurar, com os seus superiores resultados, suprir a ausência da alegria de outrora. Realmente foi impressionante a parada de valores que se descortinou ante os nossos olhos, pontificando o produto da terra, o fruto oriundo do trabalho consciente do homem da região. Êste foi um aspecto dos mais confortadores para os que procuram atingir um ponto predeterminado, quase o alcançando. Basta atentar para os índices verificados no Concurso Leiteiro. Concorreram 10 exemplares, sendo 5 da raça Holandesa, 2 da raça Guernsey, 2 Jersey e 1 mestiça, tendo a Campeã, "Serra-Veneza", produzido 94,700 klgs. em 3 dias de ordenha, também produzindo a maior quantidade de gordura, no total de 3,452, apresentando uma percentagem média de 3,64%. E' um notável resultado, que muito recomenda e eleva os métodos adotados pelo seu proprietário, o



O presidente da Associação Rural de Carangola fez o relato das atividades de um ano no setor agrícola e pecuário de Carangola, interpretando junto às autoridades presentes as justas aspirações e os anseios do homem do campo



EM BAIXO — Um dos fatos de maior sucesso da V Exposição de Carangola foi a exibição do bezerro "Regina-Fado", esplêndido produto da raça Holandesa Preta e Branca, que despertou enorme interêsse tanto entre os técnicos quanto no meio popular pelo seu extraordinário desenvolvimento e características raciais ostentados. Na foto vemos o sr. Américo René Giannetti, em companhia de técnicos e autoridades municipais, apreciando o belíssimo animal



O sr. Ruy Almeida, figura de projeção nos meios cafeeiros do País, visitou Carangola durante a V Exposição, em companhia de amigos. Na foto, vê-se s.s., que é carangolense de nascimento, agradecendo as palavras que antes havia proferido o prefeito Jonas Esteves Marques, durante o jantar oferecido aos ilustres visitantes, entre os quais também se encontrava o sr. Belo Lisboa, ex-secretário de Agricultura do Distrito. O sr. Ruy de Almeida, que é presidente do Centro do Comércio de Café e vice-presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, esteve em Carangola acompanhado dos srs. Nelson Brant Maciel, José Gomes Ribas e Henrique Veiga Giralves, os quais tiveram oportunidade de verificar o considerável surto progressista que vai pelo município, fielmente espelhado na notável V Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Carangola, recentemente realizada

fazendeiro Sebastião Rocha, porquanto "Serra-Veneza" conquista pela segunda vez consecutiva o campeonato leiteiro em Carangola, neste ano sobrepujando a produção havida em tôdas as exposições regionais da Zona da Mata mineira, inclusive a de Lopoldina, o adiantado centro criador de gado leiteiro. E Carangola, apenas há 5 anos, cuida do aperfeiçoamento dos seus rebanhos. Um notável resultado, repetimos. Além da volumosa produção de leite, a vencedora deu também grande quantidade de matéria gorda, o que não é comum acontecer com as vacas leiteiras. Na categoria das raças de porte médio, ou sejam Guernsey e Jersey, a vaca "Pardla



O fato culminante da V Exposição de Carangola foi o encerramento do Concurso Leiteiro, que marcou para a região encabeçada pelo próspero município um dos maiores sucessos ultimamente alcançados, superando os índices de produção de leite, no corrente ano, nas exposições da Zona da Mata, inclusive na de Leopoldina. A fotografia registra aquêle momento, vendo-se, em grupo logo após a pesagem, os srs. Sebastião Rocha, proprietário da vaca campeã do Concurso; Aluysio Esteves, técnico em lacticínios; o prefeito Jonas Esteves Marques; José de Paula, zootecnista; José Nascimento, criador, e José Larivoir Esteves, criador e presidente da Associação Rural do município de Carangola



"Serra-Pureza", vice-campeã leiteira da V Exposição de Carangola, que, com cria de 8 meses, ainda produziu a média diária de 29,300 klgs. "Serra-Pureza", que já foi campeã leiteira em Carangola, é da raça Holandesa Vermelha e Branca e pertence ao fino plantel da Fazenda da Serra, propriedade do grande pecuarista sr. Sebastião Rocha (Município de Tombos, Estado de Minas Gerais)

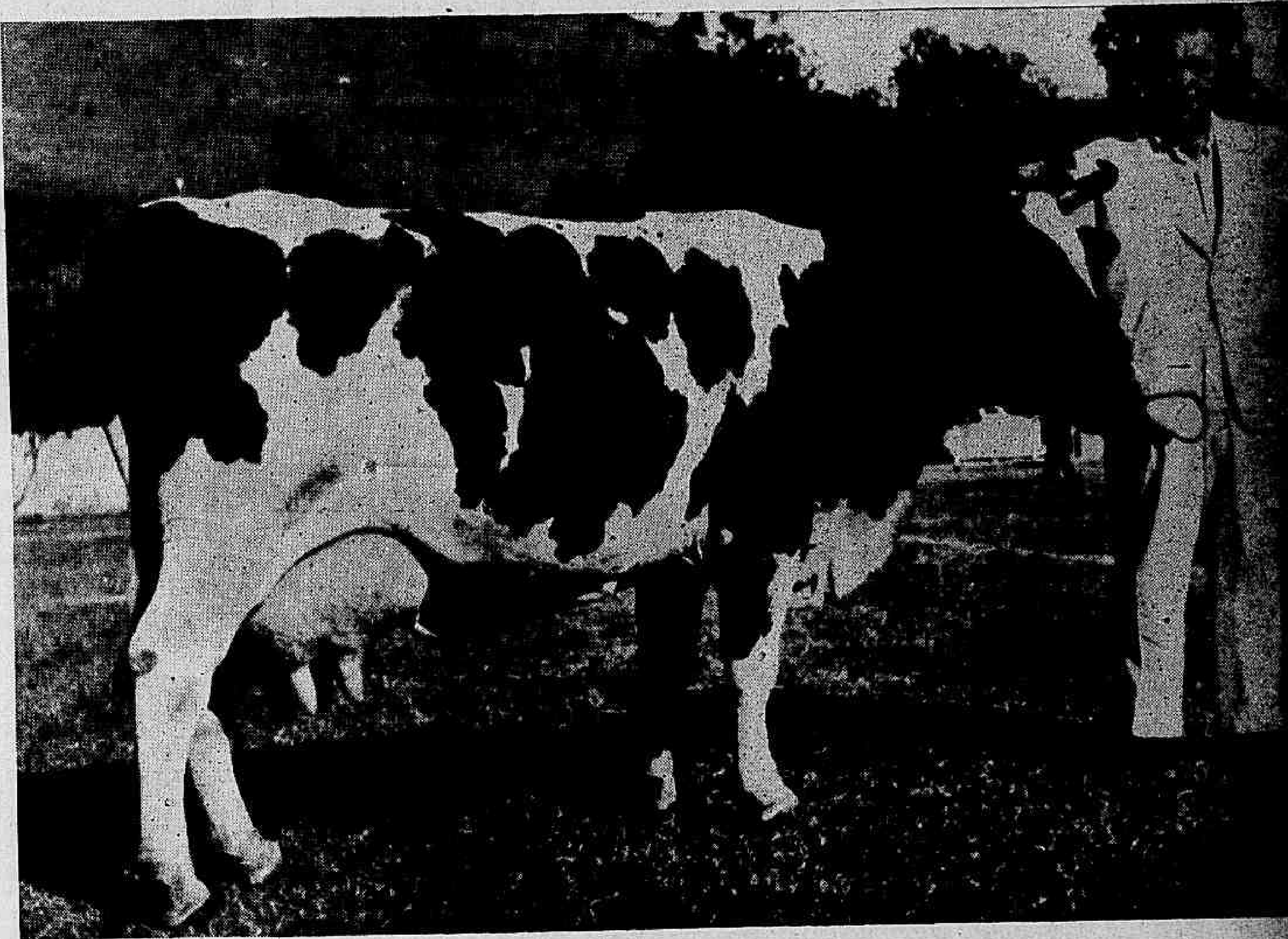


"Serra-Alba", Campeã da raça Holandesa Vermelha e Branca. Pura por cruzamento. Nascida em 6-1-47. Pai: Miltonia Campeão. Mãe: Serra-Granfina. Pertence à Fazenda da Serra, do sr. Sebastião Rocha. Município de Tomos, Minas Gerais

Troubadour", Jersey, do criador sr. José Nascimento. Esa vaca conseguiu uma produção verdadeiramente sensacional pela excelência dos três índices técnicos: quantidade de leite, quantidade de manteiga e teor de gordura. Em cotejo com mais 3 vacas, atingiu produção maior, batendo **records** notáveis, em quantidade — 64.700 klgs. —, em manteiga — 3,100 klgs. — e em teor de gordura — 4,79%, nos 3 dias de ordenha do concurso. Isto em duro confronto com as competidoras, que marcaram índices excelentes, como a concorrente "Alvorada-Andorinha", com 61,300 klgs. de leite, 2,900 klgs. de manteiga e 4,77% de teor de gordura.

Em conjunto, produziram as 10 vocas, nos dias do concurso, 708,150 klgs. de leite e 28,300 klgs. de manteiga, equivalentes a uma média diária de 23,605 klgs. de leite e 2,830 klgs. de manteiga. Para uma zona de criação recente e ainda na sua quinta exposição, nada de mais convincente e auspicioso se poderá desejar. Ainda com referência à campeã Jersey, a vaca "Pardla-Troubadour", podemos dizer que é um animal de tão notáveis qualidades a ponto de merecer um estudo zootécnico acurado por parte de um profissional especializado.

Êsse que aí fica relatado foi o fato culminante da V Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Carangola, a par dos índices raciais



"Serra-Veneza", Campeã Leiteira da V Exposição, com a produção média diária de 31,566 klgs., em 3 ordenhas, num total de 94,700 klgs. "Serra-Veneza" também foi Campeã de Matéria Gorda, com o total de 3,4527. O notável animal, que é da raça Holandesa Vermelha e Branca, alcançou assim o bi-campeonato de produção de leite em Carangola (48-49), conquistando para a Fazenda da Serra mais um invejável título a juntar-se aos inúmeros troféus já em seu poder



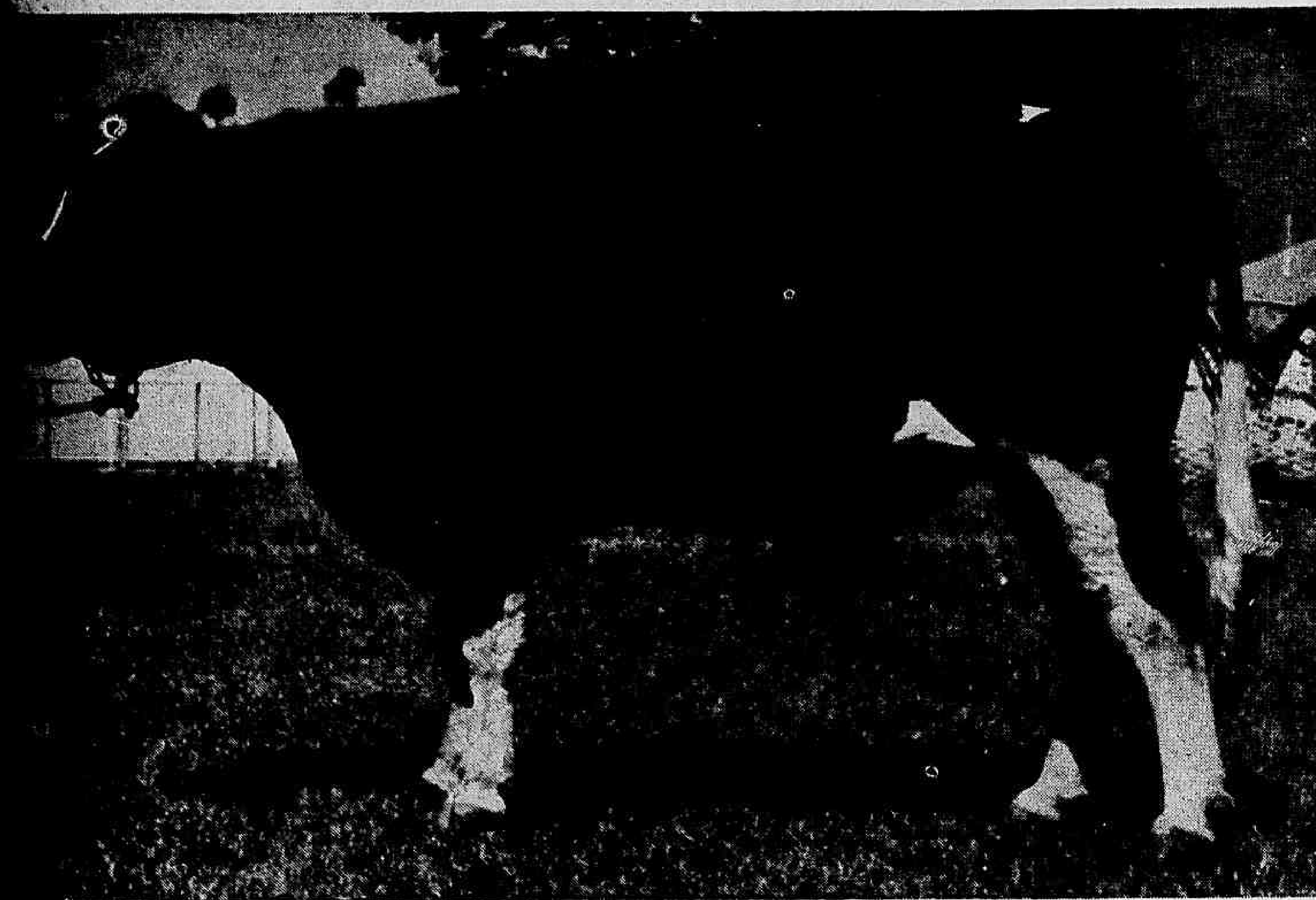
Grupo-família da raça Holandesa Preta e Branca que conquistou o 1º lugar na V Exposição, composto dos animais "Serra-Barão", "Serra-Estrêla", "Serra-Cocaína" e "Serra-Sedutora", filhos do touro "Bozumer". O esplêndido conjunto pertence ao acreditado plantel da Fazenda da Serra, do sr. Sebastião Rocha (Tombos, Estado de Minas Gerais)



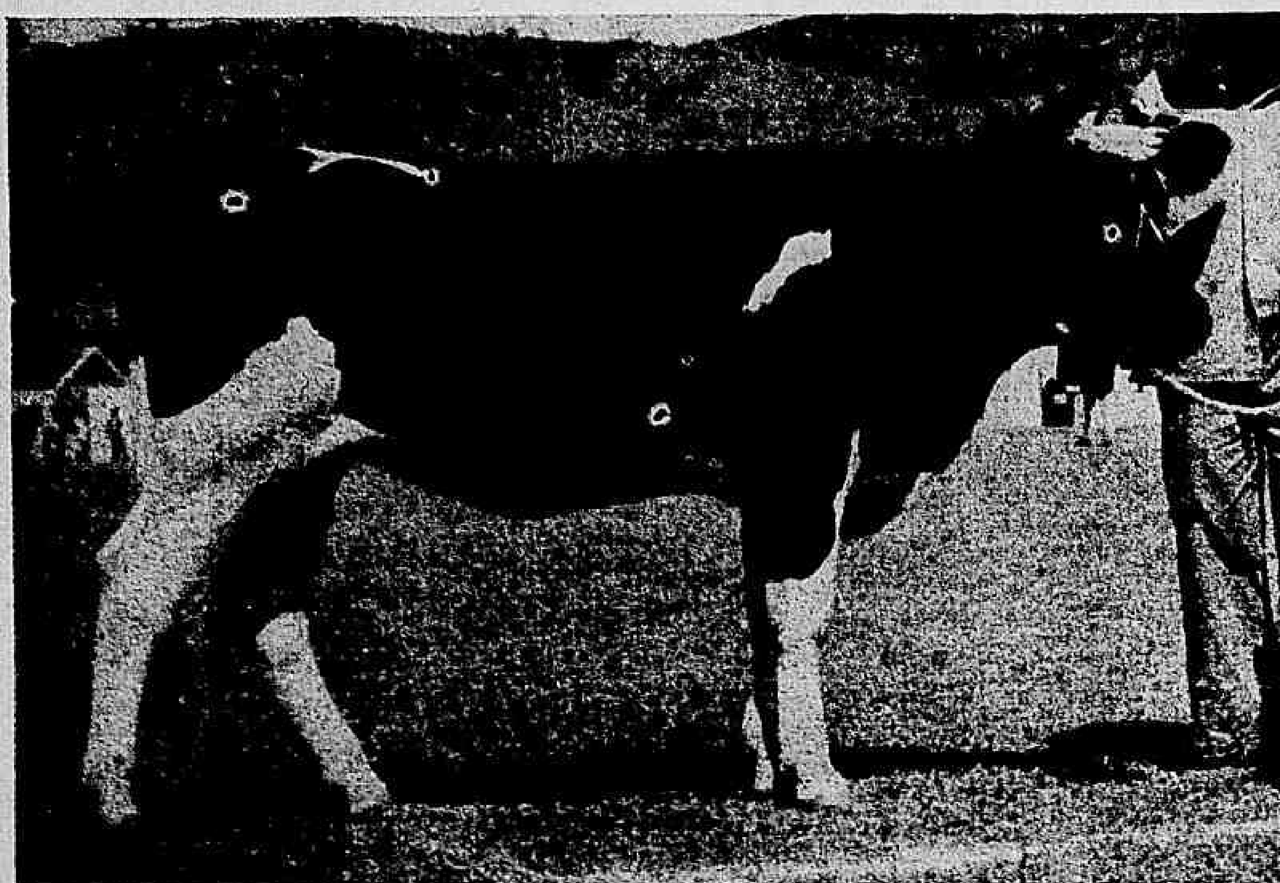
"Serra-Laguna", 1º Prêmio da raça Holandesa Vermelha e Branca. Pura por cruzamento. Nascida em 25 de dezembro de 1948. Pai: "Miltonia-Campeão". Mãe: "Serra-Mocinha". "Serra-Laguna" pertence ao menino Cláudio da Rocha Bastos, neto do sr. Sebastião Rocha, proprietário da Fazenda da Serra (Tombos, Estado de Minas Gerais)

ostentados pelos numerosos produtos expostos e apresentados em magnífica forma técnica.

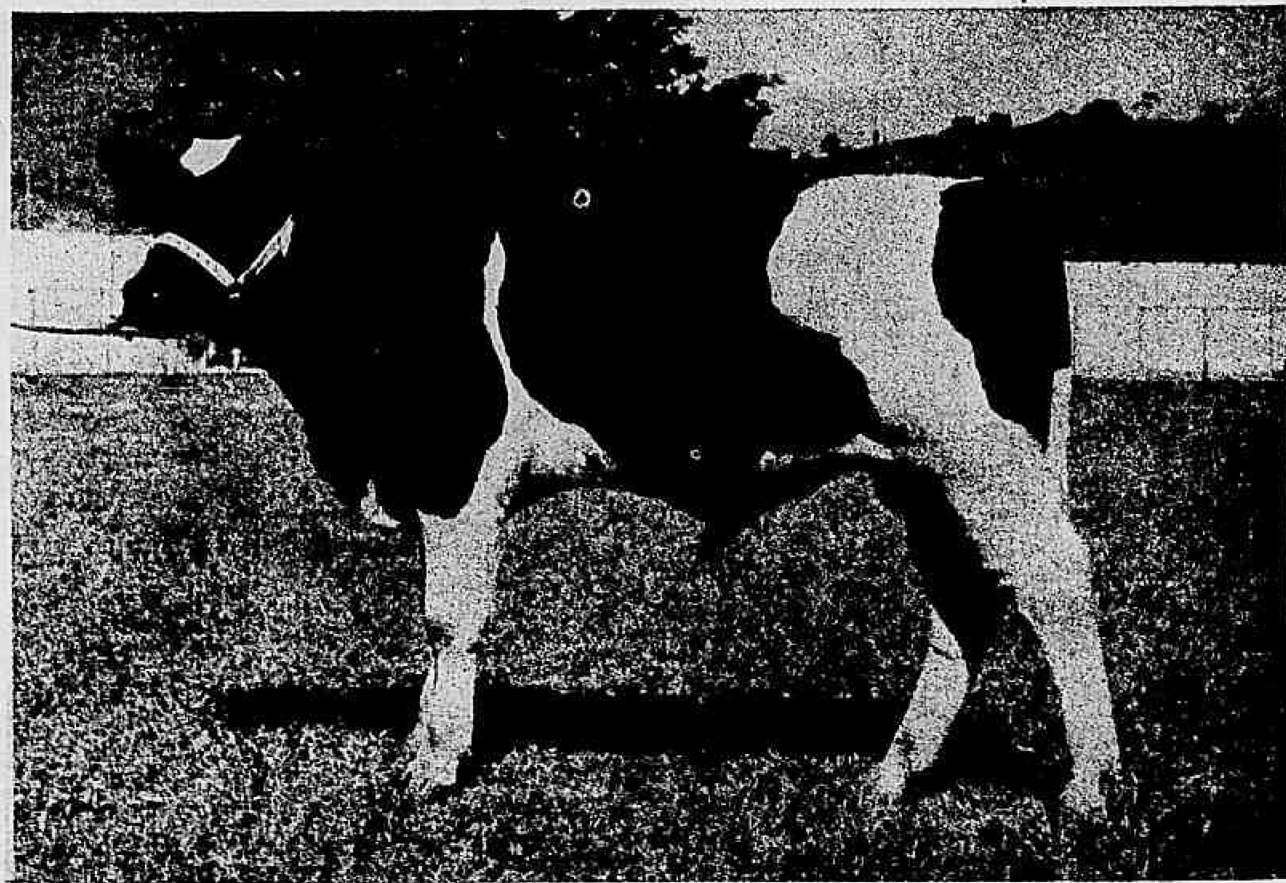
Mais uma vez brilharam as representações da Fazenda da Serra, com seus exemplares da raça Holandesa Preta e Branca e Vermelha e Branca, levantando o campeonato leiteiro, o campeonato feminino da raça Holandesa Vermelha e Branca, o campeonato junior da raça Holandesa Preta e Branca, de machos, e o 1º lugar no grupo de família da mesma raça, além de numerosos primeiros prêmios e outras colocações; da Granja Regina, conquistando o vice-campeonato de machos e o campeonato de fêmeas da raça Holandesa Preta e Branca, além do primeiro lugar no grupo de raça e outros primeiros prêmios e colocações secundárias; a Fazenda Alvorada, com o campeonato de fêmeas da raça Guernsey, primeiro lugar nos grupos de família e de raça, além de primeiros prêmios e outros; a Fazenda Santa Teresinha, com o campeonato de machos da raça Holandesa Preta e Branca; a Fazenda General, com os campeonatos de macho e fêmea da raça Schwiz; a Fazenda Paraíso, com o campeonato de fêmeas da raça Jersey. Êstes, que sempre foram os maiores premiados das exposições carangolenses, repetiram os feitos anteriores, em-



"Miltonia-Facundo", Reservado-Campeão e 1º Prêmio da raça Holandesa Preta e Branca da V Exposição de Carangola. Puro por cruzamento. Nascido em 13 de julho de 1.46. Tat. O.D. FDP-16 nº 3174 I.R.P.L. e registrado em Livro Fechado na A.B.C.B.R.H. nº 3-P pág. 193. Pai: "Lyrio-Itú", registrado na A.B.C.B.R.H. nº 100, A-2520. Mãe: "Miltonia-Boemia", registrada na A.B.C.B.R.H. nº 3943. Pertence ao fino plantel da Granja Regina, de Carangola, propriedade do criador sr. Jonas Esteves Marques, prefeito de Carangola, também laureado com a campeã da raça



"Regina-Duquesa", Campeã da raça Holandesa Preta e Branca. 1º Prêmio 15/16. Nascida em 21-7-47. Tat. O.D. KXQ-1 IRPL. Pai: "Miltonia-Franz". Mãe: "Regina-Meia Lua". Antes de alcançar o acmpeonato foi ela consagrada a melhor fêmea 15/16 da Exposição. A Granja Regina, de Carangola, à qual pertence a campeã, voltou a cumprir excelente performance neste certame, demonstrando seu rebanho leiteiro o melhor desenvolvimento



"Regina-Fado", da raça Holandesa Preta e Branca. Com apenas 5 meses de idade, foi, sem dúvida alguma, a atração máxima da Exposição, numa demonstração convincente das vantagens do aleitamento racional associado ao emprêgo do óleo de fígado de bacalhau, processo que o seu proprietário, sr. Jonas Esteves Marques (Granja Regina, município de Carangola), vem empregando com sucesso na criação dos seus bezerros



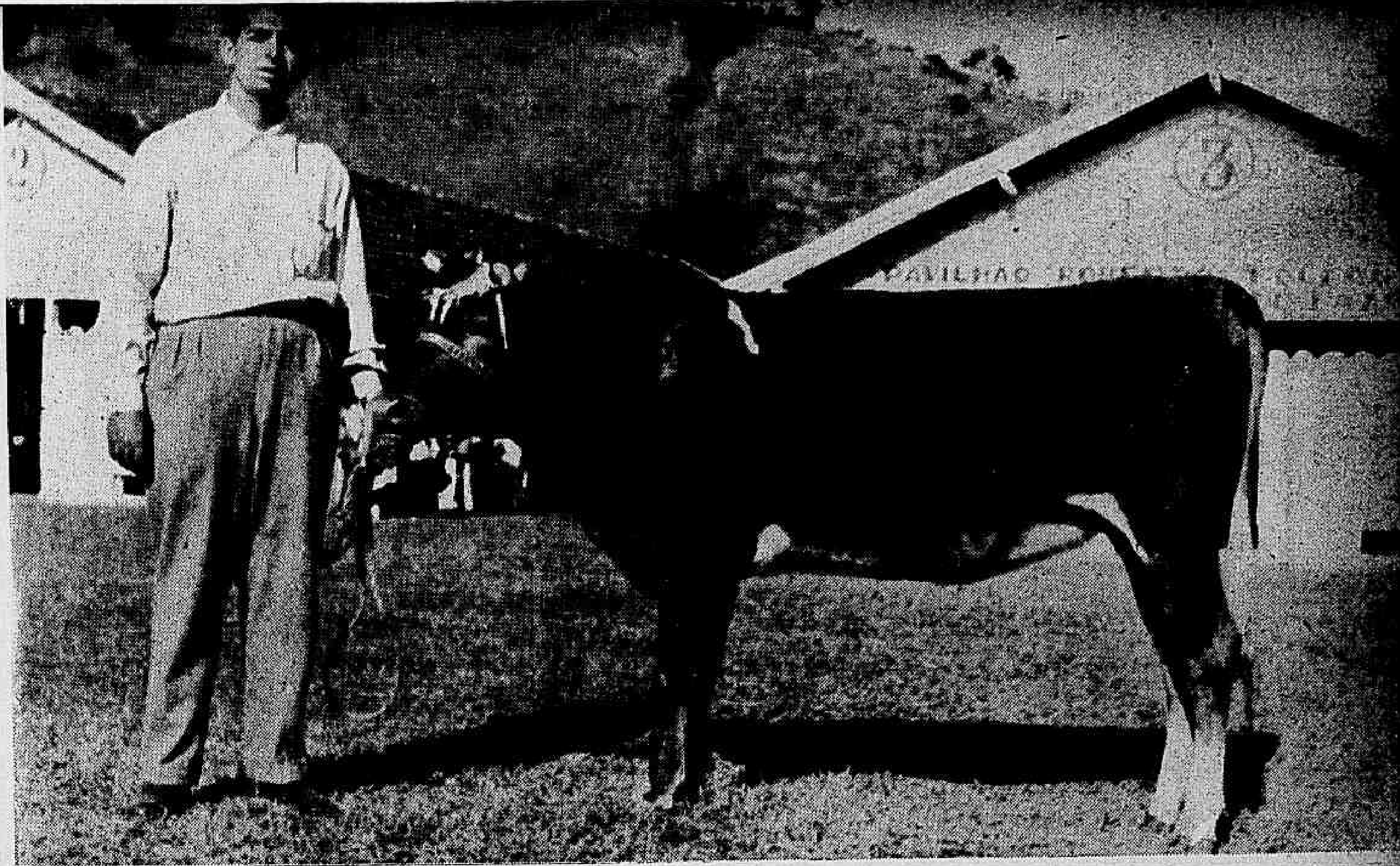
Conjunto da raça Holandesa Preta e Branca, 1º lugar na V Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Carangola, composto dos animais "Miltonia-Facundo", "Regina-Campina", "Regina-Cruzada" e "Regina-Cambuquira", que são vistos pela parte traseira. Pertence à Granja Regina, propriedade do criador sr. Jonas Esteves Marques (Carangola)

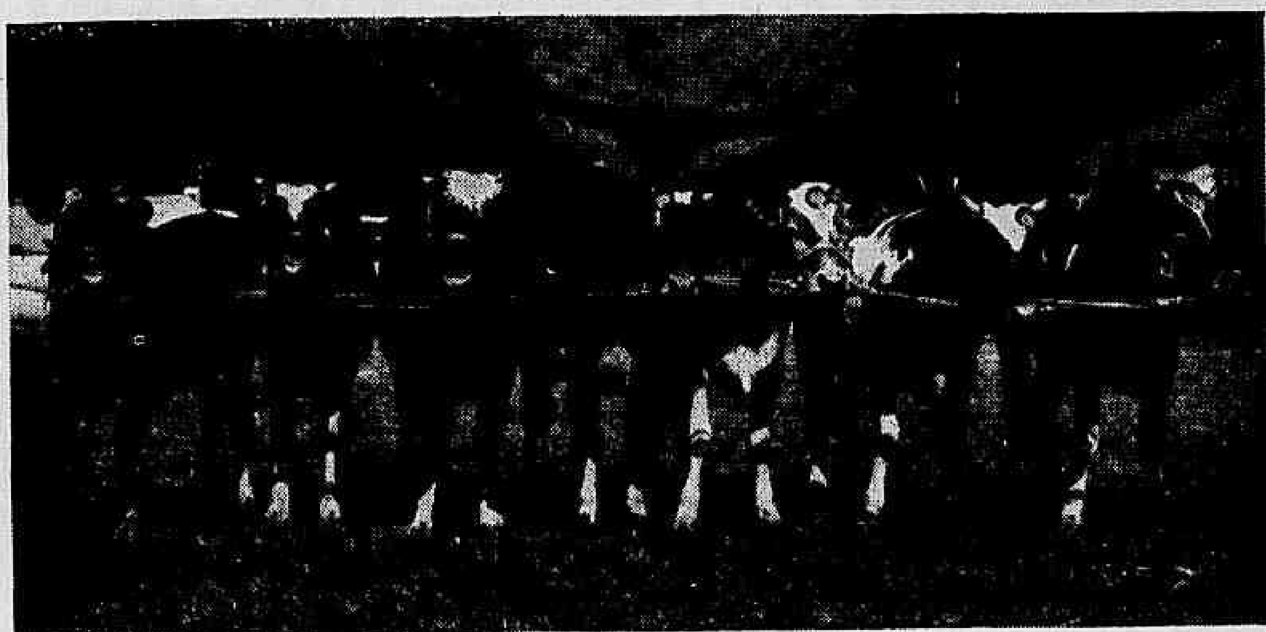


"Regina-Escoteiro", 1º Prêmio da raça Holandesa Preta e Branca na V Exposição. Puro por cruzamento. Nascido em 29-4-48. Pai: "Miltonia-Franz". Mãe: "Luziana-Janina". Tat. O.D. KXR-4 IRPL. Pertence ao plantel tantas vêzes laureado da Granja Regina, do sr. Jonas Esteves Marques, situada na sede do município de Carangola (Minas Gerais)

A DIREITA — "Alvorada - Biarritz", Campeã da raça Guernsey na V Exposição de Carangola. Pura por cruzamento. Nascida em 15-8-47. Tat. O.D. KRQ-5 IRPL. Pai: 'Manhú-Bacho". Mãe: "Pennsylvania-França". Pertence ao melhor plantel da Faz nda Alvorada, do sr. José Larivoir Esteves (Carangola). "Alvorada-Biarritz" está segura pelo jovem Maurício Marques Esteves, filho do seu proprietário. Registrada na Assoc. Bras. de Criadores de Gado Guernsey

bora outros criadores comecem a compartilhar das melhores colocações, reflexo sem dúvida do progresso sempre crescente da pecuária local. As amostras da agricultura estiveram em plano superior, aparecendo os produtos das plantações também em crescente fase de desenvolvimento. E embora a parte industrial sofresse êste ano um inexplicável descesso, tanto mais estranhável quanto é sabido que Carangola e municípios vizinhos possuem uma indústria florescente e próspera, reparo êste que não podemos omitir em face do aspecto nunca antes apresentado pelo Pavilhão Antônio Marques, embora isto, o conjunto da V Exposição foi uma vitória do trabalho organizado dos homens de Carangola, de Tombos, de Divino e Espera Feliz, espetáculo que, estamos certos, se repetirá, mais belo e grandioso, sem pausas nem retrocessos.







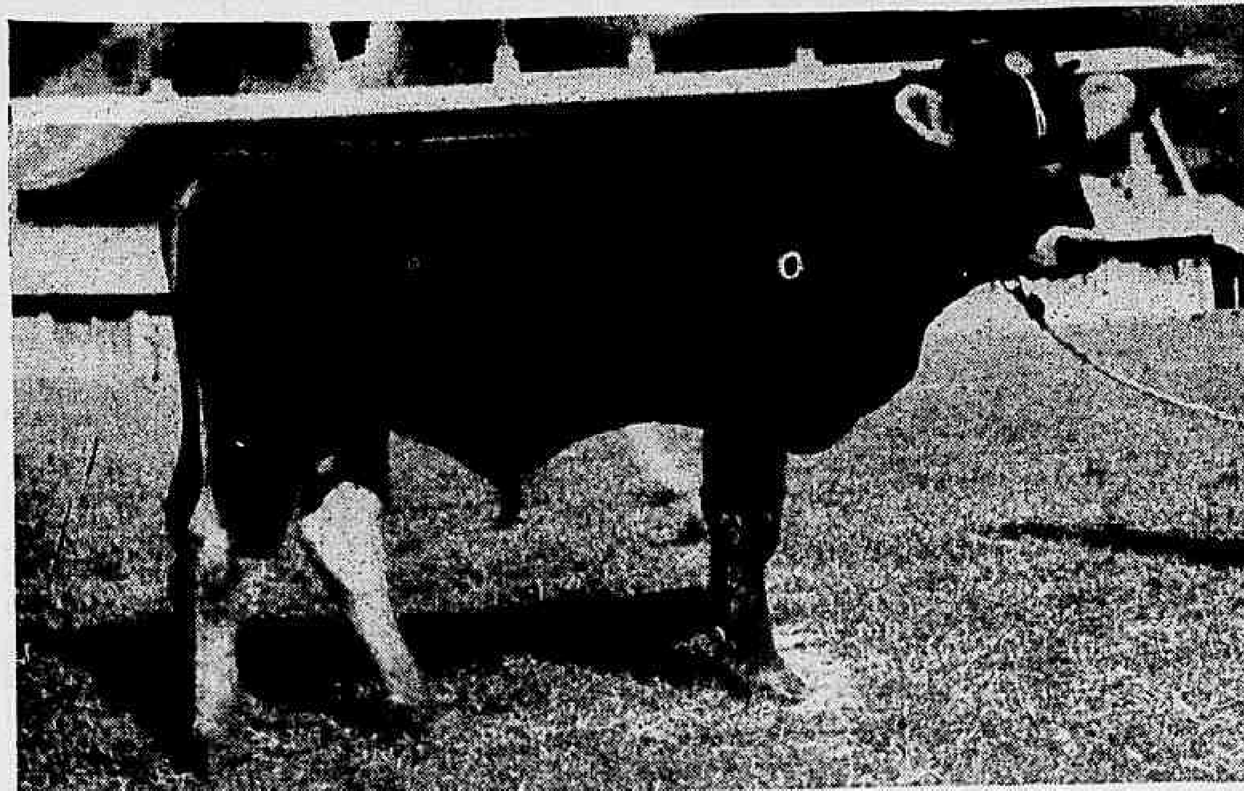
Esplêndido grupo de animais da raça Guernsey, liderado pela Campeã "Alvorada-Biarritz", que conquistou para a Fazenda Alvorada, do sr. José Larivoir Esteves, os primeiros lugares em conjunto de família e conjunto de raça. A Fazenda Alvorada vem de ano para ano aperfeiçoando o plantel dessa raça de leite gordo, com o qual tem obtido sucesso



"Paraíso-Aleluia", Campeã da raça Jersey na V Exposição de Carangola. Pura por cruzamento. Nascida em 3-9-943. Tat. ZCI 111.503. Pai: "Folião de Jacarepaguá". Mãe: "Aleluia". Pertence à Fazenda Paraíso, do sr. João Belo de Oliveira Filho (Carangola)



Grupo da raça Jersey, 1º lugar na V Exposição. E' composto dos animais "Paraíso-Banjo", "Paraíso-Barrosa", "Paraíso-Atriz" e "Paraíso-Maravilha". Nascidos e criados na Fazenda Paraíso, do sr. João Belo de Oliveira Filho, de onde saiu a Campeã da raça



"General-Remus II", Campeão Junior da raça Schwyz na V Exposição. Puro por cruzamento. Nascido em 15-7-48. Pai: "Remus". Mãe: "Peraoquena". Pertencente à criação dessa acreditada raça mista da Fazenda General, do sr. Carlos Hosken (Carangola, Minas Gerais), que alcançou diversos primeiros prêmios e outras colocações na V Exposição



"General-Alegria", Campeã da raça Schwyz na V Exposição de Carangola. Nascida em 30-4-947. Pai: "Remus". Mãe: "Miltonia-Alegria". A Fazenda General, de propriedade do sr. Carlos Hosken, à qual pertence "General-Alegria", laureou-se ainda com o melhor conjunto dessa raça na V Exposição Agro-Pecuário e Industrial de Carangola



Fotografia feita quando o sr. Nelson Silva pronunciava o seu discurso. Da esquerda para a direita estão os srs. dr. José Larivoir Esteves, comerciante e industrial; deputado Duque de Mesquita; juiz de direito dr. Barreto de Menezes; deputado Xenofonte Mercadante; prefeito Jonas Marques; W. Cifre e C. Durreel, representantes da International Harvester S. A.

A NOVA AGÊNCIA INTERNATIONAL DE CARANGOLA

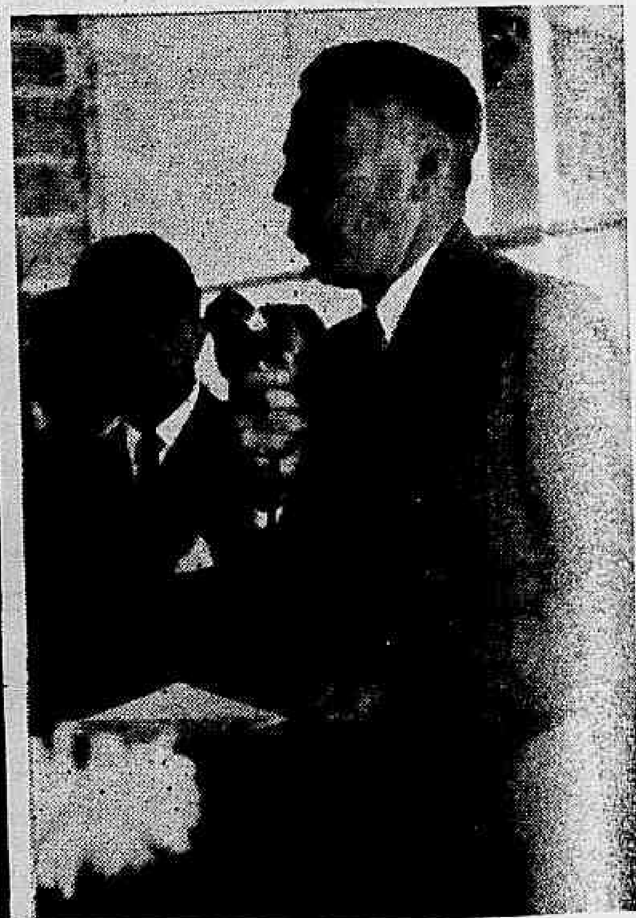
INAUGURADO ÊSSE GRANDE MELHORAMENTO NA PRÓSPERA CIDADE MINEIRA

No dia 14 de agôsto último teve lugar a inauguração da nova Agência International de Carangola, da firma Nelson Silva & Cia., representantes ali da International Harvester Máquinas S. A. Instalada em amplo prédio, convenientemente construído para os fins a que se destina, a nova Agência International, fruto do constante progresso de Carangola, deve-se ao espírito realizador do sr. Nelson Silva, secundado pelos seus sócios srs. Hercílio Hosken e Jayme Germano.

A inauguração compareceram os srs. W. Cifre e C. Durreel, representantes da International Harvester, que ali foram especialmente para assistir à cerimônia, prestigiando assim a esplêndida realização. Esteve presente grande número de autoridades, entre as quais o juiz de direito dr. Barreto de Menezes, o prefeito municipal sr. Jonas Esteves Marques, e convidados, inclusive senhoras e senhoritas da sociedade local. Após a bênção das instalações, falou o sr. Nelson Silva, historiando a criação daquela magnífica organização técnica e agradecendo o comparecimento de todos. Seguiu-se com a palavra o sr. W. Cifre, da International Harvester, que fêz entrega ao sr. Nelson Silva de um Diploma de Honra somente excepcionalmente concedido pela grande emprêsa aos seus concessionários, como uma prova da consideração que lhe merecem Nelson Silva & Cia. Por último falou o prefeito de Carangola, sr. Jonas Esteves Marques, congratulando-se com o sr. Nelson Silva e seus sócios pela inauguração da grande agência. Aos presentes foi servido "champagne" e fina mesa de doces e refrigerantes, havendo danças que se desenrolaram animadas.



O sr. Jonas Esteves Marques, prefeito de Carangola, ao fazer, em nome do município, a saudação ao srs. Nelson Silva & Cia.



Fala o sr. W. Cifre, da International Harvester, tendo em mãos o Diploma de Honra que depois entregava ao sr. Nelson Silva





A ESQUERDA — O rev. padre Daniel lançando a bênção sôbre as instalações da nova Agência International de Carangola. A DIREITA — Bela vista externa do conjunto da Agência, convenientemente instalada para a sua finalidade, que é a de comércio de caminhões e outras máquinas da afamada marca "International", oficinas e postos de serviço e abastecimento



BALLET DA JUVENTUDE ★ CHOPIN NA ÓPERA ★ RICHARD STRAUSS

DE ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

O Ballet da Juventude, reorganizado, está preparando uma temporada especial e reclama o concurso de "críticos, jornalistas, intelectuais, artistas, amigos e admiradores da dança", para a divulgação de seu repertório e elenco.

Sob a direção operosa e diligente de Sansão Castelo Branco, o conjunto conta com o maitre de ballet Pierre Krimow e anuncia, além de "Judas em Sábado de Aleluia" e "Ameno Resedá" e outras peças já conhecidas, algumas novas realizações. Entre os coreógrafos, encontramos os nomes de Vaslav Veltchek, Tatiana Leskova, Edy Vasconcelos, Pierre Krimow e Maryla Gremo.

APÊLO AO PÚBLICO

Sem amparo, sem verbas, o Ballet da Juventude resolveu apelar para a generosidade do público. Criou, então, a categoria de sócios contribuintes, reservando para êstes os seus espetáculos, numa organização semelhante à da Orquestra Sinfônica Brasileira.

Desta forma, pretendem os responsáveis pelo grupo garantir a base econômica indispensável para o desenvolvimento de suas atividades artísticas, enfrentando as despesas, com o apoio de um quadro social permanente.

Com o propósito de aumentar ainda mais o número de pessoas que já aderiram, o Ballet da Juventude nos pede que demos publicidade à nova iniciativa.

Realmente, é louvável essa tentativa, cujo objetivo cultural será manter uma associação destinada à organização de recitais de bailado, com o concurso de artistas — bailarinos e coreógrafos — de notória competência.



Chopin

CHOPIN NA ÓPERA

Não conhecíamos, ainda, a ópera, de Orefice, que estreou durante a atual temporada lírica, como contribuição de seus organizadores para a comemoração do centenário de Chopin.

Ressalvando as boas intenções dos que promoveram essa homenagem, devemos confessar que o tributo não foi muito adequado.

Arranjo de melodias de Chopin, realizado com muita habilidade, a partitura é o resultado um tanto descosido de esfôrço, a nosso ver, mal aplicado. Por que essa mutilação, sistemática e bem organizada é verdade, porém constrangedora, de algumas das mais belas páginas do mestre polonês? Preferiríamos ouvir o Chopin autêntico e não Chopin partido em pedacinhos, orquestrados e encaixados num mosaico musical. Fragmentos de peças famosas evocam as obras, de que provêm, e inspiram saudades...

Ouvindo êsse Chopin desfigurado, lembramos o incidente ocorrido, certa vez, envolvendo Liszt.

Pianista de uma técnica prodigiosa, Liszt quis homenagear Chopin, interpretando, à sua maneira, uma sonata dêste compositor, que estava presente. Mas não esqueceu de fazer as costumeiras interpolações para exibir sua agilidade ao teclado. Terminada a execução, ouviu, com surprêsa, um veemente protesto. "Só Chopin pode alterar Chopin!", disse êste.

E que diria Chopin do "presente de grego" de Orefice?

Não foi feliz, na verdade, a companhia lírica na sua iniciativa. Mas não se pode dizer que não tenha preparado, com muito cuidado, essa récita, confiando os principais papéis da ópera a cantores como a nossa sempre admirável Sá Earp, o barítono Paulo Fortes, em perfeita forma, e Américo Basso, cantor seguro. E citamos apenas alguns dos elementos nacionais que integraram o elenco selecionado.

RICHARD STRAUSS

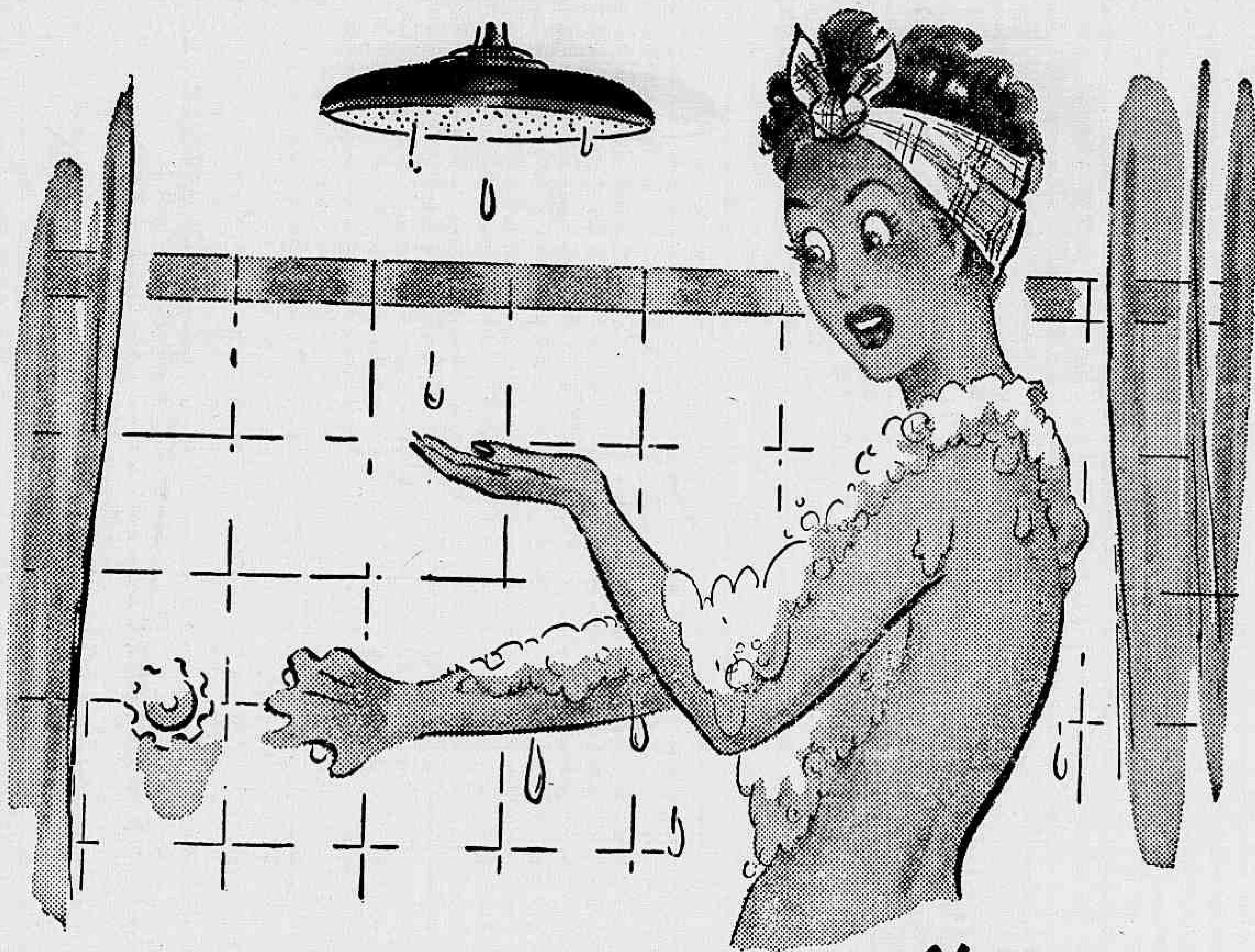
Faleceu, na Alemanha, Richard Strauss. Sua obra valiosa, como compositor, representa, na definição de um crítico, uma invasão romântica no agitado panorama da música contemporânea.

Ligado à influência wagneriana, Richard Strauss trouxe, como contribuição própria, elementos novos que permanecem vivos nos seus poemas sinfônicos, nas suas óperas, nas suas canções.

Há muito desligado do constante movimento das tendências mais modernas, êle construiu, com poderosa e fecunda inspiração, um momento musical que, não obstante a sua concepção em moldes antigos, trai inquietações bem típicas dos nossos tempos. Mas é impossível negar o sôpro romântico de uma "Vida de herói" ou "Morte e transfiguração", por exemplo.

A fôrça de suas principais realizações, contudo, há de conquistar-lhe um lugar acima das escolas, como valor permanente numa arte que honrou em sua longa e laboriosa carreira.

A morte de Richard Strauss recolhe, assim, às páginas da história da música uma figura que ali tem garantida uma posição importante e gloriosa.



Está faltando o melhor...

quando falta às suas refeições

MALZBIER DA BRAHMA



Faltou um alimento básico à sua refeição?... Então, enriqueça-a com Malzbier da Brahma. Rica em malte, Malzbier da Brahma completa seu almoço... melhora seu lanche... e reforça seu jantar. Um copo de Malzbier da Brahma tem o mesmo valor energético de um ovo de granja ou de um bom bife. Ligeiramente adocicada Malzbier da Brahma é a cerveja preferida em todos os lares. Não deixe, pois, faltar o melhor à sua refeição... o melhor em sabor e o melhor em prazer: a nutritiva Malzbier da Brahma.

EM GARRAFAS E ½ GARRAFAS

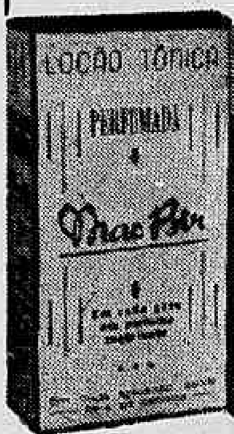
PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA S. A. B. — RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — CURITIBA — PORTO ALEGRE — P. FUNDO

Record 3221

Pasta Dentifrícia S.S.WHITE

O DENTIFRICIO INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES

Para a saúde e a beleza dos seus cabelos!



LOÇÃO TÔNICA MAC BIR

Um produto cientificamente preparado

A LOÇÃO TÔNICA MAC BIR é o mais poderoso revitalizador capilar. Medicinal à base de vegetais, seu uso constante é uma **garantia de saúde** para o couro cabeludo, eliminando a caspa e a seborréia, evitando e detendo o **embranquecimento** e a queda dos cabelos!

À venda nas boas farmácias, drogarias e perfumarias — Preço Cr$ 35,00

Atendemos também pelo Reembôlso Postal

1 VIDRO Cr$ 40,00 - 3 VIDROS Cr$ 100,00

6 VIDROS Cr$ 192,00 - LIVRE DE PORTE

Pedidos à

Caixa Postal 4.272 - RIO - D. F.



LYTOPHAN

SERÁ ISTO EXISTENCIALISMO?

(Cont. da pág. 27)

Morgan. Tem mesmo vocação pela arte dramática e a ela voltará logo que puder. E como já estava na hora do almôço, nos pôs água na bôca dizendo que fizera um curso de cozinha e que a sua especialidade era o "Risotto alla Milanese". Depois de ter trabalhado no "Salle Pleyel", em Paris, e como modêlo em "atelier" de costura "para ganhar el dinheiro" conforme ela mesma escreveu no meu caderno de notas, estava no "Lido" quando foi descoberta por Walter Pinto e para cá veio, unicamente pelo desejo de conhecer o Brasil. Tôdas disseram mais ou menos a mesma coisa, pois o que elas ganham é insuficiente para as muitas coisas que desejariam comprar e as muitas maneiras de se gastar que aqui existem.

A primeira impressão do Rio foi desagradável, pois havia cerração e estava fazendo um calor insuportável. Estranharam muito o meio e a modalidade da vida aqui nos trópicos. Já agora estão encantadas com a Cidade Maravilhosa e com os cariocas, temendo não sobrar tempo bastante para conhecer tudo. Já fizeram muitos passeios, gostariam de visitar o interior e pretendem se inteirar de tôdas as características do Rio. A respeito da música e dos ritmos brasileiros revelaram uma coisa interessante! O samba já chegou em Paris e goza de uma certa popularidade, porém, sofre uma adaptação ao meio e à maneira de sentir a melodia e a dança de acôrdo com o espírito francês. Tanto assim que quando chegaram e assistiram ao samba carioca, disseram: — "Os brasileiros não sabem dançar o samba". Por aí, imaginem os leitores como deve ser diferente, lá no exterior, êsse produto afro-luso-brasileiro. Apreciaram imensamente os ritmos nacionais e querem levar verdadeiras discotecas da nossa música popular e folclórica na viagem de volta à França.

Interrogadas sôbre as revistas teatrais apresentadas em Paris, disseram que elas são bastante diferentes. Há maior número de trechos musicados e dançados e, consequentemente, menor de prosa. Fizeram questão de frisar que as revistas, na França, são menos ousadas do que o congênere brasileiro. Aqui, especialmente nos monólogos, diálogos, enfim, nos números de prosa, acharam malícia de mais, um pouco ostensiva mesmo, coisa que a platéia de lá não aceitaria com bons olhos. Isto tratando-se de um teatro de primeira ordem, pois no "bas-fond" tudo é permitido.

Em Paris faz-se uma seção diária e duas aos domingos, e as artistas de teatro musicado, inclusive as que executam números de nu artístico gozam de maior consideração por parte da opinião pública.

E assim chegamos ao final da reportagem. Garantimos aos leitores que foi dito tudo o que soubemos e que o material fotográfico está quase todo aí. O que sobrou não serve nem para aumentar as coleções das "boas" nas galerias em quarto de rapaz solteiro, nem para descansar nos arquivos da "Revista".

Também, penso que mais do que isso seria avançar o sinal...

A VIOLÊNCIA NO CINEMA INGLÊS

(Conclusão do número anterior)

No entanto, há um instante em "O pior dos pecados" onde se sugere uma sobra de piedade por êle. E' um assassino e o chefe de um bando de poderosos trapaceiros. Mas através da fachada inexpressiva da sua dureza, o filme nos faz entrever por um instante o rapaz que tem noção de que é um "fora-da-lei" entre os outros homens. Há um encontro entre Pinkie e o chefe de uma quadrilha rival, uma personalidade afavelmente insolente, com tôdas as vantagens da experiência, da idade, do conhecimento das coisas do mundo; e repentinamente nos apercebemos da sombria repugnância do rapaz pela sua própria inferioridade.

Quanto ao resto, "O pior dos pecados" se compõe de ação e sugestão sinistras. A primeira sequência apresenta o assassínio de um homem a quem Pinkie e sua quadrilha haviam responsabilizado pela morte de um dos seus elementos. Dessa ação inicial a história procede com uma inevitabilidade assustadora; numa tentativa de libertar-se de testemunho contra êle, Pinkie primeiro casa-se com a moça que, se quisesse, poderia denunciá-lo. Depois tenta planejar sua morte; à medida que luta para libertar-se a si mesmo da suspeita, afunda sempre mais no perigo; denuncia um dos seus sequazes à quadrilha inimiga, somente para chegar à conclusão de que está cada vez mais inimizado com todos; pratica um segundo crime, só para se aperceber de que fortaleceu as provas do primeiro.

A todo momento a encenação descritiva do filme alveja uma brutalidade e um desespêro nunca completamente declarados. No hipódromo, uma quadrilha cerca um elemento inimigo isolado; fechando-o num círculo, como o lôbo o faz com a ovelha perdida do rebanho, os bandidos investem contra êle, cortando-lhe as mãos e o rosto a navalhadas; a câmara se projeta sôbre o homem aterrado; vemos-lhe a expressão de medo intenso e desesperado, depois os bandidos sôbre êle, apertando-o em círculo, a fúria do ataque; exatamente como poderia ser visto por um espectador estando a meia distância. Não há uma vista mais íntima de violência, somente a confusão de figuras e vozes. A quadrilha de Pinkie vive numa sórdida pensão: a câmara focaliza uma escada escura, um patamar, um quarto empapelado, uma armação de cama de ferro; o pormenor é escasso, mas a sugestão de degradação é muito generosa. Há economia, também, no esbôço dos caracteres: o bêbedo e corrupto advogado que olha para os seus antigos alunos, o rapaz Pinkie com sua fisionomia impassível continuamente ocupado em armar "cama-de-gato" com um pedaço de barbante.

No entanto, o que empresta a "O pior dos pecados" sua especial qualidade de pesadelo é o emprêgo do **back-ground**. O período é entre as duas guerras mundiais, quando o esporte favorito era o de tentar reconhecer, por uma fotografia mal impressa de jornal, um homem cuja preocupação era a de esconder-se aqui e ali; aprisioná-lo e receber depois a gratificação. A primeira sequência do filme mostra o homem chegando a Brighton: ali o vemos vagando pela cidade, em direção ao abrigo de mendigos. Repentinamente encontra-se frente a frente com a quadrilha de Pinkie: é a prêsa que procuravam, o traidor do companheiro morto; e a perseguição tem início, contra o fundo de um movimentado dia feriado.

O homem tenta escapulir entre a multidão; e vemos a multidão de um dia de verão em Brighton. Corre por uma rua e dirige-se para uma passagem estreita. E quem quer que seja que conheça Brighton reconhecerá essa ruela, onde se reúnem todos os antiquários; mais além, através das grades de ferro, o trem passa apitando: é a estação de Brighton. Vê-se o fantástico pavilhão construído para George IV; as lojas ao longo do passeio, os pequenos quiosques defronte do mar. Tudo é perfeitamente real e verdadeiro: aí está Brighton, que dista uma hora de trem de Londres, onde qualquer um pode passar o seu fim-de-semana ou ir gozar as delícias de um piquenique. E apesar de nos sentirmos no real, no conhecido, presenciamos e tomamos conhecimento de crimes fantásticos e ignorados. O contraste entre os acontecimentos e o **background** é ampliado pelo trabalho da câmara. Há muito pouco da tensão dramática, do uso das sombras angulares e dos violentos **close-up**, que constituem a base comum do **thriller**. A fotografia é deliberadamente rude e fria; aqui, parece significar, está a realidade, não a ficção. As passagens mais brutalizadas são geralmente vistas na dimensão média e comum do **mid** ou **close-shot**, antes que no exagêro do **close-up**.

Agora, algo sôbre a interpretação. Os irmãos Boulting, que fizeram o filme, deram sem dúvida grande atenção à escolha do elenco. Richard Attenborough como Pinkie, William Hartnell como seu lugar-tenente, Hermione Baddeley como a emotiva da **troupe**, cuja robusta curiosidade a faz parecer uma espécie de Nemesis — eis três trabalhos admiravelmente equilibrados. Mas a qualidade de interpretação desta talentosa película — cujo desenvolvimento não está na violência, mas na aversão da violência — está mais no pequeno pormenor do que na interpretação básica: no espectador, o fanático das corridas de cavalos, a moça que chora no cais. De fato o cinema britânico alcançou finalmente o píncaro da técnica da personagem de **back-ground**, da qual Hollywood foi adepta por longo tempo. E como resultado, "O pior dos pecados" permite à audiência vislumbrar o molde multiforme e complexo que é a face da vida em que nos agitamos.



LABORATORIO — Rua Souza Dantas nº 23
Pedidos pelo Reembolso Postal — Rio de Janeiro

VIVER COM AMOR

(Cont. da pág. 56)

Ouvindo aquelas palavras de Carol, Scott ficou, por uns instantes sem compreender bem o sentido das mesmas. Depois perguntou-lhe:

— Por quê? Que quer você dizer?

— E' que irei encontrar-me com Freda em Nova York. Por lá ficarei durante longo tempo.

Visivelmente excitado e embora temendo dizer alguma coisa de mais, êle tornou:

— Eu estarei... Estarei esperando por você quando voltar. Quero dizer... Eu estarei esperando por você... Eu...

Não terminou a frase. Carol, como se percebesse o que êle ia dizer, interveio:

— Por favor, não termine o seu pensamento, Scott. Nada diga agora, por favor!

Dias depois, estava Carol ao lado de sua amiga Freda a almoçar no luxuoso salão de refeições de elegante hotel de Nova York. O local era dotado de todo confôrto e não dava aquela impressão comum de manicômio quando muita gente, de várias raças, idades e procedências se reune e faz barulho. A música era suave e os garçons se movimentavam discretamente entre as mesas. Carol e sua amiga ali estavam anonimamente, cada qual trajando à sua moda em matéria de vestidos e chapéus.

Elas estavam em Nova York já havia quatro dias, depois que Freda foi ao acampamento ver o jovem Ian, seu filho. Inesperadamente, soube Carol que, após aquela desagradável cena provocada por Dee, seu marido, Johnny, indignado com êsse ato da mulher deixara sua casa e fôra morar num quarto de hotel da cidade de Clinton, sòmente retornando ao seu lar depois que a espôsa reconheceu que havia errado, mostrou-se arrependida e em lágrimas, pedindo-lhe perdão e prometendo apresentar desculpas a Carol.

Por sua vez a divorciada, após o escândalo em casa da família William's, onde se realizava a festa íntima, ficou doente de vergonha, e disposta a sair de Clinton para sempre, não desejando voltar ali de maneira alguma. Sofria sòmente em pensar que a sorte ainda a faria residir ali.

Quanto às desculpas de Dee, isso lhe parecia juntar um insulto a uma injúria. A ofensa fôra feita diante de tôda uma sociedade e nenhuma prova de arrependimento iria apagar de seu espírito aquela mancha indelével. Onde estiveram seus amigos?. Sòmente de Freda e Scott recebeu manifestação de solidariedade, e, entre os dois, Freda era a verdadeira e sincera.

Freda, acende um cigarro e sorri. Sorri como quem está para dizer alguma novidade. E fala:

— Olhe, Carol. Por detrás de você está um homem que come e olha muito para você. Não olhe agora, pois teria que dar meia volta inteira, para poder vê-lo.

Carol se mostrou interessadíssima. Seus olhos saltitaram nas órbitas. Instintivamente ela perguntou em voz baixa:

— E'... Clive? E' êle?...

— Não, querida. Deve ser aquêle velhote companheiro de bordo de quem me falou você. Não pode deixar de ser pela descrição que me fêz você dele. Seu aspecto não parece agradável. Caso se trate dele, porque você não se dá a conhecer e diz que está aqui?

— Bem... Por que não? — disse Carol como que respondendo sem maior meditação. Em seguida completou: — Eu estava no propósito de tomar o próximo trem para Clinton...

Freda fêz um gesto de nervosismo com os ombros. E respondeu:

— Bom, se é isso o que você quer fazer... — em seguida falou referindo-se ao seu filho: — Não sei se Ian vai sentir-se feliz no acampamento de verão dêste ano. Quando eu lhe disse adeus, sentia-me forte, uma brava e corajosa mãe a despedir-se do filho. Mas eu tive vontade de chorar. Parecia-me tão pequenino e tão só! Tive até vontade de agarrá-lo e trazê-lo para casa. E' o seu primeiro período de independência. Gostaria de saber como se sente êle, como se sentem os rapazes quando estão num campo de treinamento militar... Você não pode imaginar, Carol, o que é êsse exercício de maternidade... Muito fácil de conversar-se sôbre o amor materno, mas muito difícil de mantê-lo, de sofrer-lhe as crueldades.

Tornando a olhar para o cidadão que não deixava de olhar para Carol, Freda sorriu abafadamente e voltou a advertir a amiga:

— Olha... O tal cidadão que está atrás de você continua a mirá-la como se estivesse a reconhecer a filhinha que perdeu há tanto tempo!

Carol estava ansiosa para desvendar êsse mistério. Mas, como não podia virar-se, o que daria a entender ao senhor que elas estavam a falar dele, ficou firme, suportando o suplício.

Freda lhe deu uma esperança:

— Olha, criatura. Você poderá vê-lo perfeitamente quando nos levantarmos. E creio que você vai ficar lisonjeada, minha querida.

Carol não se conteve e, em tom de brincadeira, censurou a amiga:

— Freda, você está com ursada comigo. Êsse tal que está a olhar-me deve ser Clive... e deve ter sabido que estávamos aqui.

— Não, tola. Verdade que muito desejaria que você e Clive se encontrassem aqui. Muito gostaria que você tivesse o seu amado em Nova York, agora. Deve ser muito excitante possuir um amor neste lugar, com essa música, êsses encantos, coisa que jamais você esqueceria. Quando eu digo, às vêzes, ao nosso Ian que cai de amôres por seu pai num ambiente assim, sob o fascínio da música, êle não se mostra muito entusiasmado e acha que isso é pueril... coisa do passado... Mas acha até graça, divertido. Para a mocidade de hoje os tempos românticos de seus maiores nada valem diante da maneira por que êles amam e sonham. Só êles é que sentem afetos. Procuro então provar ao meu rapaz que a natureza humana não muda. O que muda é a maneira de amar.

— Mas a gente também muda, Freda... — murmurou Carol um tanto melancólica.

Continua

TORMENTA

(Cont. da pág. 10)

Marciana não se surpreendeu com essa declaração de hostilidade.

— Você nem deve dizer isso, meu filho. O doutor Silva é amigo do coronel, é amigo do papai...

— Mas não gosto.

— Está bem. Mas faz de conta que você gosta, viu? Não se fala mais nisso. Vai estudar agora.

Seu dia não estava começando bem. E não era de hoje que se vinha assustando com certas coisas que não eram só os aborrecimentos do marido. Êle bem que tinha razão. Tudo ali estava mudando. De tão boa, de tão tranquila a vida da fazenda, agora cada dia era uma novidade, todo dia uma novidade...

— Mundico, vai estudar!

Presentia até um certo perigo e tinha medo. Mas era preciso não desanimar o Jerônimo, era preciso fazê-lo manter a calma e não deixar o coronel desconfiar de nada...

— Mundiiico!

— Tô indo, mãe!

De tardinha Jerônimo trouxe a notícia: o moinho novo funcionou bem e com isso terminaram os trabalhos da campina. O coronel estava radiante!

— O velho até parece o Mundico quando ganha presente — comparou o caboclo com uma risada. — Dis'que esteve aqui com o doutor.

— Esteve. Tomaram café com bôlo.

— E sabe da nova?...

Jerônimo aproximou-se da mulher, puxou-a pela cintura e disse-lhe:

— O coronel vai dar um festão na fazenda!

Tal a ingenuidade do seu contentamento que não percebeu a expressão de susto que perpassou num átomo o olhar de Marciana.

— Um baile de terreiro, minha velha! — acrescentou, jubiloso. — Há quanto tempo, hein? Ah! Ah! Ah!

Repentinamente refeita, Marciana pôde corresponder à alegria do marido e rodopiou com êle pela sala, rindo e cantando. À noite conversaram a sério sôbre a festa. Ela devia fazer um vestido novo. E êle? Não precisava. O terno novo que tinha ainda servia. Depois... decerto que iria tocar mais do que dançar. Ainda era o melhor violeiro da zona! Sentado na soleira da porta, como de costume, dedilhava a viola.

— Até parece qu'ela descostumou...

Feriu as cordas do instrumento e executou uma valsinha. Mundico enfurnou a cabeça no colo da mãe. Amâncio desta vez não veio. No dia seguinte Jerônimo foi à casa da fazenda para receber ordens e ali sòube que iriam todos bater morros depois do dia da festa.

— Quer dizer que agora você tem que ir p'ro lado de lá? — indagou Marciana.

— E' a vez. O pessoal veio cá me ajudar, e agora eu vou p'ra lá ajudar a limpar pasto e cortar pau.

— — P'ra quê?

— P'ra reforma da casa, do curral, da seva, de porção de coisa.

— E p'ra isso precisa ir todo mundo?

— O doutor Silva dis'que assim vai mais depressa.

As filhas do coronel ajudaram a preparar a festa e no dia vieram com elas várias moças e alguns rapazes da cidade. A noite favorecia. Havia luar. Já vestido, e enquanto esperava a mulher e o filho, Jerônimo quedou-se, debruçado na janela, de olhar voltado para os lados da campina. Lá estava sua terra feito coisa estranha. Raios de luar relampejavam na corrente do riacho novo, mas as flores que outrora perfumavam a noite engalanada tinham morrido; outras nasciam timidamente pelos sulcos da vegetação podada, e troncos mutilados se erguiam como espectros na solidão prateada. De longe em longe um trinado de saracura perpassava o coaxar de batráquios. Defronte à casinha a sombra das plantações avançava. O caboclo crispou a fronte sob o domínio de uma an-

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 28 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº .....

CIDADE .... ESTADO..........

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00



Manuscrito de Sursén

é o grande romance do escritor ALIES A. MUCHAILI MÉREB

Uma das mais antigas histórias publicada atualmente. História de um príncipe que, depois de moço, soube que seu pai fôra assassinado por um traidor, que se apoderou do trôno.

Muito lutou contra o regicida; mas, por fim, graças à sua coragem, inteligência e a uma encantadora jovem, vingou como jurara.

HEROISMOS
AVENTURAS
SOFRIMENTOS
AMÔRES

Sôbre-capa muito bonita — Cr$ 25,00

Peça hoje mesmo o seu exemplar pelo Reembôlso Postal a:

DOMINGOS CALIXTO & FILHOS

Caixa postal 18
PINHALÃO — PARANÁ

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95
TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO, que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE, USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor

(Exigir a embalagem verde)

E LEMBRE-SE QUE O SEGRÊDO DE UMA LINDA CABELEIRA SEM CASPAS E

CABELOS BRANCOS

ESTÁ EM

EUTRICHOL ESPECIAL

EXPERIMENTE-O E VERÁ

MULTIFARMA

PRAÇA PATRIARCA, 28-2.°
S. PAULO

Remessa pelo Reembolso Postal

Crime contra a eugenia

(Cont. da pág. 16)

sôbre o mesmo ângulo, como se poderá verificar com a leitura das impressões colhidas.

O ATLETISMO FAZ MULHERES MUSCULOSAS

Estávamos na Confederação Brasileira de Desportos consultando a tábua de "records" de atletismo, tanto masculino como feminino, de tôdas as provas e classificações, quando o acaso nos colocou frente à frente com o Comandante Abel Barros, um entusiasta do atletismo, e que durante muitos anos pertenceu ao Conselho Técnico de Atletismo da C.B.D. O ilustre desportista, que, após um paciente trabalho, elaborou uma série de gráficos demonstrativos da eficiência dos atletas brasileiros nas diversas categorias, respondeu ràpidamente as perguntas. Considera que o atletismo não traz nenhum benefício à mulher, pelo contrário, torna-as musculosas, e que geralmente as atletas são criaturas horrorosas do ponto de vista estético. Considera, porém, que o desporto traz benefícios, como espírito esportivo, concentração, renúncia em face à derrota e, principalmente, vida ao ar livre, o que considera importante. Entre as provas praticadas e disputadas pelas atletas, acha os saltos impróprios para o sexo feminino e que os arremessos desenvolvem em excesso os músculos, e como menos prejudiciais, as provas de velocidade. Tècnicamente não acredita no atletismo feminino, mas o considera tolerável como exibição.

E' NECESSÁRIO TRAZER AS MOÇAS PARA AS PISTAS

Da sede da Confederação Brasileira de Desportos rumamos para outro quartel-general do esporte carioca, o do amadorista da metrópole, situado nos 14.º e 15.º andares do Edifício Martinelli, onde funcionam as entidades do basket, atletismo, volei, tênis de mesa, tênis e o Conselho Nacional de Desportos, órgão do Ministério da Educação e Saúde, que controla os esportes no Brasil.

Fomos ao estado-maior do atletismo carioca, ou seja, a Federação Metropolitana de Atletismo. Por estranha coincidência ouvimos a palavra do pai do nosso primeiro entrevistado, o veterano cronista Célio de Barros, chefe da seção esportiva do "Jornal do Brasil" e presidente, há vários anos, da entidade controladora do desporto-base carioca.

Célio de Barros, também presidente da Associação de Cronistas Esportivos, considera que o atletismo beneficia a mulher, colocando objeções em algumas provas. O atletismo — disse-nos o veterano — é útil ao sexo feminino, sob o ponto de vista físico, pelo incentivo proporcionado pela competição, ou ainda mesmo é um preparo para que a mulher possa encarar com tenacidade, enfrentar e vencer os embates da vida. Habituada a lutar nas pistas, atacará pela frente todos os problemas, com o mesmo desejo de vencer. O atletismo jamais traz a deformação. Considera as corridas como as provas mais próprias para as atletas. E' uma necessidade trazer as moças às pistas!

AS ATLETAS NÃO DEVIAM ARREMESSAR

O destino protege sempre o cronista quando êste se encontra na ânsia de achar elementos capacitados para responder a uma "enquête" sôbre assunto técnico. Fomos felizes, porque, logo após a entrevista com o presidente da Federação Metropolitana de Atletismo, deparamos, na sala da Federação de Volei, participando da cerimônia de comemoração do 10.º aniversário da entidade do esporte da rêde, uma representante do atletismo, "doublé" ou "triplé", não sabemos ao certo, de jogadora de volei e de basket, além de cronista de volei, colega, portanto, e ainda mais "Miss Botafogo" no recente concurso de um vespertino carioca para a eleição de "Miss Campeonato". Trata-se da bela atleta Ivone Santos, especialista em saltos.

A nossa confreira começou dizendo que a mulher deve praticar tôdas as modalidades esportivas: — "Sinto-me muito bem com a prática do atletismo — continuou a defensora do Botafogo no atletismo, basket e volei. — O meu estado físico é perfeito, e assim tenho aptidões para outras atividades. Quanto à contribuição do atletismo para a elegância feminina, isto é, conforme a pessoa. Olhe como eu sou! Considero provas próprias para moças, corridas e saltos. Sou contra arremessos de discos, pesos e dardos."

BRUTALIDADE!

Enquanto entrevistávamos Ivone Santos, um cronista esportivo, Isaac Cook, do "Diário de Notícias", prestava atenção às nossas perguntas e às respostas da nossa interlocutora. Quando terminamos, o abalizado jornalista, que escreve sôbre qualquer modalidade, pediu um aparte e fêz a sua declaração: — "Mulher só deve praticar volei e natação. O resto é uma brutalidade para o sexo feminino. Crime contra a eugenia. Sou por princípio contra a prática do atletismo por moças, mas julgo passável, desde que se excluam os saltos em distância e em altura, os arremessos."

A MULHER NÃO SE MASCULINIZA!

O repórter do Século XX tem que se valer de todos os recursos modernos para cumprir o seu trabalho: Utilizamos desta feita o telefone, para ouvir a palavra de um médico especialista; sim, porque existem esculápios que se dedicam à medicina esportiva, dando especial atenção a uma modalidade esportiva, como no caso do dr. Aluízio Cavalcanti Caminha, que há muitos anos presta assistência ao atletismo, sendo hoje médico da Federação Metropolitana de Atletismo, e da seção especializada do Clube de Regatas Vasco da Gama.

— "O atletismo não é impróprio para o sexo frágil (?), e traz benefícios à mulher, quando bem orientado — declarou o dr. Aluízio. — As mulheres masculinizadas é que procuram o atletismo para se exibirem, mas isto não quer dizer que o desporto-base masculinize as mulheres. Os arremessos e as corridas são as provas mais indicadas."

O ATLETISMO MASCULINIZA AS MULHERES

Não podíamos deixar de ouvir o mais antigo cronista esportivo, o veterano profissional Diocesano Ferreira Gomes, o irreverente "Dão", que, pelas colunas do "Correio da Manhã", comenta as coisas do esporte com um toque irônico como poucos cronistas conseguem secrever. Conhecendo a fundo o atletismo, sua opinião de veterano comentador não podia deixar de figurar nesta "enquête".

— "Acho que a mulher deve praticar todos os esportes — disse-nos o "Dão" — menos o box, porque, então, aí dos nossos narizes! Já li algures, em livros de medicina, que o atletismo masculiniza a mulher, se bem que os médicos de educação física consideram o contrário. As provas mais próprias para o sexo feminino, de acôrdo com o meu ponto de vista, são o salto em altura e o arremêsso do dardo. Faço questão de lembrar que foi o "Correio da Manhã" quem promoveu em 1938, a primeira competição atlética feminina, com a participação de vários clubes, colégios, e vencida pela representação do Fluminense. Nessa competição aberta tomou parte a representação da Sociedade Ginástica 1909, agremiação alemã de Lins de Vasconcelos, pioneira do atletismo feminino no Rio. No meu ponto de vista considero que a prática do atletismo por parte do sexo feminino só deveria ter lugar nos colégios, como exercício físico."

A MÉDIA DAS OPINIÕES

Após tantos pontos de vista desencontrados, uma pequena estatística nos fornece os seguintes dados: O atletismo deve ser praticado pela mulher? Sim, 5 — Não, 2. Quais as provas mais próprias para o sexo feminino? Corridas, 6 — Arremessos, 3 — Saltos, 2.

gústia irreprimível, mas durou frações de segundos essa ameaça ao seu bom humor: Marciana chamou-o e êle se extasiou diante dela. Como estava bonita! A cabocla rodopiou na sala e inundou-a de perfume silvestre e feiticeiro ante a admiração orgulhosa do companheiro.

Marciana ainda era a rainha das festas da fazenda! Puseram-se a caminho. No centro do terreiro da fazenda ardia uma grande fogueira que crepitava e soprava no ar miríades de estrelinhas fagulhentes. Ao seu redor o chão era liso e propositadamente preparado para o tradicional arrasta-pé. A chegada de Jerônimo foi saudada com alarido pelo pessoal. Marciana e Mundico apressaram-se em ir pedir a bênção ao velho coornel e às filhas. Em seguida a cabocla buscou a velha tia Rita e entregou-lhe o filho. Que se portasse, hein Mundico?... A negra velha soltou uma gargalhada. Pois sim! Que caísse na dança e largasse o menino... O terreiro estava cheio de homens e mulheres, moços e velhos, pretos, mulatos, caboclos, em estreita solidariedade. Maneco e Jovino procuraram o Jerônimo:

— S'tá quase — respondeu Jerônimo.

— Como é, cabôco?...

— Ole — disse-lhe o Jovino — a Marciana tá um taco!

Jerônimo simulou ofensa:

— Não amola, hein nêgo!...

Os dois crioulos desataram a rir e sumiram de novo. Um molecote veio dar um recado do coornel, que podia começar o baile quando quisesse.

— Pois é p'ra já! — respondeu o caboclo mobilizando os companheiro para o primeiro chôro. O chão desapareceu. Gritinhos femininos, vozes e risadas masculinas, palmas, crepitar de fogueira e aquêle som de cachoeira que vinha dos pés em atrito com a terra, levaram para longe um convite à alegria e à paz. Música, Jerônimo! E o violeiro atendia, incansável, constante. Vamos, gente! — gritava êle por sua vez pará os companheiros, e a sanfona gemia entre os dedos ágeis de Amâncio. Quéde o cavaco! — provocava Amâncio, e o mulato do cavaquinho calcava mais as cordas e exibia as gengivas num esgar de satisfação. Marciana passou perto e acenou para o marido. O coronel parecia radiante e aos poucos foi metendo os seus convidados na pândega. Os brancos formaram seus pares e misturaram-se com os donos da festa. Num dos intervalos, porém, o doutor Silva defrontou-se com Marciana e tirou-a. A cabocla acedeu com naturalidade. Veio a segunda vez e então não pode reprimir a sensação de mal-estar que a proximidade do engenheiro lhe causava. Jerônimo viu-os mas não denotou o menor sinal de contrariedade. Na terceira vez consecutiva Marciana relutou sôbre se deveria continuar mostrando-se ao marido nos braços do doutor. Teve medo e no intervalo que se seguiu correu para perto de Jerônimo.

— Você só dançou uma vez comigo, hein moço! — censurou ela.

— Uai, gente! Onde já se viu a música dançar?

E o caboclo riu gostosamente, imitado finalmente pela mulher, que dissimulava perfeitamente as suas apreensões.

— Proveite, Marciana! — animou-a Jerônimo. — Isso não tem todo dia, não, minha santa!

— Ah, já estou cansada...

— Ah, o quê!...

— Sério.

Amâncio interveiu.

— Agora é comigo, uai!

Depôs a sanfona no banco e já se foi com a cabocla. Esta sentiu bater-lhe o coração desordenadamente ao avistar o engenheiro de olhar fixo nela. Teve ímpeto de fugir do baile, porém, algo mais sensato refreiou-lhe o impulso. Que desculpa iria dar? Estragaria a noite de Jerônimo. Nessa indecisão foi cair mais uma vez nos braços do impertinente moço. E ela notou como êle a apertava e como insistia em se manterem longe das vistas do caboclo. Nada, porém, lhe dizia. Era um jôgo de sentidos e de olhares que dispensava palavras. Uma sensação brusca de horror e de repulsa invadiu o íntimo de Marciana, que mal se viu livre voltou à presença de Jerônimo, disfarçando com prodigiosa energia tôda a sua perturbação.

— As horas estão indo, gente — observou alguém, como se fôsse soprado por um anjo.

— E' mesmo — acentuou Marciana, dirigindo o olhar em volta. Tia Rita já foi?

Responderam-lhe afirmativamente.

Também não se viam mais no terreiro o coronel e as filhas com os convidados.

— Vou ver Mundico, sim Jerônimo? Depois eu volto.

O caboclo assentiu com um gesto e ela dirigiu-se para o quarto de tia Rita, onde surpreendeu Jovino e Maneco de conversa com a velha.

— Uai, gente! Quê que houve? — exclamou admirada a cabocla.

— Estamos fazendo hora — respondeu Maneco, acrescentando maliciosamente: — Deram a "lata" no Jovino e eu o trouxe p'ra cá.

— Bobagem! — protestou Jovino.

— Foi mesmo Jovino?... Cruuuz!

— Que nada, Marciana. E' invenção dêsse moleque.

— Invenção um meio de prosa! Então não vi?...

— Ah, não acredito não... — chasqueou a cabocla.

— Pois olhe — insistiu Maneco — vai lá e pergunta a ela.

Marciana riu da contenda entre os dois amigos e perguntou à velha pelo seu filho. Dormia com os anjos — respondeu tia Rita. Maneco voltou a falar:

— Olhe, Marciana, já que você está aqui bem que podia arranjar um cafézinho p'ra gente.

— Arranjo, ora! E' só ter água; tem tia Rita?

Não tinha. Acabou. Era preciso ir buscar lá em baixo. Alguém apareceu à porta e chamou pelos dois negros; queriam vê-los lá no terreiro. Logo agora? — protestou Maneco. Marciana conciliou: que fôssem que enquanto isso ela faria o café. Êles aprovaram e saíram. Segundos depois ela fêz o mesmo com um pequeno balde de mão. Desceu o declive do terreno e alcançou a seva, ao lado da qual ficava a bica sob uma coberta de telhas. Com noite clara enxergava-se bem, de maneira que ela não teve dificuldade em chegar ao local. Juntou as saias entre os joelhos, tomou posição menos exposta aos respingos da água que jorrava do cano ininterruptamente, lavou o balde e encheu-o em poucos segundos. Depositou-o depois no chão, e, ao retocar a roupa, ouviu passos atrás de si. Virou-se e mal pôde conter um grito de susto. O doutor Silva estava à sua frente e olhava-a em silêncio.

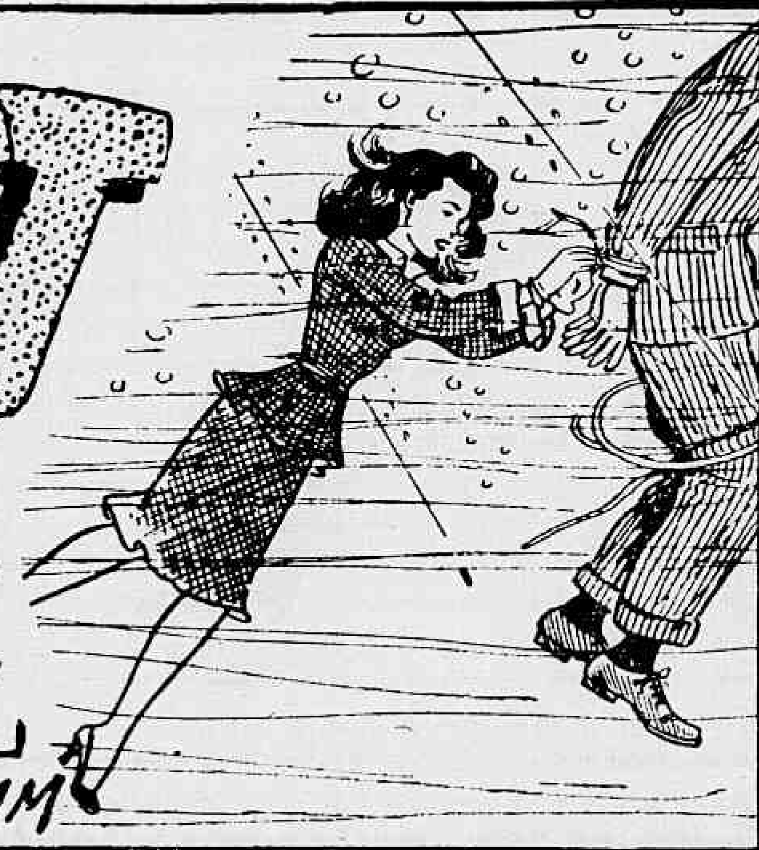
— Quê quer o senhor aqui? — falou ela com quem se desabafando. O homem não respondeu e limitou-se a sorrir enigmàticamente. De olhar afogueado e folego aproximando lentamente. Ela impertigou-se e esperou, ferindo-o por sua vez com um olhar selvagem de advertência. Pressentindo a luta, a bela cabocla arfava. Um raio de luar espremeu-se por uma fenda do telhado e beijou-lhe a face enrijecida. O homem continuou avançando, mudo, ofegante, como que fascinado. Um passo mais, um toque de mão, e súbito estalou-lhe no rosto um violento tapa! Surprêso com o gesto corajoso da mulher, e convencido agora do fracasso do seu primitivo intento, rendeu-se à raiva e à obstinação da desforra. Renovou com brutalidade o ataque. — Vê lá, moço! — exclamou ela sentindo-se envolvida. Revidou às tapona que nenhum efeito surtiam, pois o homem conseguiu agarrá-la e anular-lhe quase todos os movimentos. Vendo que a conclusão da luta não a favorecia, Marciana gritou. O engenheiro assustou-se e tentou tapar a bôca da mulher com a mão. Desvencilhando-se, porém, dessa manobra, ela tornou a gritar. Já estavam em plena luz da lua e ela notou que o repentino descontrôle do seu agressor ante os seus gritos tornou-o mais vulnerável aos seus golpes de defesa; reuniu as fôrças que ainda lhe restavam e deu-lhe um forte empurrão. O homem desequilibrou-se, oscilou sôbre os calcanhares e foi cair de costas, aos pés de Maneco e Jovino que presenciaram, atônitos, o último lance da surpreendente luta. Sem dizerem palavra ergueram aos safanões o desavisado moço e foram-lhe ministrando os primeiros corretivos. Como louca, Marciana precipitou-se sôbre êles e os separou: não cometessem os amigos uma loucura maior!

— Não, Maneco! Não, Jovino! Pelo amor de Deus!

(Cont. no próximo número)

Nº 24
A MULHER SCARLET INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM



SCARLET SENTE UMA DOR AGUDA NAS COSTAS MAS A BALA TINHA PERDIDO A SUA FORÇA PENETRANDO NA AGUA.





COM OS BRAÇOS LIVRES FINALMENTE SANDY E SCARLET NADAM POR BAIXO D'AGUA... TODAS AS VEZES QUE SOBEM PARA RESPIRAR, AS BALAS CHOVEM.



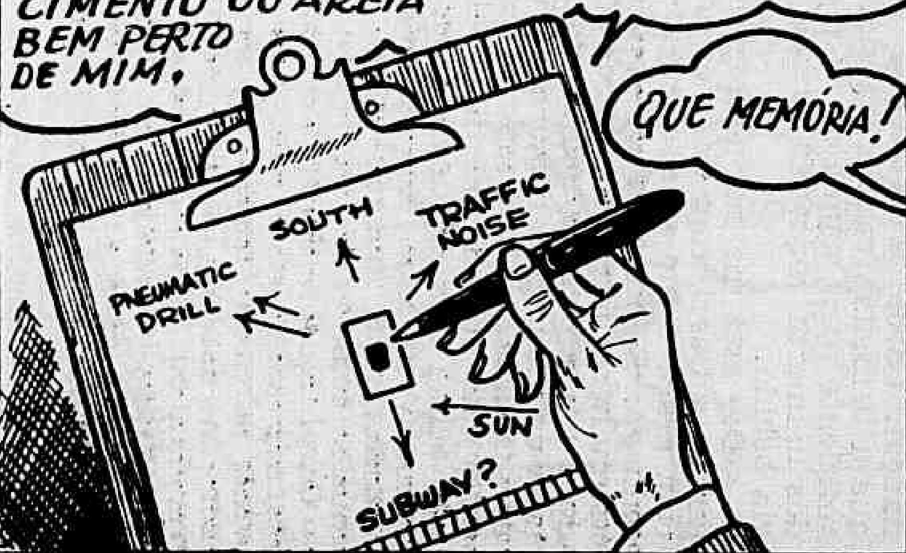


QUANDO RECOBRE! OS SENTIDOS ESTAVA EM UM COMPARTIMENTO CHEIO DE CAIXAS.





EU TINHA UMA IDÉIA DO TEMPO PELOS RUIDOS DO TRAFEGO. E SABIA QUE ESTAVA VIRADO PARA O SUL PORQUE UM RAIO DE SOL BATIA NA PAREDE DA ESQUERDA. OUVIA UM RUIDO QUE PARECIA O TREM SUBTERRANEO DE QUANDO, E QUANDO. E, POR ALGUM TEMPO ALGUEM ESTAVA MISTURANDO CIMENTO OU AREIA BEM PERTO DE MIM.









Viver com AMOR

Conclusão do capítulo XIII

Após a ceia, Carol e Scott dançaram e foram jogar bridge. Diversos outros cavalheiros tiraram Carol para dançar, e ela notou em todos êles uma espécie de retração, uma espécie de medo de intimidades mais ou menos familiares, como se não desejassem atrair dos presentes a atenção em tôrno da divorciada. Carol compreendeu bem a situação. Tudo era por culpa de sua situação civil que, embora legal, lhe criava dessas inconveniências.

Era curioso notar que, antes do seu divórcio, quando ainda era a espôsa de Bill, ela como que se sentia mais livre, os homens conversavam e dançavam com ela como se não estivesse casada. E agora... Tudo em sua volta se lhe afigurava como se Carol fôsse uma pessoa estranha ao meio e não estivesse na sua terra, no meio de sua gente.

Àquele tempo todos lhe diziam:

— "Já é hora de irmos juntos jogar uma partida de bridge". Ou então:

— "Que tal um passeio a cavalo antes do jantar e uma partida de golf no próximo domingo?". "Poderemos ir nadar". "Convide o Bill". E agora... Apenas lhe diziam cheios de discrição: "Você está de boa aparência, Carol". Ou então: "Uma bela reunião, não acha?".

Como tudo estava diferente! Seriam os homens mais honestos do que as mulheres? Talvez que fôssem as mulheres mais inclinadas a certos sentimentos amorosos, mais "pretendentes". Carol notara também que o tratamento que recebia de suas velhas amigas não sofrera alterações. Conversavam sôbre assuntos femininos e íntimos, falando cordialmente de casos de seus interêsses, demonstrando que a velha confiança não havia esfriado com a nova posição social da divorciada. Carol, porém, notava que não possuia mais aquêle "stock" de assuntos de que dispunha antes, e tinha que parar na conversa.

Fazendo um estudo acêrca dêsse fenômeno, ela chegou à conclusão de que, quando uma senhora perde o espôso, o lar e não tem filhos, sua reserva de conversas e de assuntos junto às amigas diminui muito, nada havendo de mais interessante e vivo para animar a palestra.

Pensava ela nessas coisas tôdas, quando Johnny a convidou para dançar. Carol o atendeu e notou que a belíssima ceia havia sido insuficiente para suplantar os efeitos dos inúmeros coquetéis que êle havia bebido.

— Dee está me enlouquecendo — diz êle a Carol, com sua voz grave, com graça e um sorriso meio abobalhado. E prosseguiu: — Porque as mulheres nos põem loucos quando a gente está se deliciando com uma noite tão bela como esta? Você não faria isso, não é mesmo Carol? Ouça esta música. Que linda ela é, não acha? Isso me domina por inteiro. Você sabe, fico enfeitiçado, transformado, quando ouço uma música como esta.

Carol lançou um olhar para o grande salão onde cêrca de uns vinte pares se entregavam ao prazer da dança. Debalde procurou ver Ian ou Scott. Aquêles comentários de Johnny, quase murmurados aos seus ouvidos enquanto dançavam, estava causando aborrecimentos em Carol. E lá estava Dee com ares de menina ciumenta. Mas Johnny, que estava alterado pelos coquetéis, prosseguiu:

— Carol, por que Bill fêz isso com você? Certamente estava louco. Você... você é admirável, encantadora. Sempre pensei assim a seu respeito. Aquela Evelyn... é bonita, mas sem graça, muda, caladona. Não acho graça nela, pode crer, Carol.

De súbito, sem motivo algum, êle parou e oscilou como um coqueiro açoitado pelo vento. Carol o segurou firmemente pelos ombros e lhe disse:

— Johnny, vamos sentar.

Entretanto, estas palavras de Carol não foram ouvidas por Dee, que não tirava os olhos dela e do espôso. Sòmente viu que êles estavam abraçados e parados no meio do salão.

A êsse tempo Dee também dançava, mas, a cada volta, procurava com os olhos o espôso nos braços da divorciada. Diante daquele quadro, quando Carol procurava manter John em pé e o convidava para sentar-se, Dee não mais se conteve no seu ciúme de fogo e, também parando de dançar, aproximou-se e gritou alto para Carol:

— Você como não tem mais marido pensa que pode tomar o meu, ou qualquer um outro, não é?

Carol sentiu a mais terrível emoção de sua vida. Para ela tudo havia parado. A música, os pares, tudo estava ouvindo a palavra agressiva de Dee.

Diante daquela cena, todo mundo deixou de dançar e a música parou, na verdade. Fêz-se silêncio no salão. Dee estava lívida de ódio. Seu marido, porém, com a maior calma e serenidade interveio:

— Mas Dee, por Deus!

Num instante viu Carol que Scott estava ao seu lado. Não viu de onde veio êle. Mas, logo que chegou junto dela foi dizendo com sua voz grave:

— Vamos embora, Carol.

Seu modo de falar-lhe era como se êle fôsse o seu mentor ou dirigente de seus atos. Carol estava passada de vergonha. Não sabia em que terreno estava pisando e não teve ânimo de olhar para trás nem ver Dee e o seu espôso. Ao chegar ao "hall", alguém lhe entregou o agasalho. Ouviu ela que Ian, Freda, Lillian e Browne, filhos de Freda lhe diziam alguma coisa; mas Carol não percebeu nada, absolutamente. Um instante depois estava sentada no carro de Scott, com as faces lívidas e os olhos secos, sem lágrimas.

Scott, diante do estado de espírito de Carol, teve pena dela e lhe sugeriu:

— Vamos dar umas voltas antes de levá-la ao seu apartamento. Dee esteve bebendo muito na reunião. Sinto muito Carol, o incidente. A mulher de Johnny foi precipitada e injusta. Estou desolado com a cena.

Carol esboçou um amargo sorriso. Depois falou:

— Sei que sou uma ameaça, Scott. Não inspiro confiança a ninguém mais, pois que sou uma divorciada. Já não posso frequentar a sociedade, de maneira alguma. Não pertenço a êsse meio.

— Deixe de tolices, Carol!

— Não. Não é tolice. E' uma verdade. Não sou mais do que uma alegre divorciada. Nenhuma dificuldade, nenhum mistério houve a meu respeito quando era eu a espôsa de Bill. Eu era uma partícula da sociedade local, parte integrante do meio social e não perturbava os lares nem os casais. Hoje... os homens dançam comigo na maior seriedade, silenciosos e estranhos, e quando um me dirige a palavra sôbre coisas sem importância e eu o convido para sentar-se, pois vi que estava sob os efeitos do álcool, sua mulher me agride com injúrias no meio de um salão cheio de famílias e conhecidos.

O ar fresco da noite infletindo em suas faces lhe fêz bem. Depois de breve silêncio, ela prosseguiu:

— Há nestas situações algo mais do que uma simples visita a Reno, Scott. Tudo isto é muito embaraçoso e eu não vejo meios de ajuda. Acho-me como se estivesse diante de um leopardo que procura sua prêsa. Ou como um animal que busca um novo local para viver sossegadamente. Você não pode imaginar o que é a situação de uma mulher que já não tem mais espôso, o que ela sente e o que dizem dela ou pensam as pessoas sem espírito de justiça. Estou como aquêle animal que procura um sítio para viver. Evelyn nunca me fêz nada que me ofendesse ou aborrecesse desde que se casou com Bill; mas o divórcio me tem feito muito mal. Este, sim, é o meu maior e único inimigo. Evelyn, não.

— O divórcio em nada influiu em minha consideração para com você, Carol — disse Scott.

— Reconheço que você tem sido muito gentil e atencioso para comigo, e eu jamais esquecerei suas atenções e delicadezas. Desejo e espero que você não o faça por piedade e sim por amizade e desejo de ajudar-me.

Pelo espírito de Scott passou um pensamento. Êle teve vontade de declarar-se, de dizer-lhe: "Senti prazer em vê-la divorciada. Seria uma chance para mim". Porém, se conteve. Ainda não. Ainda era muito cedo. Seria precipitação sua. O momento ainda não era aquêle. Reconhecia, porém, que o incidente lhe havia proporcionado excelente brecha nas muralhas das dificuldades, melhorando o ambiente para seus planos. Animando-se, êle avançou um pouco o sinal e disse:

— Eu sempre gostei de estar com você, Carol. Nós somos velhos amigos.

Volveu a cabeça e sorriu amàvelmente para ela. Mais animado ainda,, prosseguiu êle:

— Você deve estar fatigada. Deite a cabeça em meu ombro.

Dizendo isso, Scott parou o carro e a enlaçou, apertando-a contra si. O contacto do corpo de Carol o excitou. Em seguida disse:

— E' muito agradável ter-se com quem trocar confidências numa bela noite como esta. Não podemos perder o ensêjo.

— Acha você que deve ser êste o procedimento humano?

Êle fêz com a cabeça um sinal de afirmação.

— Sim, inclusive eu. Penso que sou de inclinação para aproveitar êsses momentos, pois o que se vai suceder depois não tenho a menor idéia. Ninguém pode dispor de regras matemáticas. Vivemos ao léu de idéias loucas. Parece que estou a dizer tolices.

— Você não tem sido louco. Agradeço-lhe as atenções e peço que me leve para casa. Estou muito bem. Não se preocupe comigo.

Carol dispensou o oferecimento do ombro para nele repousar a cabeça e procurou afastar-se do seu abraço, discretamente. Para não dar mais corda àqueles ensaios de paixão, ela preferiu que a conduzisse ao seu apartamento.

Capítulo XIV

W E G E R

Ao chegarem ao elevador do edifício em que se situava o apartamento de Carol, Scott lhe disse:

— Espero que não se tenha aborrecido comigo, e que o ocorrido não signifique o fim de nossas relações.

— Percebo que o tornei um mártir esta noite, Scott. Garanto-lhe que não farei mais isso com você.

Ela estava linda, ao seu lado, com aquêle abrigo de leve côr azul cobrindo-lhe os ombros, o vestido branco caindo graciosamente em volta dos pés pequenos metidos nos sapatos brancos, côr de prata, as faces pálidas mas ainda sem lágrimas.

(Cont. na pág. 54)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Carol Sturtevant, jovem divorciada, empreende uma viagem de turismo para esquecer o passado. Faz a bordo várias amizades e, já de volta, no pôrto de Havana, entra no círculo de suas relações o engenheiro Clive Holdridge, que a convida para jantar, dançar, irem juntos ao cinema. Ela, porém, aceita apenas o jantar e os aperitivos no bar. Depois de ter chegado a Nova York é convidada por Clive para jantar em sua companhia e se declara apaixonado por ela. Depois de sua excursão, volta Carol à cidadezinha de Clinton, sendo recebida entre abraços por sua amiga Freda, que lhe arranja apartamento. Carol deseja muito conhecer Evelyn, a nova espôsa de seu ex-marido, Bill, e sabe que ela está hospedada com êle no Hotel Beaumont. Em Clinton, Carol é cercada de tôdas as considerações por parte de sua amiga Freda, espôsa de Ian Kelly. Tendo sido convidada para jantar numa roda de amigos no clube, Carol tinha apenas receio de que Bill e Evelyn tivessem naquela noite o mesmo pensamento e os três se fôssem encontrar naquele meio social. Tendo comparecido em companhia de seus amigos à reunião do Clube, Carol se sentiu profcndamente perturbada com a presença ali de Bill e da espôsa dêste, Evelyn. Procurando resumir sua visita àquele meio, pediu para retirar-se, sendo acompanhada até ao seu apartamento por Scott, de quem se despediu à porta, pedindo-lhe desculpas por lhe não ser conveniente convidá-lo para subir. Já não bastando a Carol os cortejos de Scott, um dia chega à estação ferroviária da cidade o impertinente Clive, que lhe telefona pedindo um encontro na própria estação. Carol comparece e fica surpreendida quando o seu ex-companheiro de turismo lhe propõe uma união extra-legal. As confidências que Carol fazia junto à sua amiga Freda cada vez mais provavam que esta parecia pender para os lados de Clive procurando influenciar no espírito de Carol um esquecimento a respeito das pretensões de Scott.

ROMANCE DE **MARGARET G. NICHOLS**

POR ÊSSE MUNDO AFÉRA...

MATANDO A MÚSICA



Há um cidadão em Viena, a famosa capital das valsas imortais, que pretendeu esta coisa inconsequente: tocar piano durante cem horas seguidas.

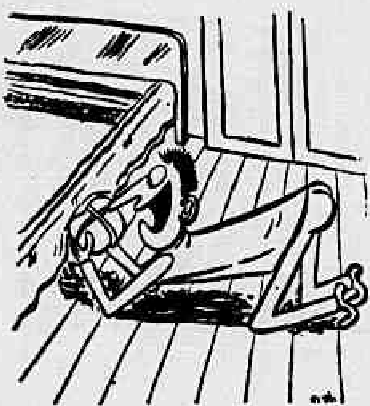
Chama-se êsse pica-pau do teclado Heinrich Tauber, de 49 anos, recordista do mesmo gênero, com oitenta e nove horas ao piano em 1930. Êle agora deseja ultrapassar o seu próprio feito.

Para isso pediu licença ao Conselho Municipal de Viena, que não concordou com a proeza alegando que a mesma "não constituía uma realização musical ou artística e a licença devia ser rejeitada por motivo de ordem cultural".

Em verdade, caro leitor, o que se deseja, quando um cidadão se debruça sôbre o teclado de um piano, é que dali saiam acordes e harmonias agradáveis, colcheias e semi-colcheias, fusas e semi-fusas, bemóis e sustenidos que nos arrebatem o espírito, arranquem lágrimas ou exclamações de entusiasmo. Porém, que um senhor esportista comece a tocar piano num sábado e termine numa quarta-feira já cansado, exausto, dedos trêmulos, cabeça vacilante, isso não é arte, é um meio infeliz de morrer e matar a música.

Muito bem andou o Conselho Municipal de Viena negando licença para essa exibição simplesmente anti-artística. Se ao menos o heróico pianista fosse vencido em seu recorde por outro, ainda se admitiria a idéia; mas, ultrapassar-se a si mesmo sem nenhum proveito para a Arte, isso não se poderia admitir em lugar nenhum dêste mundo, especialmente em Viena, a capital das belas músicas e dos grandes maestros.

SURPRESA NUM CASAMENTO



O mais exquisito presente de núpcias que receberam Genaro Spegnulo e sua espôsa no dia do seu casamento, foi aquêle que o ofertante deixou debaixo da cama do casal.

Era um embrulho como qualquer outro. Mas, ou por acanhamento, ou para causar surprêsas aos nubentes, o afeiçoado amigo não quis entregar sua lembrança como todo mundo faz. E deixou o pacote sob o tálamo nupcial, aguardando o resultado para depois.

Já estava tudo em silêncio e os noivos a pronunciar o seu "enfim, sós!", quando o presente misterioso produziu os seus efeitos.

Grande explosão fêz atroar os ares e estremecer a casa de Genaro Spegnulo, alarmando o casal e tôda a vizinhança naquela pacata cidadezinha do sul da Itália.

Que teria sido?

Apenas isto: O presente de um amigo urso do noivo ou da noiva, cuidadosa e astuciosamente colocado sob a cama de casal no quarto de dormir dos dois pombinhos era... uma bomba!

Parece, leitor, que, no gênero, é o primeiro presente de núpcias que bate todos os "records" de publicidade, estourando justamente como uma bomba entre os que desejam casar-se ali, e tornando aquêles noivos os mais falados do país...

ESPIRITO COMERCIAL



E' muito grande a credulidade humana. Já os latinos diziam isto: "Stultorum infinitus est numerus", ou seja, é infinito o número dos tolos.

Em Milwauke, Estados Unidos, a senhora Mary San Felippo, de sessenta e um anos, e sua filha Rose, de trinta e dois, passaram dezoito anos a entregar dinheiro a espíritos para que êstes não atormentassem a família Felippo.

As duas crédulas de Milwaukee passaram êsses dezoito anos a mandar dinheiro aos habitantes do outro mundo, com os quais se comunicavam por intermédio de Angeline e de suas cartas e bola de cristal. Mas, um dia, desconfiando da eficiência da "medium", elas acharam que os espíritos não estavam procedendo com lisura, ou então não recebiam os dólares entregues à intermediária. Mas quando a verdade chegou ao crânio dessas duas pobres senhoras, já elas estavam pobres de dar tanto dinheiro aos espíritos insaciáveis...

Nada menos de cinquenta mil dólares a esperta Angeline Farina papou, à revelia dos bons espíritos protetores dos vivos dêste mundo enganoso... O que ainda consola as duas bobas é aquela promessa divina: "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino do céu". Mas, enquanto isso, vai Angelina comendo sua "farinha" a custa da credulidade dos Felippos. Aguentem, pois...

VERDADE NUA E CRUA



Quem não deseja conhecer a magnitude das florestas amazônicas, penetrar-lhes os mistérios vegetais, assistir às lutas dramáticas dos seus habitantes, ouvir o canto do misterioso Uirapuru e examinar à sombra de um castanheiro uma jequitirana viva? Quem não gostaria de percorrer os campos dos Muiraquitãs, receber de um Pagé as orações para afugentar os espíritos e sentir no âmago das florestas virgens o fascínio das Icamiabas? Tudo isso é um desejo dos civilizados, embora, quando qualquer um de nós se avizinha das selvas amazônicas, o nosso instinto de conservação nos adverte: "vê lá, hein?"...

Mas, assim como entre os homens das capitais há curiosidade em saber o que vai pelo interior das matas, também entre os índios selvagens há o desejo de saber como é a vida de uma grande cidade, seus costumes, seus habitantes, seus meios de vida...

Foi pensando assim que dezesseis índios da tribo "Paquidaris", habitantes do Rio Negro, resolveram visitar a cidade de Manaus sem aviso prévio.

Para realizar o sonho, postaram-se à margem do rio e aguardaram a passagem de um barco em direção à capital do Amazonas. E assim fizeram. Tomaram a lancha a motor e, enfrentando a oposição dos poucos tripulantes, forçaram a viagem até lá, alegando que desejavam conhecer a capital.

Mas... estavam todos exatamente como se via Adão no Paraíso antes de comer maçãs. E isso não era possível em pleno dia nas ruas de Manaus. Os selvícolas ignoravam que entre êles e os civilizados a maior diferença é a roupa. Mas para tudo há sempre um jeito. Ainda no pôrto, impedidos de seu passeio turístico, vestidos a Adão, veio conversar com êles uma comissão de funcionários da Inspetoria dos Índios, por intermédio de um padre Redentorista, que falava o idioma dos inocentes "Paquidaris". E, depois de receber roupas e presentes, visitaram a cidade de seus sonhos... despidos de qualquer vaidade.



TUDO ISTO ACONTECEU

Pode uma pessoa da espécie humana nascer sem braços, sem pernas e pesando apenas pouco mais de meio quilo? Sim, poder pode, mas... com certeza não sobreviverá uma semana, quando muito, dirão os mais lógicos.

Entretanto, o que aconteceu com o sr. Pierre Mahieux desmente uma opinião à priori acêrca da faculdade de viver de uma pessoa assim nascida.

Creia o leitor que êsse Mahieux, apesar de ter vindo ao mundo sem braços e sem pernas e pesando exatamente 600 gramas, já está hoje com setenta anos, pesa 17 quilos e mede 58 centímetros de altura.

Segundo uma notícia de "O Século", de Lisboa, êsse homem fenomenal descende de pais absolutamente normais, camponeses robustos, já estando o seu genitor com 95 anos de idade.

Pierre Mahieux goza de tôdas as faculdades mentais, sabe ler e escrever com bastante rapidez, firmando um lápis entre os dentes. Mas não é só isto que o homem-teratologia consegue fazer. Êle pinta e, graças a certas ferramentas especiais, chega a fazer brinquedos de madeira.

Para viver precisa, porém, de auxílio de outras pessoas. Sua prima, a sra. Hersard, lhe faz a barba e dá de comer.

Embora um homem bem humorado, o sr. Mahieux não suporta os repórteres de jornais e de cinema. Um dos seus dias mais atormentados foi aquêle em que um cineasta tentou filmá-lo como espécime de grande sucesso dentre as curiosidades mundiais. Mas, ao que nos consta, o homem da máquina cinematográfica conseguiu burlá-lo, pois há quem tenha visto o sr. Mahieux numa de nossas telas.

Êste homem-fenômeno é uma prova de que, para vivermos e possuirmos todos os atributos de uma vida normal, não é indispensável ter pernas e braços. E até parece que um homem assim é mais feliz, pois está isento de praticar certas asneiras e meter os pés pelas mãos...

Mais de duzentos cães de tôdas as raças e de diversos canis do Distrito Federal, de São Paulo, Santos e Recife, desfilaram na tarde de domingo, 11, no campo do Botafogo F. R., à avenida Venceslau Braz, quando ali se realizou a 33ª Exposição Nacional do Brasil Kennel Club. E' de um dêsses magníficos "specimes" o que nos mostra a gravura acima, sem dúvida entre os que mais se distinguiram naquela requintada prova. As exposições caninas são antigas no Rio — e os mais velhos devem lembrar-se das primeiras, levadas a efeito no Campo de Santana, quando pontificava a crônica elegante e autorizada de Figueiredo Pimentel com o seu prestigiado "Binóculo". Já naqueles dias remotos, criadores nacionais primavam em conduzir ao recinto do certame seus bichos de estimação. Hoje, porém, êsse acontecimento periódico foi regulamentado pelo Kennel Club, criando prêmios e honrarias de suma importância para os cães premiados, como ainda êste mês sucedeu

NESTE NÚMERO

SEÇÕES PERMANENTES

Uma visita à cidade do Rádio (Martins D'Alvarez) 3
A Personagem da Semana 7
A Semana em Revista . 7

REPORTAGENS

Só não esquecem o corpo 4/5
Crime contra a eugenia (Levy Kleiman) 12/17
A morte de Lincoln e o café 18/20
Será isto existencialismo? (Sabino Canalini) 20/25
Inverno e neve na Serra da Estrêla (Celestino Silveira) 30/35

LITERATURA

Vida Literária (F. Cattete Reis) 8

NOVELA

Tormenta (Edson Kneipp) 10

HUMORISMO

Procura-se um nome (Théo) 11
Por êsse mundo afora .. 57

CINEMA

Cine-Revista (Luiz Alípio de Barros) 26

CONTOS

As estrêlas ajudam a rezar (Eddie Augusto da Silva) 28

CARICATURA

Bom Humor 36

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos (O. B.) 37
Problemas da Mulher .. 38
Lingerie 38
Para o fim de estação . 39
Week-end na Cozinha . 40
Mães e filhos 41
A saúde do bebé 42
Modelos Juvenis 43

MÚSICA (Roberto Lyra Filho) 51

FOLHETIM

Scarlett 55

ROMANCE

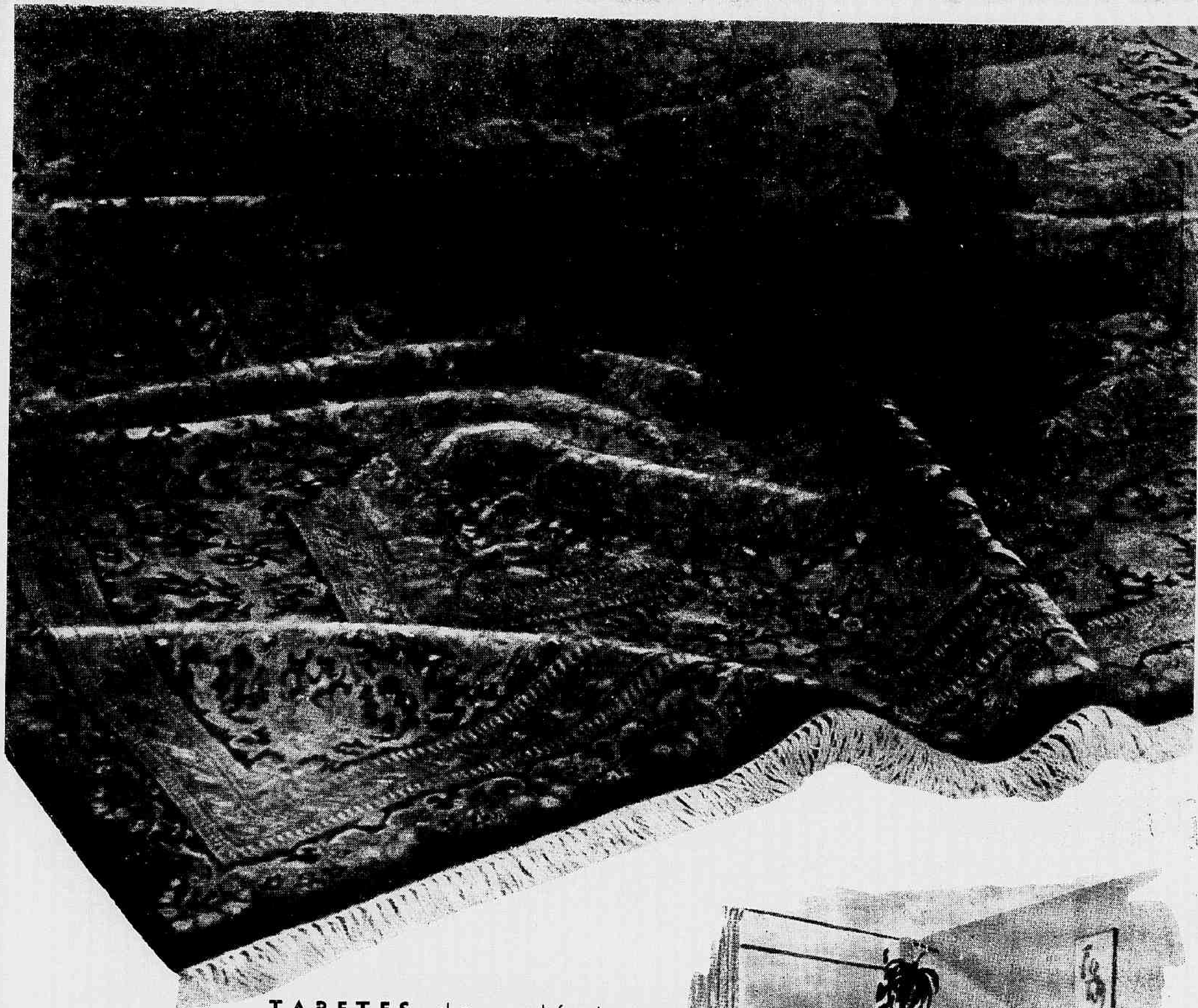
Viver com amor (Margaret G. Nichols) 56

ILUSTRAÇÃO
Luiz Canabrava

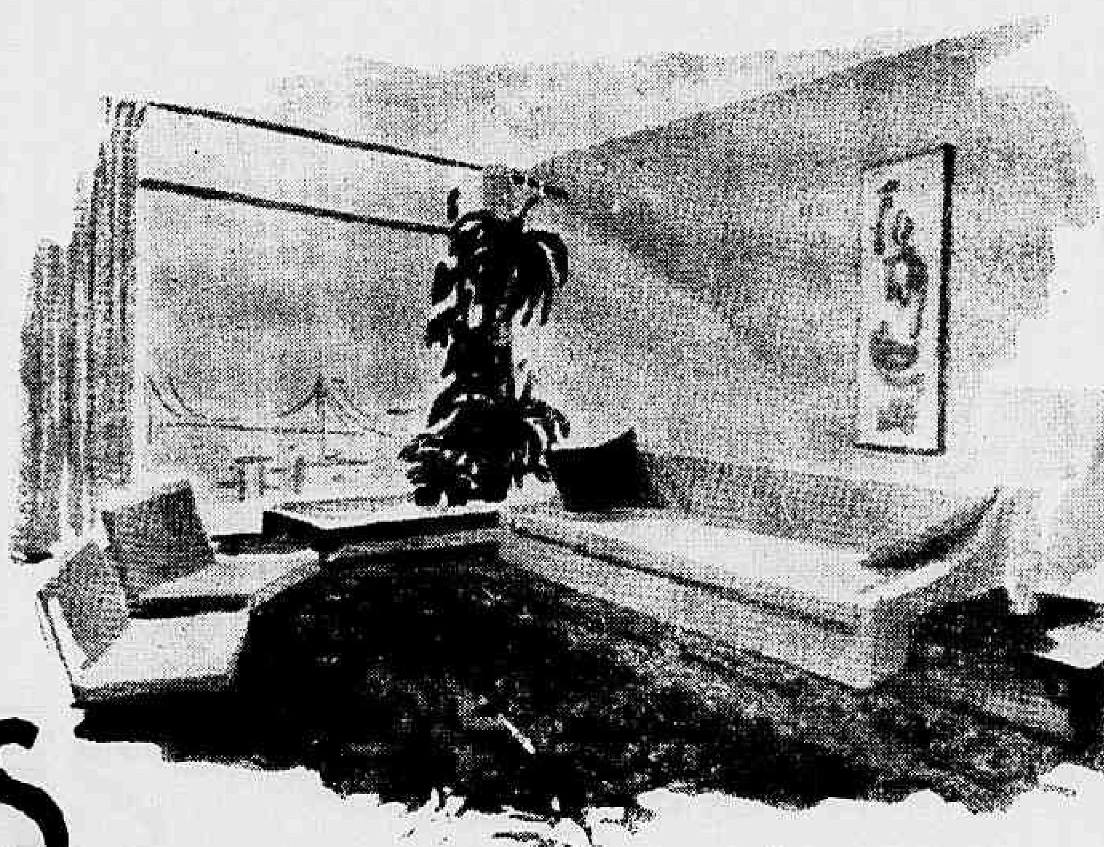
NOSSA CAPA



Kathryn Grayson, da M.G.M.



TAPETES de pelúcia e
TAPETES e **PASSADEIRAS**
com **flores**, recebidos da
Inglaterra



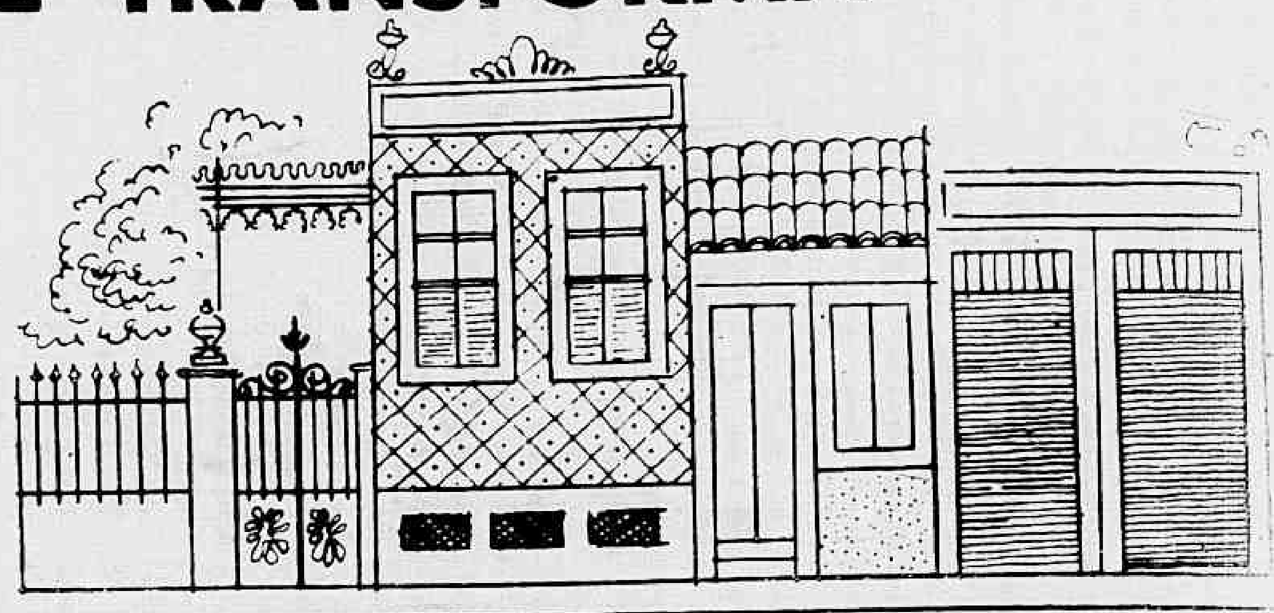
UM MUNDO DE TAPETES

Grande sortimento de
TAPETES e **PASSADEIRAS**
franceses, tchecos, portuguêses e
nacionais — diretamente das fábricas
MOBILIÁRIOS — DECORAÇÕES
orçamentos e sugestões **GRÁTIS**

CASA NUNES
MARCA REGISTRADA

65 — RUA DA CARIOCA — 67 — RIO

A ARQUITETURA SE TRANSFORMA





...mas a preferência pelos cigarros Continental permanece

Há mais de 15 anos Continental é o cigarro de qualidade mais vendido em todo o Brasil



Sim — a evolução é uma característica marcante da arquitetura brasileira, mas entre os brasileiros, a popularidade dos cigarros Continental permanece a mesma. Porque a suprema qualidade dos cigarros Continental mantem-se sempre **uniforme.** Hoje, como ontem, Continental é o cigarro de qualidade mais vendido no Brasil.

Cigarros Continental

- uma preferência nacional

LISOS OU COM PONTEIRA

Companhia de Cigarros SOUZA CRUZ